

Sexta-feira
30 Outubro 2009
www.ipsilon.pt

P
Público

EMRIC VIVES RUBIO. ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO Nº 7150 DO PÚBLICO E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.



ípsilon

Com a mão na câmara

Videoclips em Portugal

David Fonseca Nico Muhly Jeanne Balibar Augusto Alves da Silva Steve Reich

Vodafone 360



Sempre perto dos colegas e ainda mais perto dos amigos

Todos os seus contactos organizados como mais gosta

www.360.com

power to you

Sara Lima
sempre em festa



Catarina Almeida
Conferência em Roma



Maria Oliveira
está em grande



esta
acorde



Carla
no escritório



Miguel Correia
a trabalhar muito



João Ferro
não larga a guitarra



Bernardo C.
A fechar orçamentos



FLASH



LOIC VERNANCE/AFP
Jacques Audiard



MIKE BLAKE/REUTERS
Francis Ford Coppola



PASCAL GOVOT/AFP
David Cronenberg



"O Fantástico Sr. Raposo", de Wes Anderson, abre o festival no dia 5

Coppola, Cronenberg e Audiard, o "dream team" do Estoril Film Festival

Paulo Branco esmerou-se a puxar do filofax para a terceira edição do Estoril Film Festival, a ter lugar entre 5 e 14 de Novembro: Juliette Binoche, Francis Ford Coppola, David Cronenberg, Peter Handke, Jacques Audiard e a estrela porno Sasha Grey vêm ao Estoril acompanhar o certame, cujo júri será composto por David Byrne, Rui Horta, Cindy Sherman, Manfred Eicher (o lendário director da ECM) e pelo compositor Alexandre Desplat. E falta ainda confirmar a vinda do fotógrafo Robert Frank. Tudo isto num festival que é uma espécie de "Cannes na Costa do Estoril", com muitos dos filmes apresentados quer em competição quer fora de concurso a virem direitinhos da competição oficial e das secções paralelas da edição 2009 do festival de Cannes. Coppola e Audiard vêm apresentar fora de concurso os seus últimos filmes, "Tetro" e "Um Profeta" (que estrearão em

sala logo a seguir, respectivamente a 19 e 26 de Novembro); Binoche, Cronenberg e Handke vêm acompanhar retrospectivas das suas carreiras, que, nos casos da actriz francesa e do realizador canadiano, se expandem para exposições paralelas. Binoche mostra "Portraits - In Eyes", selecção de pinturas, poemas e retratos assinados pela actriz, enquanto Cronenberg traz "Chromosomes", painéis ampliando fotogramas de filmes seus, e "Red Cars", um "storyboard"/dossier à volta de um projecto nunca concretizado. Sasha Grey acompanha a antestreia de "The Girlfriend Experience", de Steven Soderbergh, e Frank virá, em princípio, acompanhar igualmente a homenagem que lhe é dedicada. O festival abre com a aguardada animação que Wes "Os Tenenbaums" Anderson adaptou de Roald Dahl, "O Fantástico Sr. Raposo" (chega às salas em Janeiro), e fecha com "Um Profeta", Prémio do Júri em

Cannes, antestreando pelo meio os novos de Fernando Lopes ("Os Sorrisos do Destino", nas salas já a 12 de Novembro), Michael Haneke ("O Laço Branco", Palma de Ouro em Cannes), Jane Campion ("Bright Star") e Lars von Trier (o mui infame "Anticristo", com Charlotte Gainsbourg e Willem Dafoe), todos a estreiar em Janeiro. Entre os doze filmes da competição há um português, "Duas Mulheres", o novo João Mário Grilo, com Beatriz Batarda e Débora Monteiro e argumento de Rui Cardoso Martins e Tereza Coelho, bem como duas novas missivas da nova vaga romena ("Police, Adjective", de Corneliu Porumboiu, e "First of All, Felicia", de Razvan Radulescu e Melissa de Raaf), os mais recentes de Alain Guiraudie e Marc Recha, "Moon", a estreia na realização de Duncan Jones, filho de David Bowie, e a surpresa do "box-office" francês do ano, a comédia do desenhador Riad Sattouf, "Les Beaux Gosses". Os pormenores podem todos ser lidos no site oficial em www.estoril-filmfestival.com.
Jorge Mourinha

Peter Gabriel faz "covers" de Arcade Fire e Radiohead

O potencial orquestral das canções dos Arcade Fire e dos Radiohead não é propriamente um segredo, mas estamos para ver o que Peter Gabriel vai fazer com ele no novo álbum - o primeiro em sete anos - em que o músico britânico promete "reinterpretar radicalmente" temas daquelas bandas, mas também de David Bowie, Magnetic Fields, Lou Reed e Neil Young. "Scratch My Back", disse à BBC um colaborador de Gabriel, é um intercâmbio entre Gabriel e um conjunto de "artistas lendários" e foi gravado nos estúdios de George Martin em Londres. "Não é um álbum de versões. São reinterpretações radicais de material famoso, incluindo algumas das canções mais conhecidas dos últimos 40 anos", sublinhou o compositor John Metcalfe, que não quis dizer se este vai ser um álbum duplo, ou mesmo um projecto com dois "rounds" (do tipo: no primeiro Peter Gabriel faz uma versão de Paul Simon, no segundo Paul Simon faz uma versão de Peter Gabriel). Entretanto, já há uma "tracklist" não oficial: "Heroes" (David Bowie), "Street spirit" (Radiohead), "The book of love" (Magnetic Fields), "Flume" (Bon Iver), "My body is a cage" (Arcade Fire), "Listening wind" (Talking Heads), "I think it's going to rain today" (Randy Newman), "Après moi" (Regina Spektor ou Eartha Kitt), "Waterloo sunset" (The Kinks), "The boy in the bubble" (Paul Simon), "The Power of the heart" (Lou Reed), "Philadelphia" (Neil Young) e "Mirrorball" (Elbow).



O tratamento das versões vai ser radical, avisa um colaborador de Peter Gabriel

Sumário

Videoclips 6
Nunca se viu tanta música em Portugal

David Fonseca 12
De um lado o romântico, de outro o pragmático

Nico Muhly 14
Por favor não lhe chamem rapaz prodígio

João Aguardela 18
A Associação Megafone perpetua a obra

Steve Reich 20
Diz que Schoenberg estava errado, que Boulez é para elites...

Jeanne Balibar 24
Se acham que uma actriz que canta é um cliché, ouçam-na...

Ricardo Adolfo 26
Depois de emigrar aconteceram-lhe muitas coisas... como trabalhar com Wong Kar-wai

Augusto Alves da Silva 30
Põe a nu a pornografia... e outros absurdos da sociedade actual

Ficha Técnica

Director José Manuel Fernandes
Editor Vasco Câmara, Inês Nadais (adjunta)
Conselho editorial Isabel Coutinho, Óscar Faria, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano
Design Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara
Directora de arte Sónia Matos
Designers Ana Carvalho, Carla Noronha, Mariana Soares
Editor de fotografia Miguel Madeira
E-mail: ipsilon@publico.pt

Todos querem ser Sinatra

Há muitos Sinatras para envergar - o "crooner", o "ladies man", o membro do Rat Pack, o homem com ligações à máfia, o ator, o "Chairman of the Board" ... e a lista podia continuar. Ora, com tantos Sinatras para se ser, há também um punhado de actores de topo (os "a-listers") que querem vestir a sua pele no novo filme de Martin Scorsese: Leonardo DiCaprio, Johnny Depp, George Clooney. Todos querem ser o protagonista de Marty em 2010 e todos têm um currículo cheio de prêmios, reconhecimento público e adoração popular. O realizador tem um favorito, lê-se na imprensa da especialidade, e ele é o seu menino DiCaprio, o homem de "The Departed - Entre Inimigos" com quem Scorsese está a terminar o muito esperado "Shutter Island" (o quarto filme que fazem juntos). Por seu turno, a filha de Frank Sinatra, Tina (que detém os direitos sobre o espólio do pai), quer ver George Clooney no ecrã a emular os trejeitos do mestre de "My way". E há ainda uma outra claque, a dos "fatos" da Universal, que produz o filme, a torcer fervorosamente pela pérola das Caraíbas que dá pelo nome de Johnny Depp. O filme em si, um "biopic" com argumento de Phil Alden Robinson ("Sneakers - Heróis por Acaso", "Campo de Sonhos"), está a ser escrutinado antes sequer de começar a rodagem. Tudo porque se sabe da tensão entre a família e o realizador, entre a realidade e a potencial ficção, no fundo entre a versão mais próxima da realidade que foi a agitada vida de Sinatra ou o desejo da família do cantor-actor de apresentar nos cinemas uma versão mais higiénica da história. Tendo em conta que de Tina depende a autorização para o uso da música de Sinatra no filme, o seu papel nesta história com tantos candidatos a protagonista pode ser decisivo. E por falar em música, não veremos DiCaprio, Clooney ou Depp a cantarolar. Seja quem for que lhe dê cara, a voz será sempre "a voz" - a de Sinatra.

Leonardo DiCaprio, George Clooney e Johnny Depp querem ser Sinatra em 2010



O retrato de duas mulheres marroquinas que Penn fez em 1971 também vai estar na National Portrait Gallery

Os retratos de Irving Penn em Londres

O que é que há de comum entre Truman Capote e Marlene Dietrich, Christian Dior e T.S. Eliot, Duke Ellington e Alfred Hitchcock, Nicole Kidman e Willem de Kooning, Rudolph Nureyev e Edith Piaf, Pablo Picasso e Harold Pinter, Igor Stravinsky e Tennessee Williams, Ingmar Bergman e Julian Schnabel? Todos eles, num ou noutro momento das suas vidas, foram retratados por Irving Penn (1917-2009), o grande fotógrafo da moda (e que fez a moda de uma certa forma de fazer retratos) falecido em Nova Iorque no passado dia 9. Todos eles experimentaram na pele do seu rosto ou do seu corpo a diferença de serem retratados por Penn, e isso, em muitos casos, marcou a sua imagem, como aconteceu, por exemplo, com Pablo Picasso e

Miles Davis nos anos 50, retratados em grandes planos que, como nunca até aí tinha sido feito, captavam a intensidade do seus olhares interiores, ou, já nos anos 2000, a actriz Nikole Kidman, para a revista "Vogue" - cuja primeira página Penn moldou mais de centena e meia de vezes -, ou o pintor e realizador Julian Schnabel, em 2007, num dos últimos trabalhos do fotógrafo. Estes e muitos outros retratos, incluindo os trabalhos que Penn fez em Marrocos ou na Nova Guiné, vão fazer o prato forte da grande exposição retrospectiva de sete décadas de carreira que a National Portrait Gallery (NPG) de Londres dedica aos retratos de Irving Penn a partir de Fevereiro do próximo ano. Mais de 120 trabalhos, entre os quais várias tiragens inéditas, compõem esta exposição que já estava planeada bastante tempo antes da morte de Penn. "A qualidade excepcional e o brilho requintado das suas fotografias, mas também os temas e as poses que abordou, sempre me pareceram fazer de Penn um dos grandes fotógrafos do século XX e, até, do século XXI", comentou Sandy Nairne, director da NPG, aquando da apresentação da exposição, explicando que ela estava na sua cabeça já desde 2002. A exposição abre no dia 18 de Fevereiro e decorre até 6 de Junho.

Dois Gallagher, um a solo e outro em grupo

Os irmãos Gallagher são dados a zangas, amores profundos e ódios ainda mais arreigados. Seja enquanto membros dos Oasis - e quem se lembra do concerto no Festival do Sudoeste em 2000, quando foram vaiados e corridos do palco, sabe do que estamos a falar -, seja enquanto irmãos musicais. Os manos separaram-se em Agosto, dando por terminada essa aventura de mais de uma década chamada Oasis, na sequência da saída de Noel, que quer lançar-se numa nova carreira. Agora, Liam disse ao diário "The Scotsman" que também quer fazer música. Mas não a solo. E já no início de 2010. "Suponho que afastar-me de toda a coisa Oasis vai ser algo bom. Não quero fazer nada a solo. Quero pertencer a uma banda." E, adiantou ainda, "decididamente vai ser rock 'n' roll". "Pode ser uma merda, mas não sabemos até tentarmos". Por agora, o ex-Oasis mas sempre Gallagher está "a relaxar em casa", afastando-se das pautas e dos instrumentos. Mas depois vai "começar qualquer coisa, explicando que ela estava na sua cabeça já desde 2002. A exposição abre no dia 18 de Fevereiro e decorre até 6 de Junho.

Liam Gallagher quer ter uma banda

também admitiu ao jornal que as saudades dos Oasis serão difíceis de superar. "Vou sempre ter saudades dos Oasis. Era a minha cena, sabem? É quem eu sou. Mas é apenas um nome. Ainda sou eu mesmo e posso fazer outra coisa", disse ainda, como que a tentar convencer-se que sem as diatribes com o irmão ainda será "alguém" na música. "Tenho música em mim. Nunca a deixarei para trás". Noel, por seu turno, vai continuar a solo, "a olhar para a frente" como disse ao "Daily Mirror", sem pensar nos Oasis ou no feudo com o irmão.

Novo Clint Eastwood já tem poster

É o último às (eventualmente de trunfo, mas prognósticos só no fim do jogo) que a Warner Bros. tem para sacar da manga até aos Oscars. A campanha promocional de "Invictus", o novo Clint Eastwood, começou esta semana com a divulgação oficial do poster e do trailer do filme em que Morgan Freeman faz de Nelson Mandela e Matt Damon faz do jogador de rúgbi sul-africano François Pienaar (o capitão que Mandela usou como símbolo da união nacional em 1995, no seu primeiro mandato como presidente, quando a África do Sul organizou o campeonato do mundo da modalidade). Nas bolsas de apostas de Hollywood, "Invictus" já era o provável melhor filme do ano mesmo antes do "trailer" em que se confirma que sim, Freeman veste as famosas camisas fluorescentes de Mandela. Nos EUA, o filme chega às salas a 11 de Dezembro - e a Warner está a fazer figas para que o filme chegue aos entusiastas 148 milhões de dólares (quase cem milhões de euros) de bilheteira de "Gran Torino", e para que não perca no duelo um-par-a-um com "The Lovely Bones", de Peter Jackson, com estreia marcada para o mesmíssimo dia.



AGENDA CULTURAL FNAC

entrada livre

APRESENTAÇÃO

AO VIVO

LANÇAMENTO

EXPOSIÇÃO

AO VIVO

EMILIANA TORRINI

Me And Armini

A islandesa Emiliana Torrini, que já compôs para Kylie Minogue, apresenta-se ao vivo no Fórum Fnac onde apresentará alguns temas do seu novo álbum.

01.11. 18H30 FNAC CHIADO



AO VIVO

DAVID FONSECA

Between Waves

David Fonseca regressa ao Fórum Fnac para apresentação do seu novo disco Between Waves. Como aconteceu no primeiro disco a solo Sing Me Something New, na gravação deste novo trabalho David Fonseca tocou praticamente todos os instrumentos.

02.11. 21H30 FNAC COLOMBO



LANÇAMENTO

O SANGUE

Filme de Pedro Costa

Pedro Costa, discípulo de António Reis e um dos mais singulares realizadores do cinema português contemporâneo, vem ao Fórum Fnac para o lançamento, em DVD, da sua primeira longa-metragem.

02.11. 18H30 FNAC CHIADO



LANÇAMENTO

AS AVENTURAS DE FILIPE SEEMS

de António Jorge Gonçalves e Nuno Artur Silva

Nuno Artur Silva, argumentista, e António Jorge Gonçalves, desenhador, apresentam no Fórum Fnac a edição especial da trilogia As Aventuras de Filipe de Seems.

03.11. 18H30 FNAC CHIADO



APRESENTAÇÃO

MÁRIO LAGINHA / JOÃO BORGES

Cosmolodias

Mário Laginha na música e João Borges no design, desenvolveram um projecto de fusão entre estas duas formas artísticas a que deram o nome de Cosmolodias. Apresentam-se na Fnac para uma conversa sobre esta obra que foi inicialmente gerada em desenho como pré-música.

01.11. 17H00 FNAC NORTESHOPPING



Consulte a agenda cultural Fnac em <http://cultura.fnac.pt/Agenda>

Apoio:

ípsilon



www.fnac.pt



Nunca se

viu

*tanta música
em Portugal*

Em todo o mundo, graças ao YouTube ou ao Facebook, o videoclip renasce, afirmando-se como território artístico autónomo. Em Portugal acontece o mesmo. Uma fornada de realizadores, com percursos e motivações diferentes, dá vida nova a um formato que parecia moribundo. Vítor Belanciano



EMBRUYES/PHOTO



2



3

A sua motivação? "Faço porque acredito. Em geral não há orçamento para estas coisas, mas acredito que estou a documentar parte da história desde tempo", verbaliza a propósito dos documentários que anda a fazer com X-Wife, Manuel Cruz e com os franceses Kap Bambino. Depois, existe ainda a sua vida de músico: toca com The Weatherman e está a gravar um álbum do seu projecto solitário, Wingman. E os videoclips? Não tem a certeza de quantos, mas entre os mais importantes estão Old Jerusalem, Sizo, Os Tornatos, Mind Da Gap, The Weatherman e o último dos X-Wife. **O mais recente que o entusiasmou foi "Hibi no hero" dos Sour, filmado por inúmeras pessoas via webcam. Um histórico? "Viorar vel til loftarasa" dos Sigur Rós, com direcção de Stefan Arni e Siggi Kinski.**

andré tentugal



1

Os canais de TV clássicos eliminaram-nos quase por completo das suas grelhas de programação. A MTV, cada vez mais alicerçada em programas de tele-realidade, reduziu a sua difusão. As editoras de música quase não têm dinheiro para eles. Muitos músicos olham-nos ainda pejorativamente, convencidos de que criar uma imagem é sinónimo de prostituição artística. E os cinéfilos, quando querem denegrir um filme, argumentam que possui linguagem de videoclip, como aconteceu com o polémico e último vencedor dos Óscares, "Quem Quer Ser Bilionário?".

Os videoclips têm costas largas. São tratados com paternalismo. Mas nunca se viram tantos como agora, na Internet, no YouTube, no Vimeo, nas redes sociais. Os orçamentos são mais reduzidos, mas há mais ideias. Há desejo de cinema, em alguns casos mais do que no próprio cinema. Mesmo aqueles que nunca ligaram ao formato são agora seduzidos por ele. Nunca se consumiu tanto o género. Tornaram-se senha de identidade, passam de "wall" em "wall" nas redes sociais. Já não ilustram música. Já não querem demonstrar nada. São objecto artístico, por si.

É assim em todo o mundo. Em Portugal também, onde as transformações na indústria do entretenimento reabriram a porta da criatividade aos videoclips, formato que parecia moribundo. Há meses reflectíamos aqui que o novo cenário estava a proporcionar a afirmação de uma nova geração de realizadores como Patrick Daughters, Jonas & François, Encyclopedia Pictura ou Andreas Nilsson, herdeiros dos já firmados Spike Jonze, Michel Gondry, Chris Cunningham, Mike Mills, Anton Corbijn ou Stéphane Sednaoui.

Por cá, nomes como Pedro Cláudio, Rui de Brito ou José Pinheiro já não necessitam de apresentações e são citados como referência, mas nos últimos anos outros têm feito trabalho válido. Falámos com sete desses novos realizadores, com percursos, aspirações e motivações estéticas distintas, mas outros poderiam ser nomeados (Pedro Lino, João Pedro Moreira, Paulo Abreu, Eduardo Matos, produções Uzi Filmes, etc), de tal forma existe um estilhar de actores neste território.

Apesar das inúmeras diferenças entre eles, existe qualquer coisa que os une: a paixão pela música. André Tentugal é músico, tocando no Weatherman e encontrando-se a gravar o álbum de estreia do seu projecto

Wingman. Paulo Segadães foi até há semanas o baterista do grupo rock Vicious 5. Pedro Maia, Rodrigo Areias e Paulo Prazeres já fizeram parte de bandas. Joana Linda estuda música desde pequena e Joana Areal confessa ter um fascínio especial por grupos femininos, aspirando até a formar um.

Do que todos não parecem ter dúvidas também é que a crise da indústria da música, as ferramentas para filmar a preços mais acessíveis, e a Internet, enquanto meio difusor, alteraram por completo o panorama dos videoclips. Com leituras para todos os gostos. "A crise da indústria e a Internet



1



2

O primeiro videoclip que fez ("Memory") não o considera bem um videoclip. Foi há dois anos, e olha para ele como um filme seu com música de Panda Bear dos Animal Collective. Depois houve Legendary Tigerman e o excelente "She nods", dos Sizo, que considera ser uma homenagem a Harmony Korine, o realizador americano que também já realizou



3

"Antes do YouTube até se podiam fazer coisas, mas acabavam invariavelmente na gaveta. Não havia maneira de mostrar. Agora não. É uma revolução"
Joana Linda

www.pedromaia.net



MANUEL ROBERTO

videoclips. Pelo meio concretizou projectos com músicos das electrónicas, como o alemão Thomas Brinkmann ou o português Vitor Joaquim. Neste momento encontra-se em negociações para fazer um vídeo para uma nova figura da música de dança, o argentino Matias Aguayo. É de Vila do Conde e o festival local de curtas-metragens foi a sua escola. **Videoclip marcante: "Ialas salandiw", da No Neck Blues Band, por Tom Thayer. Diz-se desatento em relação ao que se passa na actualidade, mas destaca "Crystal cat" de Dan Deacon, por Jimmy Joe Roche.**

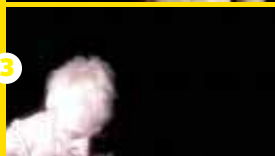
- 1. Legendary Tigerman
- 2. Panda Bear
- 3. Sizo

pedro maia

Começou na direcção de arte em publicidade, foi para Nova Iorque estudar artes, esteve em Los Angeles por causa do cinema, regressou a Lisboa, ela que é do Porto, realizando publicidade, vídeo-arte, encenando teatro e preparando o primeiro filme. Pelo meio, videoclips: começou em L.A., com os Los Lobos, e quando chegou a Lisboa encontrou Kalaf + Type, One Week Project e os londrinos Selfish Cunt. Prepara-se para filmar Paco Hunter. Confessa ter fascínio por bandas femininas (Electrelane, Vivian Girls). "Queria ser baixista. Estou a convencer um amigo músico a formar uma banda de mulheres para rockarmos!" diz, mas é o cinema

joana areal

1. Los Lobos
2. Selfish Cunt
3. Selfish Cunt
4. Kalaf + Type
5. Kalaf + Type



www.joanaareal.net

de Hou Hsiao-Hsien, Jia Zhang-ke, Vincent Gallo ou Lynne Ramsey que a motiva. **O último videoclip que a pôs em "stress" foi o vídeo para o tema do mesmo nome dos Justice, realizado por Romain Gavras. Quando pensa num marcante lembra-se de "Rabbit In Your Headlights" dos Radiohead, por Jonathan Glazer.**

impulsionaram a criatividade", refere Tentúgal. "Hoje qualquer pessoa pode ter os meios para fazer um vídeo, as câmaras de filmar são baratas" aponta Segadães. "Antes do YouTube até se podiam fazer coisas, mas acabavam invariavelmente na gaveta" afirma Linda. "Não havia maneira de mostrar. Agora não. É uma revolução. Hoje vêem-se coisas óptimas feitas por miúdos. Claro que existe um excesso de coisas, mas o tempo imporá uma selecção, separando o que é lixo e o que vale a pena."

Baixo orçamento

Mas existem efeitos colaterais. As editoras escudam-se na realidade do baixo custo para investirem cada vez menos, argumentando, precisamente, que é possível fazer muito com pouco. Sim, a invenção é hoje muito mais preponderante do que a sofisticação dos meios, mas não vale a pena romantizar. "As editoras não arriscam", espelha Prazeres da produtora Droid-id, uma das mais activas no mercado. "Boas ideias, muito baratas, é coisa rara. Claro que existem rasgos, mas é necessário existir uma produção média de qualidade e isso só se consegue com dinheiro."

"As editoras acham que os vídeos não têm expressão, mas estão enganadas. O YouTube é um canal incrível"

"As editoras não arriscam. Escudam-se na história de que não existem sítios para os passar, mas hoje a Internet faz mais por qualquer videoclip do que a TV"

Paulo Prazeres



vel" aponta Segadães. "A Internet, o fácil acesso à produção, permitem que se façam coisas fantásticas com pouco dinheiro. As editoras sabem-no e acabam por aproveitar-se disso." "Escudam-se na história de que não existem sítios para os passar, mas hoje a Internet faz mais por qualquer videoclip do que a TV" acrescenta Prazeres. "As coisas são mais canalizadas e as bandas têm noção disso, de tal forma que são elas que investem nos vídeos, mais do que as editoras."

A história actual dos videoclips em Portugal é uma história de baixo orçamento: "Não me importo, por vezes, de trabalhar com pouco dinheiro, porque é aliciante estar com músicos, mas tem de haver um mínimo e em Portugal nunca há", analisa Areal, cuja primeira experiência com videoclips aconteceu em Los Angeles, em 2001, com um grupo cimentado, os Los Lobos. O orçamento era reduzido para o padrão americano, mas superior à realidade portuguesa. "Foi uma experiência importante porque são uma banda específica - fundamental para a comunidade hispânica de L.A., que representa 40 por cento da população -, enquadrada num ambiente que era importante que fosse reflectido. Hoje gosto de fazer vídeos por isso: gosto de perceber a banda, como se enquadrava socialmente, o que quer dizer. É fundamental essa compreensão e atenção pelos músicos."

Experiência inicial diferente teve Linda. Há dois anos adicionou Marissa Nadler, cantora pop-folk americana que admirava, à sua página do MySpace. Nessa altura, a cantora fez saber que desejava para a canção "Bird on your grave" um vídeo artístico, onde ela não entraria. Linda, que na altura havia começado a fazer experiências com uma máquina fotográfica digital, tentou a sorte, filmando-se a si própria por entre imagens de rigoroso preto e branco. "Era uma boa oportunidade para experimentar, fiz o vídeo, ela gostou, mostrou à editora, também gostaram muito. 24 horas depois, estava a receber emails da editora a dizer que o tinham mostrado à MTV e que tinham gostado bastante. De repente, aquilo tomou proporções surpreendentes e as MTV de todo o lado transmitiam um videoclip feito a partir de uma máquina fotográfica."

Fez mais dois videoclips para a mesma cantora, apesar de nunca se terem conhecido pessoalmente. "Só comunicamos por email" explica Linda. "É engraçado ter confiança em mim, mérito da Internet e das redes sociais de que tanto mal se fala, inclusive eu. Mas a verdade é que se não fosse o MySpace nada disto teria acontecido."

Em "River of the dirt", o último vídeo que fez para Marissa Nadler, pegou em dez actores e meteu-os num autocarro. "Fiz questão de pagar a todos e o que sobrou foi ridículo", afiança. "A não ser que a Beyoncé me peça para fazer um vídeo, não estou a ver como é que se pode ganhar dinheiro com isto. Mas o mesmo se passa no cinema. Quem ganha dinheiro no audiovisual trabalha em TV ou publicidade."

Vida paralela

Nenhum realizador subsiste só dos videoclips, mas todos ganham a vida a realizar ou a fotografar. Maia realiza imagens para concertos, trabalha em cinema, faz instalações vídeo, está ligado ao Curtas Vila do Conde. Areal faz publicidade e instalações vídeo, já encenou teatro, prepara o primeiro filme. Tentúgal faz projecções em concertos, publicidade, vídeos institucionais, documentários. Prazeres, no contexto da Droid-id, confecciona documentários, vídeos institucionais, filmes. Linda e Segadães têm a fotografia.

Para a maior parte, os vídeos parecem ser uma etapa para a feitura de uma longa-metragem. Alguns, como Areias, até já alcançaram esse patamar. "Os videoclips são uma realidade paralela na minha vida" diz, realçando que os que mais o satisfizeram foram aqueles onde sente desejo de cinema. "O vídeo que fiz, por exemplo, para o Sean Riley, é parte de um filme. Fiz uma coisa muito específica, a preto e branco, com a qual me identifiquei."

Nas suas curtas e na longa "Tebas", a música é omnipresente. É uma constante no seu trabalho. "A minha última curta tem música do Sean Riley e a longa tinha música do Tigerman. Por norma as pessoas para quem faço vídeos são as que trabalham comigo no cinema. É como se fizesse vídeos dentro de filmes, ou filmes dentro de videoclips." No caso de Areias, a cumplicidade com os músicos é fundamental. O último videoclip que realizou ("Life ain't enough for you" de Legendary Tigerman) foi filmado em Roma →

paulo segadães

ERIC VIVES RIBIDO



1



2

1. Men Eater
2. Vicious 5

“Não há regras, e de tal forma assim é que muitos videoclips funcionam como pequenos filmes. Já não pertencem a esse território MTV. São laboratórios” Paulo Segadães

que deseja”, refere Prazeres. Mas a regra ainda parece ser a desconfiança em relação ao que fazer com a representação e a imagem.

“Não existem regras quando trabalho com os músicos”, verbaliza por sua vez Areal, “umas vezes são eles que têm uma ideia, outras não. Todos os processos são diferentes e a piada é essa. Gosto do trabalho com músicos, de estar com eles e de os tentar compreender. Inspira-me, dá-me ideias, põe-me a pensar de outra forma, com outros tempos.”

← com a atriz Asia Argento. O ponto de partida era fazer um mini-filme “com a Argento e o Paulo Furtado [Tigerman]” explica. “Quando estava a montar, telefonei ao Furtado a perguntar-lhe se avançávamos com um primeiro plano de 50 segundos. Ter mais de quatro segundos já é crime. Mas ele riu-se e disse que sim. Ou seja, é necessário ter alguém do outro lado que esteja disposto também a arriscar e que não deixe que a editora interfira no trabalho do realizador.”

Paulo Furtado é unanimemente apontado como alguém que possui sensibilidade para o trabalho da imagem. Percebe o seu alcance e participa no processo criativo. Há outras exceções, principalmente entre as novas gerações (Sam The Kid ou X-Wife são apontados como exemplos por Segadães e Tentúgal). “Há inclusive quem já componha a pensar em imagens e tem ideias sobre o

Nenhum deles fez um videoclip sem que algo - não necessariamente a música - os motivasse. Prazeres aponta que é “necessário um estímulo qualquer”, assumindo que já passou por experiências fracassadas. “Já tive dissabores, do género desistir a meio, porque não acreditava naquilo.” Areal explica que aquilo que a fascinou nos ingleses Selfish Cunt foi o seu lado performativo. “No segundo vídeo que fiz para eles tirei-os do seu habitat, o palco, para realçar precisamente essa presença cênica, num outro contexto.”

Vale tudo

Nas décadas de 80 e 90, a MTV simbolizava a estética videoclip, em que os meios de produção eram

ERIC VIVES RIBIDO

1. *Legendary Tigerman*
2. *Corrente/com Sean Riley*
3. *Corrente/com Sean Riley*
4. *WrayGunn*



1

rodrigo areias

Está imerso no cinema, na produção e na realização, há dez anos. Aos 31, já realizou uma longa (“Tebas”), várias curtas, documentários e vídeo-arte. Andou pela escola das artes do Porto, em som e imagem, e fez um curso de especialização em realização em Nova Iorque. Foi músico e editor no contexto da editora Garagem. Em 2004 formou uma companhia própria, Periferia Filmes (filmes de Edgar Pêra ou João Canijo) e mais recentemente uma plataforma de produção, Bando à Parte. No meio de tanta actividade, ainda tem tempo para videoclips [Legendary Tigerman, WrayGunn, d30, Sean Riley & The Slowriders ou Bezegol]. **Um videoclip marcante? “Sabotage” dos Beastie Boys por Spike Jonze. O último que o impressionou: “Treat me like your mother” dos Dead Weather, por Jonathan Glazer.**

www.myspace.com/rodrigoareias | www.periferiafilmes.com



2



3



4

joana linda

O som esteve lá desde sempre – aos cinco anos começou a estudar música – mas desde que se lembra que também tentou experimentar vídeo e cinema. Aos 29 anos o sonho está a cumprir-se. Formou-se em ciências da comunicação, mas a fotografia tem falado mais alto, embora os videoclips comecem a ganhar espaço. Começou por acaso, através do MySpace, realizando um

vídeo para a cantora folk Marissa Nadler. Seguiram-se mais dois para a mesma cantora e outros dois (Mazgani, Nicole Eitner). **Quando tenta eleger um videoclip intemporal a memória transporta-a para uma praia: foi aí que o fotógrafo Herb Ritts realizou “Wicked game” de Chris Isaak, com Helena Christensen. Nos antípodas estão os últimos vídeos que a fascinaram: o bizarro “Plaster casts of everything” dos Liars, por Patrick Daughters, e “I can be a frog” dos Flaming Lips, com realização do excêntrico Mark “The Cobra Snake” Hunter.**

1. Marissa Nadler
2. Marissa Nadler
3. Marissa Nadler



fundamentais. Parecia existir um padrão: montagem fragmentada e acelerada, planos curtos justapostos, narrativa não-linear, multiplicidade visual e forte carga emocional nas imagens.

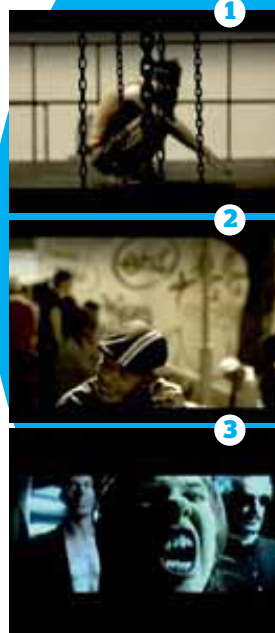
Actualmente, a existir alguma coisa, é uma fortíssima dispersão, um vale tudo onde ainda existe espaço para a sumptuosidade, mas onde o principal são as ideias. Agora são plataformas da Internet, blogs, comunidades virtuais (pitchfork, stereogum, videos.antville, videostatic, promonews) que ditam tendências audiovisuais, estreando, difundindo e propagando videoclips feitos com meios escassos e, normalmente, assentes em conceitos simples.

“São um objecto artístico” reflecte Tentúgal. “Dantes havia pragmatismo, agora é possível acrescentar qualquer coisa à música, como se actuassem num terreno de grande experiência. Hoje um vídeo é como uma tela em branco.” “Não há regras”, aponta Segadães, “e de tal forma assim é que muitos videoclips funcionam como pequenos filmes. Já não pertencem a esse território MTV. São laboratórios.” “Aquilo que criei para a Marissa Nadler está mais próximo da ideia de curta-metragem ou da vídeo-arte do que de uma estética videoclip”, reflecte Linda. Areal corrobora mas realça que o tratamento de um videoclip é diferente: “O guião é a música e a banda. É necessário compreender com quem e para quem estamos a falar.”

Num período histórico em que os meios de produção são quase universalmente alcançáveis, todos podemos fazer um bom videoclip, tal como qualquer indivíduo pode tirar uma boa fotografia. Mas isso não faz dele um artista. É a consistência de um percurso, e a afirmação de características próprias, que terá de provar se estamos perante alguém com possibilidades de afirmação. Nos vídeo-

“Não me importo, por vezes, de trabalhar com pouco dinheiro, mas tem de haver um mínimo de haver um mínimo e em Portugal nunca há”

Joana Areal



clips não é fácil acontecer, até porque os realizadores são muitas vezes incógnitos do público.

Mas há excepções, como o festival ViMus, da Póvoa de Varzim, tentou provar ao longo de dois anos, com uma programação dedicada a realizadores de videoclips. “Quando se vê algo do Rui de Brito percebe-se que ele tem uma linguagem”, diz Segadães, “o mesmo acontecendo com o Pedro Cláudio, que é alguém criativo, que valoriza as ideias e que, com poucos meios, faz vídeos fantásticos.”

Prazeres acentua o juízo de que os realizadores continuam a ser secundários em relação à música: “Fala-se muito do Michel Gondry, do Chris Cunningham ou do Spike Jonze porque alguém teve a ideia de juntar os seus vídeos num DVD, mas para

saberemos quem realiza a maior parte dos vídeos é preciso investigar”, diz. Foi isso que Linda fez com Sophie Muller, quando percebeu que havia uma série de videoclips (Sade, Shakira, Beyoncé, Lily Allen) que partilhavam um universo semelhante. “A música não me interessava, mas os vídeos, não sendo coisas as coisas que faria, tinham qualquer coisa, um universo romântico, feminino talvez, que me prendeu, e que me levou a ela.”

Em Portugal também há uma nova fornada de realizadores de videoclips com vontade de serem descobertos. Provavelmente até já passámos os olhos, no YouTube, no Vimeo ou no Facebook, pelas imagens em movimento de muitos deles e não o sabemos. Agora já não há desculpas.

Já perdeu conta aos videoclips que realizou, sozinho ou com o colectivo lisboeta Droid-id do qual faz parte (exemplo: “National Ghetto-graphik”, de Chullage, foi produzido por ele mas realizado por Ricardo Tércio), mas foram dezenas. Tem 35 anos, começou em 1994 como assistente na produtora Latina Europa. “A minha escola de cinema”, resume. Raramente diz “eu”, prefere o “nós” da Droid onde ele e mais sete elementos fazem documentários, filmes ou “spots” promocionais com música em fundo. Agora vêm aí cinco concertos filmados para a RTP2 (Micro Audio Waves, Terrakota, JP Simões, Dealema, X-Wife) e documentários sobre Mão Morta e OqueStrada. A ambição é o cinema – a primeira experiência, uma curta, “Frunç”, já estreou. **Quando fala de videoclips intemporais lembra-se de “Thriller” de Michael Jackson por John Landis ou “Come to daddy” de Aphex Twin, por Chris Cunningham. O último que lhe encheu as medidas: “Fuck you” de Lily Allen, concretizado pelo colectivo francês Ab/Cd/Cd.**

1. Toranja
2. Chullage
3. Blasted Mechanism

paulo prazeres



O homem com *duas*

“Between Waves”, o novo disco de David Fonseca, é folk-pop psicadélica, É o disco da independência de um tipo que ainda ouve à antiga e

Para alguém tido como consensual, David Fonseca é um homem com mais contradições do que a sua persona pública, sem sombras e ponderada, aparenta.

Não nos referimos a demónios internos, antes a detalhes. Fonseca é conhecido pela sua nostalgia dos anos 80 e pelo seu apego àquela época em que uma carreira se jogava numa canção: ele é, por tudo o que já disse publicamente sobre o assunto, um dos últimos românticos do single enquanto arte.

Mas por muito romantismo que tenha em relação àqueles objectos redondos de vinil que se ouviam em 45 rotações, sabe que “há muita gente que não [o] conhece senão dos singles”. É por esta razão, diz abertamente, que quando escolhe um single só tem uma regra: “Não repetir o single anterior”, para que quem só o conhece da rádio não tenha a sensação de repetição em relação à sua obra.

Aliás, num país em que fica mal ter sucesso, Fonseca é extraordinariamente honesto em relação aos singles: “Não há nenhuma razão específica para escolher esta ou aquela canção”, diz, acrescentando sem pudores que no caso de “Between Waves”, o seu mais recente disco a solo, escolheu “A cry for love” por achar que “tinha mais hipóteses de passar na rádio”.

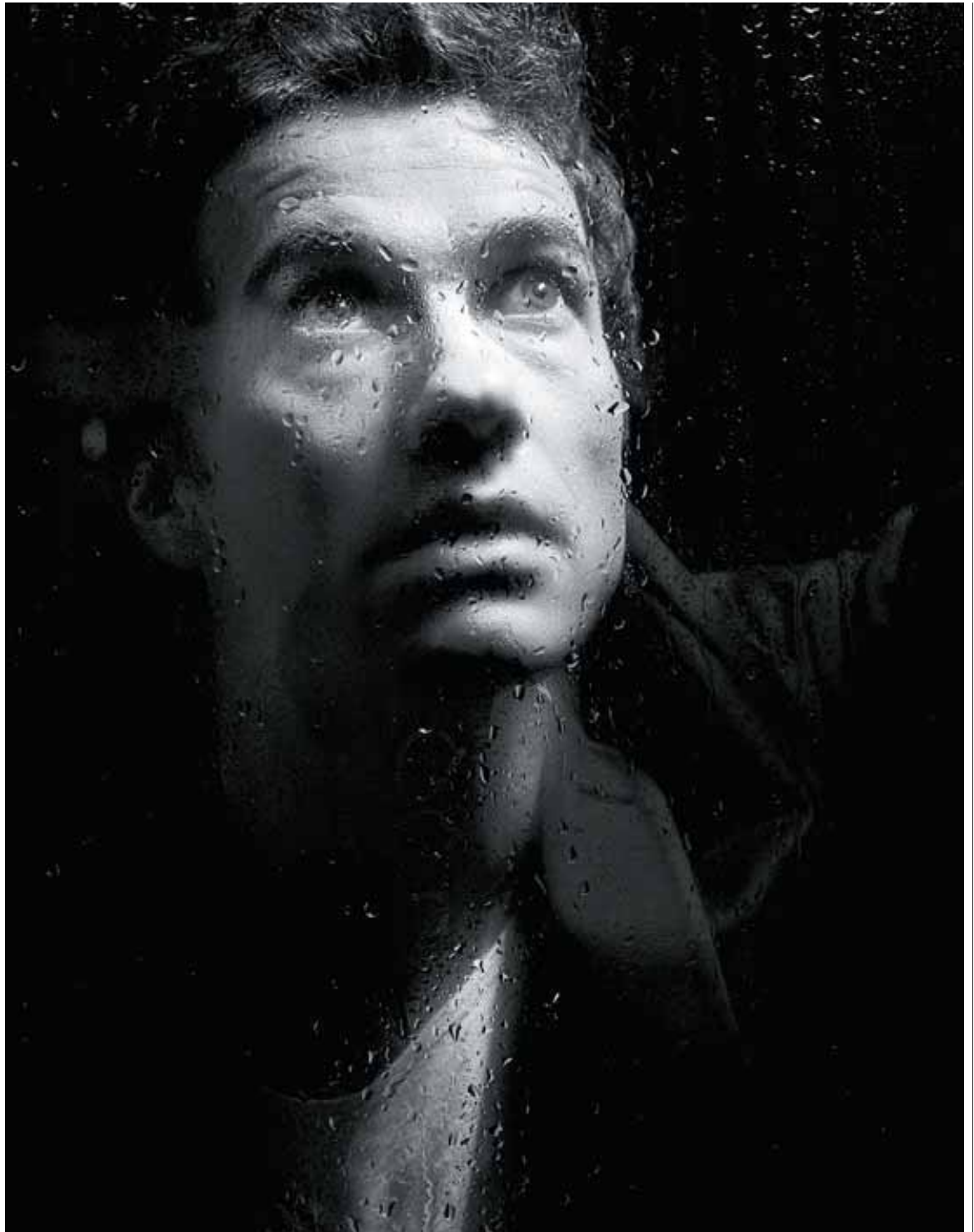
De um lado temos romantismo, do outro pragmatismo. O romantismo está lá: nos últimos anos o autor de “Sing Me Something New” tem editado “os singles com lados B, à antiga, em vinil, com remisturas e etc.” É uma forma de “tentar restabelecer de novo o contacto com o objecto”, não uma questão de dinheiro vivo e imediato, porque estes singles “têm venda escassa”. Mas é uma questão de gestão de carreira quando encarada no grande esquema das coisas - porque “estes singles têm grande alcance dentro da comunidade” que o segue.

Disco de arranizador

Aqui temos um homem com um pé no passado e outro no futuro. Tanto a nível musical como na contabilidade da mercearia.

No primeiro plano, o musical, o nostálgico Fonseca nunca souu tão

**David
Fonseca: de
um lado temos
romantismo,
do outro
pragmatismo**



cabeças

cheia de arranjos roubados à obscuridade pop. pensa à moderna. João Bonifácio



Música

de agora como hoje: “Between Waves”, à excepção de quatro protobaladas, é um conjunto de canções pop que disparam para todos os lados, cheias de ganchos, arranjos improváveis, curvas e contra-curvas, a alta velocidade. Mas olhe-se de perto e esses arranjos - de xilofone, violino, acordeão, guitarra slide - parecem ter vindo da folk espacial do final dos 60, início dos 70, devidamente trazidas para o presente após um tratamento pop.

Pode dizer-se sem margem para erros que é disco de “arranjador”, mais que disco de escritor de canções. Ele admite que gosta “muito de fazer arranjos” e que isso o “liga mais às canções”.

Fonseca não é daqueles que acham que grandes canções são apenas aquelas que se agumentam com guitarra e voz. “Essa ideia vem da moda dos ‘Unplugged’”, lembra, “que diz que uma boa canção tem de ser tocada com uma viola num vão de escadas. Mas as coisas não são obrigatoriamente assim” - para Fonseca cada vez mais “o arranjo é parte integrante da canção”.

Melômano atento, dá exemplos que corroboram a sua opinião. “Há pouco tempo ouvi uma versão acústica do ‘Paranoid Android’, dos Radiohead, sem os arranjos de guitarra, e não resultava. O ‘Let Down’, dos Radiohead, é um exemplo de como uma canção pode transformar-se com os arranjos - sem o arranjo é uma ‘lullaby’. O último disco do Bill Callahan é outro exemplo: os arranjos condicionam o que a canção é e condicionam bem”.

Em termos da escrita, este cuidado com o arranjo implica ser “muito criterioso na escolha dos sons, muito mesmo”, porque na prática, diz, as suas canções “são muito clássicas” e “quando já se tem muitos discos editados é essencial procurar outras formas de chegar à canção que não as habituais, de chegar a algo mais que ao osso da canção”. Por isso procura “encontrar sons que dêem uma personalidade à canção que não aquela que ela tinha ao início”.

Perde algum tempo a explicar como é que hoje compõe. “É preciso ver

que gravo isto em casa, às camadas”, explica, antes de confessar que o estúdio se tornou, entretanto, um quebra-cabeças: “O problema das camadas é que se a primeira e a segunda não estiverem perfeitas vai tudo abaixo à medida que acrescentas coisas. E o problema do estúdio é que é mesmo tudo possível. Podes pôr um elefante a entrar numa canção.”

Diz que compor assim é viver “um bocado no caos”: no meio da quinilharia sonora que vai guardando e produzindo tem de “conseguir sempre perceber o que é que [quer] ouvir”. É um processo de tentativa e erro: “Quando soa bem sigo aquele caminho e se no dia seguinte continuar a gostar, mantenho o caminho”.

Viver no caos implica não ter um método cartesiano, uma fórmula mágica, pela que “todas as canções nascem de forma diferente. Exemplifica com “There’s nothing wrong with us”, que “nasceu de um riff de guitarra que tinha muitas influências dos anos 80, daquele rock descontraído da época”. A canção foi crescendo à volta disso, mas Fonseca decidiu que queria “começar de forma mais orgânica”, pelo que foi respecar uma melodia de xilofone - “tinha sido a segunda parte adicionada à canção, logo a seguir ao riff”. Como era “a parte mais melódica” pô-la à frente, “como chamariz, à antiga”.

Por alguns compassos a canção soa um pouco a Violent Femmes, mas depois explode. “Eu queria que a canção se tornasse uma festa instrumental, com sintetizadores, tudo, que no fim a canção nem precisasse de voz. Escrevi as partes instrumentais como se estivesse a tocar ao vivo”.

Dizemos que lembra os Violent Femmes da mesma forma que podíamos dizer que “Stop 4 a minute” tem por lá escondido um riff que retorna o fantasma dos Kinks à vida ou que “Morning tide” promove a ressurreição dos Buggles. Mais que tudo, a voz e alguns arranjos em “Walk away when you’re winnig” e “This one’s so different” têm tiques do David Byrne pós-Talking Heads. E fazemos uma pergunta minada a Fonseca: há ali essas influências, essas ligeiras pilhagens ou ele já ganhou o direito a dizer que

não tem influências? A resposta que se segue é um clássico da persona sem sombras e ponderada: “Nunca se ganha o direito a dizer que já não se tem influências. Eu estou sempre a ser influenciado. E o Byrne é uma pessoa que tenho em alta estima - até foi um dos últimos concertos que vi. Se essa influência se notasse na minha música era ótimo, porque ele nunca desistiu da música, continua a maravilhar-se com escrever uma canção”.

Clube de fãs

Não seria menos que justo afirmar que o homem é um conversador nato e consegue sempre ser justo mesmo quando picado. Há nele uma cabeça despojeada, sem mentalidade de merceiro. Pode ser humilde e não ter atitudes de prima-dona (é-o e não tem), mas sabe como gerir o seu futuro e gosta de ser senhor do seu nariz.

Assim, a edição de “Between Waves” adopta os modelos mais recentes de distribuição. É lançado na recém-criada “The Castle of Amazing Cats” e distribuído em vários formatos: uma normal, com o disco, outra em vinil, edição exclusiva no iTunes, etc. Mas as jóias da coroa são dois formatos em regime de pré-venda com bónus: um com CD e um DVD, “Streets of Lisbon Acoustic Live Sessions”, em que Fonseca interpreta cinco canções ao vivo e em locais incomuns; outro, chamado “Huge Fan Pack”, inclui o CD, o DVD, um EP em vinil com três versões inéditas do single “A Cry For Love”, uma fotografia autografada e numerada à mão, um poster desdobrável, uma t-shirt exclusiva.

Pormenor importante: a compra da caixa oferece acesso a concertos exclusivos e intimistas e ainda fornece um cartão de sócio do “Amazing Cats Club”.

O “Amazing Cats Club” é uma espécie de clube de fãs acabado de criar, que terá acesso a concertos exclusivos, lados B, “canções que sobram e que não podem entrar no disco seguinte porque têm um som específico da altura em que foram feitas”. O que permite a Fonseca “experimentá-las como um tubo de ensaio”.

A ideia do “Amazing Cats Club” é

“Quando digo que sou português [lá fora] sou bem recebido. Desse ponto de vista ser português é uma mais valia. No sentido comercial é que não é fácil. Já seria uma grande alegria dar um concerto ou dois nos mercados internacionais”

“estabelecer uma comunidade” em que os fãs podem trocar experiências, vídeos de concertos, comentar as tais canções não-oficiais. A ideia nasceu da própria experiência de Fonseca enquanto fã: “Faço parte até hoje de um clube de fãs dos REM e ainda pago as quotas. E recebo conteúdos exclusivos de todo o tipo”.

“Uma das coisas que mais me atraiu em fazer isto”, continua, “é não ter intermediário”. O novo disco “já é lançado em regime independente” e esta plataforma permite-lhe “lançar canções novas sempre que quiser, sem depender da indústria musical”.

Havia outro problema que Fonseca espera erradicar: “De cada vez que quisesse lançar um disco lá fora tinha de esperar pela resposta da casa-mãe da Universal”. Por isso, como o seu contrato com a Universal tinha acabado, resolveu “fazer um novo tipo de contrato” em que tem “a hipótese de fazer contratos lá fora individuais”. Ou seja: se alguma editora, imaginemos, neo-zelandesa, quiser editar “Between Waves” o sim ou o não são dados exclusivamente por Fonseca e não por uma entidade inacessível e nebulosa que, sabe-se lá onde, coordena a Universal a nível mundial (e provavelmente nunca ouviu falar de

Cá dentro, lá fora

Perguntamos-lhe se está no país errado. Se tivesse nascido nos EUA seria uma estrela indie e não uma figura mainstream que já não tem por onde crescer e ainda tem de levar com o preconceito dos mesmos melômanos que glorificam tipos como Richard Swift (de quem Fonseca é fã) enquanto desprezam o trabalho do antigo líder dos Silence 4?

“Não estou no país errado”, começa por dizer. Depois atrai com uma ideia que faz sentido: “Se formos a ver bem, o Richard Swift devia ser uma estrela e não é”.

Se vivesse lá fora, admite, “se calhar faria música diferente”. Por outro lado viver cá “traz outras coisas” para a sua música, coisas a que não teria acesso se fosse americano. Dá ainda como exemplo as idas ao Texas, ao festival South By Southwest: “Quando digo que sou português sou bem recebido. Desse ponto de vista ser português é uma mais valia. No sentido comercial é que não é fácil. Já seria uma grande alegria dar um concerto ou dois nos mercados internacionais”.

Mas este tipo de abordagens e classificações, diz, não fazem sentido. “Não acho que eu seja indie ou mainstream”, atira. “A ideia de eu ser mainstream parte de eu não ser elitista em relação à forma como edito a minha música. Eu tento de facto chegar ao maior número de pessoas. Mas isso todos o fazem”.

E para que não restem dúvidas de como por cá temos muita poeira na cabeça em relação à ideia de chegar ao maior número de pessoas e nos concentramos no que não é essencial, dá o exemplo de St Vincent, mocinha muito apreciável com apenas dois discos no currículo, sendo o segundo bastante experimental (e louvável). No South By Southwest, conta Fonseca, “ela ainda não tinha nenhum disco editado e andava atrás do manager para lhe conseguir entrevistas e contactos. É trabalho, apenas trabalho. E não diminui o valor da música”, conclui o tipo que ainda ouve à antiga e pensa à moderna.

Ver crítica de discos págs. 48 e segs.

COMPANHIA DO CHAPITÔ APRESENTA DE 22 OUT A 13 DEZ DE 2009

HISTÓRIA DE QUEM PERDE A SOMBRA

criação colectiva
texto MIGUEL CASTRO CALDAS
encenação SOFIA CABRITA
com HUGO SILVA, LEONOR CABRAL, LETICIA LIESENFELD
cenografia e figurinos JOÃO CALIXTO
música PAULO BRANDÃO, SILVIO ROSADO

QUINTA e SEXTA ÀS 21h30 SÁBADO e DOMINGO ÀS 16h00, NO CHAPITÔ _ M/6
RESERVAS 21 885 55 50
COSTA DO CASTELO, 1/7, 1149 - 079 LISBOA



Gosta de falar sobre tudo: música, literatura, religião, filosofia, séries de TV, novas tecnologias ou cozinha, onde tem fama de arrasar. Só não lhe chamem rapaz-prodígio, como a mais influente imprensa americana fez quando começou a dar nas vistas há três anos. Aí o seu humor pode transfigurar-se. “Irrita-me um pouco esse tipo de nomeações. Não sou nenhum ser bizarro. Sou músico, nada mais.”

Nico Muhly, 27 anos, americano - ele gosta mais que lhe chamem novaiorquino, o que faz alguma diferença -, faz parte de uma nova geração de compositores que se move com à vontade entre a música clássica contemporânea e a cultura pop, capaz de compor para ópera, dança clássica ou cinema como de criar álbuns que desafiam classificações - caso do excelente “Mother tongue” - ou de encetar colaborações com figuras como Philip Glass, Antony ou Björk.

Na próxima quinta-feira, no Teatro Maria Matos, Lisboa, estará pela primeira vez em Portugal, para um espectáculo com três músicos - “um grupo de amigos” que, em conjunto, partilham uma editora, a Bedroom Community, onde lançam os seus discos.

Nico ocupar-se-á do piano e dos teclados, Sam Amidon do banjo, da guitarra e da voz, Ben Frost e Valgeir Sigurðsson das electrónicas. A “Wahle Watching Tour”, assim se chama a coisa, nasceu na Islândia natal de Valgeir Sigurðsson (produtor de Björk, CocoRosie ou Múm), e são cerca de duas horas de celebração colectiva que passa pela folk americana, pela música de câmara e pela electrónica.

Para Portugal, Muhly promete uma atmosfera “intensa e divertida”, explicando que “gosta de viajar e de tocar ao vivo”, embora as digressões lhe usurpem o precioso tempo: “É assustador porque não componho de forma tão rápida como os músicos rock”, comenta.

Da música clássica para o mundo

Quando se fala dele, a divisão entre os universos da música clássica e da pop é recorrente. Mas Nico Muhly não tem dúvidas acerca do lugar a que pertence: “Venho de uma tradição clássica tanto como você é de Portugal. Não interessa onde vive em determinado momento porque essa identidade permanecerá e será transportada consigo. Pela mesma razão, o meu universo é o da música clássica.”

É verdade, embora os seus dois álbuns (“Speaks Volumes”, de 2007, e “Mother tongue”, de 2008) não sejam conclusivos nesse ponto. São discos que espelham aprendizagem clássica, mas que abrem portas a outras paletas sonoras, pop, folk, electrónicas. Pelo meio existem arranjos para cordas dissonantes ou sons concretos de alguém a tomar banho, a comer torradas ou a fritar ovos. Certo, fez o trajecto tradicional por colégios e con-

servatórios, mas nunca perdeu de vista outras músicas, outras experiências, outras ferramentas. Quem o seguir, por exemplo, na rede social Twitter, sabe que a tecnologia, e as questões filosóficas inerentes relacionadas com os direitos de autor e a propriedade intelectual o apaixonam.

“A propriedade intelectual é o meu tópico favorito”, conta. “Não tenho uma posição definida sobre o assunto mas é infinitamente fascinante. As ideias na música são como na comida. Um prato londrino que aparece num menu em Minneapolis deve ser encarado com roubo ou homenagem? É um assunto muito, muito interessante.”

A visão transversal que revela, em relação à música mas não só, é facilitada pelo facto de pertencer a uma geração que cresceu com ferramentas como o Google, o MySpace ou o YouTube, que permitem a interactividade entre universos. Mas Muhly não tem uma visão sagrada da tecnologia. “Utilizo imenso o computador, como instrumento e ferramenta. Gosto de escrever peças musicais - concertos para violino, por exemplo - no computador, embora não tenham nada a ver com tecnologia. Dito isto, não sei até que ponto a tecnologia afecta o meu trabalho. Sei apenas que está lá. Mas tenho de dizer que um dos grandes prazeres da vida é ver Internet numa cama de hotel: é nesses momentos que 99% das minhas ideias nascem”, admite.

“Utilizo imenso o computador, como instrumento e ferramenta. Dito isto, não sei até que ponto a tecnologia afecta o meu trabalho. Sei apenas que está lá. Mas tenho de dizer que um dos grandes prazeres da vida é ver Internet numa cama de hotel: é nesses momentos que 99% das minhas ideias nascem”

Música

Pequenas grandes coisas

Nico Muhly cresceu em Providence e formou-se na Universidade de Columbia em música clássica e literatura inglesa. Cantou no coro da igreja, começou a aprender piano aos 11 anos e desde sempre revelou um grande fascínio por música sacra. Em concreto, sobre a função emocional dessa música. “Há uma espécie de ‘narrativa escondida’ na música sacra que me agrada, como se as emoções estivessem profundamente ocultas na textura do som”, afirma, tentando explicar o encantamento

da música religiosa renascentista dos séculos XVII e XVIII.

Há cinco anos, foi distinguido pela conhecida Juilliard School, onde estudou também composição, e peças suas foram tocadas por orquestras respeitadas como a American Symphony Orchestra ou a Chicago Symphony quando tinha pouco mais de 20 anos. No ano passado foi recompensado com uma noite dedicada às suas composições no Carnegie Hall de Nova Iorque.

Aos 18 já tinha começado a trabalhar regularmente com Philip Glass,

Nico Muhly sabe de onde vem - “O meu universo é o da música clássica” - mas não sabe exactamente para onde vai quando começa a compor: “O processo envolve fazer milhões de rascunhos, enviá-los para o lixo, e refazer, refazer e refazer”



Compõe óperas, há orquestras que interpretam as suas peças, Antony e Björk interpretam-no a solo e andar em digressão com um grupo de amigos que se junta quinta-feira, no

Por favor, não lhe chamem *rapaz*

nos filmes e discos deste, e nos últimos anos encetou inúmeras cooperações. Antony cantou no seu primeiro álbum e ele fez os arranjos do último longa-duração deste, "I Am A Bird Now". Os arranjos dos três últimos álbuns de

Björk têm o seu dedo e colaborou nos últimos tempos com Bonnie Prince Billy, Rufus Wainwright, Sufjan Stevens, Grizzly Bear ou Owen Palett (Final Fantasy).

Quando compõe, a última coisa em que pensa é nas notas que os músicos irão tocar. Começa com fragmentos de memórias, livros, documentos, manuscritos ou simples vídeos do YouTube. "O processo começa normalmente com um simples gesto ou com linguagem", explica. "Por exemplo, se ouvir alguém

dizer qualquer coisa de interessante, fico a pensar naquilo durante dias. Por norma é assim que chego à estrutura da música. Outras vezes, vejo pessoas a fazer qualquer coisa - um pequeno gesto, como cozinhar, por exemplo, e isso evoca-me a forma como toco piano. O processo normalmente envolve fazer milhões de rascunhos, enviá-los para o lixo, escrever milhões de notas, e enviá-las para o lixo, e refazer, refazer e refazer."

Mas também existem influências musicais naquilo que faz, principalmente da escola minimalista personificada por Philip Glass ou Steve Reich. Em simultâneo partilha algumas afinidades com figuras contemporâneas, não alinhadas em nenhuma tipologia em particular, dos The Books aos Matmos, passando por Final Fantasy ou Herbert, mas quando lhe pedimos que nos diga o que o excita hoje em dia a resposta é outra coisa: "A Islândia excita-me. A cantora francesa Camille excita-me. As reedições de Chet Baker excitam-me. Pizza com queijo e figos excita-me. Um amigo que ensina matemática em Brooklyn excita-me. Não é difícil ficar excitado!"

Nova Iorque, Nova Iorque

Outra das excitações, e uma das grandes influências na sua música segundo o próprio, é a sua cidade. "Amo Nova Iorque mais do que qualquer outra coisa", diz sem hesitar. "Posso ter estado fora, sei lá, um ano, mas mesmo assim, quando aterro sinto-me emocionalmente envolvido. Uma vez, depois de ter estado três meses em Londres, aterrei no aeroporto JFK e comecei a chorar. A energia de Nova Iorque é incomparável. É a única cidade onde se pode realmente comer tarde, por exemplo. Paris e Londres são ótimas para se estar alguns meses, mas, no fim de contas, não se pode comer sushi às três da manhã. Que cidades são essas? Nova Iorque tem o estilo de vida de que um artista necessita e o resto são histórias."

O resto é com alguém que não procura mudar perspectivas, seja da música erudita ou da pop. Mas que procura absorver o máximo de possibilidades à sua volta, criando uma música repleta de desvios, algures entre Ligeti e Björk, Brahms e Meredith Monk. Agora encontra-se a compor um novo álbum de originais e uma ópera. Tudo isto apesar de dizer que não tem tempo, enquanto anda em digressão.

É um hiperactivo: um músico que se entusiasma e que, ao mesmo tempo, reflecte sobre as contradições do nosso tempo. Época de excessos, de informação em catadupa, de inúmeros significados desconstruídos e de muita música. Talvez demasiada música. "Todos os dias recebo cerca de 20 mp3 e já quase não compro CD", contabiliza. Por momentos, parece surpreender-se com as suas próprias palavras.

Ver agenda de concertos na pág. 45 e segs.



SÃO LUIZ
NOV~09

Encenação e Interpretação
Gonçalo Waddington
Tiago Rodrigues
Dramaturgia
João Canijo

6 A 22 NOV
O QUE SE LEVA DESTA VIDA
MUNDO PERFEITO
QUARTA A SÁBADO ÀS 21H00
DOMINGO ÀS 17H30
SALA PRINCIPAL 30/12

"Um prato conta sempre a história de quem o cozinhou"

UM MUNDO PERFEITO
FINANCIADA POR: APOIO À INVESTIGAÇÃO RTP2

SÃO LUIZ
OUT / NOV - 09

NÓSOUTRXS
30 E 31 OUT
JARDIM DE INVERNO
SEXTA E SÁBADO ÀS 23H30
PREPARAÇÃO, INTERMIO, ESCENA E SENA
TEMPO E IMAGEM
MUNDO

CHE COSA
5 E 6 NOV
JARDIM DE INVERNO
QUINTA E SEXTA ÀS 23H30
PREPARAÇÃO, INTERMIO, ESCENA E SENA
TEMPO E IMAGEM
CONTEMPORANEO SEM
CLASSIFICAÇÃO DEFINIDA

Um espectáculo de Marta Mateus e Raquel Freire

NÓSOUTRXS

sou mulher
sou paneleiro
sou velho
sou puta
sou prefo
sou fufa
sou imigrante
sou trans
diferente és tu,
imbecil

NÓSOUTRXS.
Uma experiência
de alteridade.

CHE COSA

... Real, remake, retake.
O certo e o errado são
perversamente relativos e desde
sempre. O que dejas sentir?
lequeira ou profana luz.
Um espectáculo de Elisa Azevedo

FESTIVAL
TEMPS
D'IMAGES

www.tempsdimages-portugal.com

EGEAC
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARQUES DE SAUS 161 - 2204-027 LISBOVA
GERAÇÃO TEATRO S. LUIZ, PT - T 21 321 200

SELHEIÇA DAS 13H ÀS 20H
PUBLICIDADE DO TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ
DEBATES À VENDA NA TE. ARTISTAS
ENCENAÇÃO MARCELINO

... bajulam-no e ainda tem tempo para criar álbuns
... Maria Matos. Ninguém pára Nico Muhly. Vítor Belanciano

... az-prodígio



O novo disco tem mais coladeras que mornas? “Calhou ser assim.” E o estilo de cantar? “Continua o mesmo”. E o disco? “Tem o mesmo significado que os outros”. O que parece desconcertante, no seu discurso, é só uma forma de atalhar o que não lhe interessa: divagar sobre demasiadas explicações

É verdade que Cesária perdeu peso. Mas no corpo, não na música. O físico quis pregar-lhe uma partida mas ela não deixou: o AVC que a tolheu a 4 de Março de 2008, estava ela em digressão pela Austrália, é já um ponto longínquo na sua vida. “Eu já não estou mais doente”, diz com um largo sorriso, sem largar o cigarro. E, talvez para o tornar ainda mais inofensivo, trata o acidente vascular cerebral como “picada no braço”.

A verdade é que, logo depois dessa paragem forçada em Março de 2008, ela voltou aos palcos um mês depois e, embora tenha abrandado o ritmo (“Fizemos um acordo, o meu produtor e eu, para diminuir o número de concertos”, garante), não parou de cantar. No ano passado rodou “Rogamar” por vários países e este ano, depois do lançamento do disco “Rádio Mindelo” (que retine as suas primeiras gravações, ainda nos anos 60 e antes de conhecer a ribalta da fama),

tem agora novo título para mostrar ao mundo. Chama-se “Nha Sentimento” e começou a chegar às lojas na passada segunda-feira, ao mesmo tempo que a agenda de Cesária anotava mais concertos: depois de Bucarest, Sofia, Zagreb e Belgrado no início de Outubro, espera-a o emblemático Le Grand Rex de Paris a 9 e 10 de Novembro, mês em que cantará ainda na Suíça, no Luxemburgo, em Israel, na Polónia e na Lituânia. AVC, Cesária? Não, foi mesmo uma picada no braço.

Ela brinca com a vida como parece fazer com a música. Embora a leve muito a sério. O novo disco tem mais coladeras (10) que mornas (4)? “Calhou ser assim.” E o estilo de cantar? “Continua o mesmo”. E o disco? “Tem o mesmo significado que os outros”. O que parece desconcertante, por demasiado simples, no seu discurso, é só uma forma de atalhar o que não lhe interessa: divagar sobre demasia-

das explicações. Mas o brilho no olhar e a voz ultrapassam-na. “O meu modo de cantar é assim, com muito sentimento. É assim com todo o cabo-verdiano.” Aos 68 anos (nasceu em São Vicente a 27 de Agosto de 1941), continua apegada a um modo de cantar ligado à tradição. Diz que não grava compositores mais jovens porque eles “não apresentam músicas ao estilo” dela. Mas ouve “muitos” dos novos: “Fantcha, Maria Alice, Lura, gosto muito. E há outros.”

Na música que ela própria grava, tirando isso, lá vai consentindo umas inovações que José da Silva, o seu eterno editor e produtor da Lusáfrica, lhe propõe. Desta vez foram cordas arabizantes gravadas no Egipto (a Grande Orquestra do Cairo, dirigida por Fathy Salama) e o acordeão de Henry Ortiz gravado em Bogotá, Colômbia. Acrescentados, um e outro, às gravações feitas no Mindelo e depois misturadas em Paris e Nova Iorque. Cesária ouviu-os antes das misturas e aceitou bem, um e outro. As cordas: “Nós temos muitas coisas em comum com os árabes”. O acordeão: “Com certeza que gostei”.

E depois stop!

Mas quando lhe perguntam que música egeria do novo disco, responde sem hesitar: “Verde Cabo di nhas odjos”. É uma coladera com letra de Luis Pastor, músico espanhol. Nando Andrade, que no disco assegura piano, percussões e também direcção musical em todas as faixas, explica: “Ele é um grande fã da Cesária e há muito tempo que queria compor uma coisa para ela.” A música foi escrita de parceria com Teófilo Chantre, um dos compositores mais presentes no disco, a par com Manuel d’Novas, falecido em Setembro passado. Têm seis temas cada, num total de 14. Os outros são da autoria da pianista Tututa, que fez 90 anos em Janeiro, e de Betu, com 48 anos.

O som do disco, apesar das inovações, é clássico: “Quisemos dar mais realce ao lado antigo”, diz Nando. Tey Santos, percussionista de 54 anos foi, por isso, uma escolha premeditada.

“Ele conhece bem esse tempo, tocou muito com pessoas dessa época... (“E tocou muito comigo”, diz Cesária pelo meio) É uma forma não só de dar a conhecer aos jovens o que se fazia antes, mas também de dar valor aos músicos desse tempo.”

Voltando a Manuel d’Novas, talvez o maior compositor de mornas depois de B. Leza, Cesária recorda: “Conheci-o ainda jovem, fizemos muitas noitadas, ele com o violão a tocar e eu a cantar, mas depois emigrou. Vim a cantar as músicas do Manuel depois de ele regressar à terra, as antigas e as que ele compôs depois.” E cantaria mais: “Nas filmagens que fizemos em casa dele, em Agosto, disse que tinha muitas músicas para eu cantar. Mas como Deus o tomou, vou ver agora com o filho se tem algumas gravações.”

Nando Andrade, sobrinho de Manuel d’Novas, diz que o tio deixou “um legado muito grande”: “Ele fazia música com tudo, não parava de compor. Mesmo se ia à barbearia cortar o cabelo e alguma coisa lhe chamava a atenção, escrevia logo uma música.” E de entre os mais novos, sairá alguém assim? “Temos poucos. A maioria faz mais música pop. Mas temos o Constantino Cardoso, já na casa dos 40. Ou o Jorge Humberto.”

E Cesária? “Canto mais um tempo e depois stop!” E escrever? “Aconteceu uma vez, por acaso. Tinha emprestado o meu carro a uma pessoa amiga e essa pessoa não o devolveu a horas. E eu fiquei para ali cheia de raiva a maldizer a sorte. Estava lá um amigo, o Arturo Silva, que foi escrevendo os meus desabafos. Então, quando fiquei mais calma perguntou-me se não queria fazer uma música daquilo. E eu respondi: ‘agora mesmo’. Tirámos algumas coisas feias e então ficou uma canção assinada pelos dois, Cesária e Arturo Silva, que depois teve música de Manuel d’Novas.” A canção, que depois entrou no disco “São Vicente di Longe” (2001), chama-se “Ponta de Fi”, que é o nome do bar onde Cesária pensava que se tinha ido meter o amigo que a fez esperar e desesperar.

Alguna coisa, para lá de cantar ou escrever? “Fazer uma casa no campo. E morrer lá”.

No tempo das coladeras

A dona morna deu-se à coladera depois de trocar as voltas à sorte. O AVC que teve em 2008 não a amedrontou e Cesária anda pelos palcos com “Nha Sentimento”. *Nuno Pacheco*

Espera-a o emblemático Le Grand Rex de Paris a 9 e 10 de Novembro, mês em que cantará na Suíça, no Luxemburgo, em Israel, na Polónia e na Lituânia





rockrendez
worten

RRW
awards

BRILHA

AO VIVO:

DEZPERADOS - LUX / OFIRPROD.PT

IRMÃOS CATITA

KUMPANIA ALGAZARRA

VEM CONHECER OS
GRANDES TALENTOS RRW.

FREE PASS
EM RRW.PT

MAXIME | 6ª FEIRA 13 DE NOVEMBRO | 22H

O RRW volta com todo o glamour do underground nacional, fazendo brilhar quem mais merece: os grandes talentos RRW. Vai a rrw.pt e garante free passes para entrares, com os teus amigos, no Maxime, em grande estilo. Estamos à tua espera com os padrinhos RRW e o anfitrião Manuel João Vieira. Limitado à lotação da sala. Brilha com o RRW, ONDE O FORTE É A MÚSICA PORTUGUESA.

Descobre mais em RRW.PT

worten

Aprendamos a dançar **Megafone**

Tudo começou com um vinil de Giacometti. Por causa dele, João Aguardela criou o Megafone: quatro álbuns em que procurou levar até às últimas consequências a sua obsessão com a música tradicional. Aguardela morreu em Janeiro, a associação Megafone 5 perpetua a obra. Dia 4, há festa de homenagem no Centro Cultural de Belém. *Mário Lopes*



ALEXANDRE FLORE



Ele cantava coisas como “o meu bairro é festivo / o meu bairro é alegre / o meu bairro é Portugal”. Lembram-se certamente. Os anos 1990 ali no início e João Aguardela, nos Sitiados, a atirar fados e música popular rock dentro, a pôr o pessoal a exercitar o mosh com canções sobre marinheiros, a comentar a actualidade social com letra que parecia retirada do cancionero popular: “Na cabana do pai Tomás / toda a moça prendada / ainda que casada / rebojava naqueles sofás” - e eis como o badalado caso Taveira se transformava em folhetim rural de escândalos e coscuvilhões.

Nos Sitiados primeiro, depois na Linha da Frente, o projecto em que, com Luís Varatojo, reuniu músicos e cantores para dar novo enquadramento a poetas portugueses, e depois ainda, prosseguindo com Varatojo, n'A Naífa, onde o fado se reveste de sons e de versos de agora, João Aguardela sempre procurou isto: o português que existe na música portuguesa, um ponto de contacto entre o que existe hoje e aquilo que somos há, pelo menos, uns bons pares de séculos.

Nos Sitiados, nos Linha da Frente e n'A Naífa fê-lo de forma bastante visível - erguido a estrela pop nos primeiros, destacado “ideólogo”, compositor e letrista nos últimos. Entre uns e outros, contudo, existe uma outra coisa. Pessoal e definitivamente transmissível. Um espaço mais íntimo, um veículo onde levou “até às últimas consequências” a sua obsessão com a música tradicional. Chamou-lhe Megafone: quatro álbuns, editados entre 1997 e 2006, em que as recolhas de Michel Giacometti e José Alberto Sardinha se cobriam de ritmos house ou drum'n'bass, se adaptavam a teclados fervilhantes e dançavam entre acordeões e vibrafonos. Neles, Aguardela desmistificou uma visão folclórica da tradição e, com carinho iconoclasta, retirou-a da sua veneranda clausura.

Aguardela dizia que o trajecto de Megafone se completaria com o quinto álbum. Tinha um em falta quando morreu, aos 39 anos, a 18 de Janeiro de 2009. Mas haverá um Megafone 5. Ou melhor, já existe um Megafone 5. É um site (www.aguardela.com) de homenagem a João Aguardela, com material biográfico e recolhas de imprensa, em que estão disponíveis para download gratuitos os quatro álbuns do projecto. É, também, a força motriz dos Prémios Megafone que, com o apoio da Sociedade Portuguesa de Autores, distinguirão anualmente um músico ou uma banda (Prémio Megafone Música) e uma “entidade não

Aguardela morreu em Janeiro, sem ter podido levar o Megafone ao quinto e último álbum, mas a luta continua agora com a associação Megafone 5

“[João Aguardela] descobria ali [na música tradicional] a sua música. E isso, descobrires a tua forma de expressão na arte, é raro e impagável. Sentia-se ridículo se tivesse de tocar um blues; ali não, porque sentia que ‘era’ aquilo”

Luís Varatojo

musical” (Prémio Megafone Missão).

Os prémios serão apresentados na próxima quarta-feira, 4 de Novembro, no Centro Cultural de Belém. Dia de festa. A partir das 21h, sobem ao palco do Grande Auditório A Naífa, Gaiteiros de Lisboa, Dead Combo e O'queStrada. A homenagem, neste caso, é tê-los juntos num concerto: “É um grupo de pessoas que o João gostaria de ver reunidas numa noite”, diz-nos Sandra Baptista, companheira de Aguardela, acordeonista dos Sitiados. “Não sabemos o que fará cada uma das bandas”, acrescenta Luís Varatojo. “Nada foi imposto. Acharmos, e o João também achava, que aquilo que fazem já é Megafone”. “Música para uma nova tradição”, diria ele - mote perfeito, portanto, para aquilo que evoca o concerto, para aquilo que se ouve na música deste Megafone que urge (re)descobrir.

“Sentia-se ridículo a tocar um blues”

Tudo começou com um disco de vinil de Michel Giacometti comprado na Feira da Ladra: “Alentejo: Música Instrumental e Vocal”. O interesse de João Aguardela pela música tradicional não começou ali, mas foi ali, diríamos, que nela se embrenhou definitivamente. “Quando entrou no mundo tradicional, mergulhou completamente numa portugalidade com que até então não tinha tido contacto”, recorda Sandra Baptista. “Tornou-se quase um vício”, continua: “Ficou viciado em ouvir e em perceber como transportar aquilo que ouvia para os dias de hoje”. Luís Varatojo vai mais fundo: “Descobria ali a sua música. E isso, descobrires a tua forma de expressão na arte, é raro e impagável. Sentia-se ridículo se tivesse de tocar um blues; ali não, porque sentia que ‘era’ aquilo”.

Retrospectivamente, o que ouvimos nestes quatro Megafone? Um trabalho em constante evolução, em que as formas mais agrestes da house e do jungle começam a ganhar calor orgânico e outras expressões, em que as vozes das recolhas passam a conviver com a voz de Aguardela, que escolhia para si as letras que, como explicava ao PÚBLICO em 1999, quebrassem “uma ideia formada sobre o que é cantado na música tradicional, com temas muito limpinhos e arranjadinhos”: “Há textos em que me sinto mais próximo do universo dos Mão Morta do que propriamente da tradição”, confessava então. Este ponto é essencial: quebrar ideias feitas, reconstruir, descobrir novos sentidos. Tudo resumido nisto que, também em 1999, declarou ao “Jornal de Notícias”: “Estes discos podem ser vistos como folclore, pois a alternativa a eles é não fazer nada. Se tivermos uma atitude demasiado respeitosa arriscamo-nos a não ir longe. E isso não é solução para mim”.

“Intuitivo”, “curioso”, metódico na pesquisa e cèlere na concretização das ideias, via a música de Megafone, aponta Sandra Baptista, “como um momento fotográfico” - “sem receio de ficar mal na fotografia ou com a fotografia distorcida”.

Tiago Pereira, realizador de “Tradição Oral Contemporânea”, videasta que se dedica a explorar pontes entre tradição e modernidade - como no espectáculo multimédia “Mandrágora”, onde mezinhas e cantares tradicionais encontravam eco na música de Tô Trips ou Tiago Guillu -, destaca que o trabalho de Aguardela em Megafone era mais profundo do que a própria música: “O que ele fazia era passar um pensamento, mais do que um mero espectáculo musical”. Para além da música, portanto: “Quando ele faz Megafone surpreende, tal co-

mo [o artista vanguardista] Ernesto Sousa, quando em 1969 traz a primeira exposição da [artesã] Rosa Ramalho, de Barcelos, a Lisboa e a põe numa galeria com o Julião Sarmento ou o Fernando Calhau”.

Em 1997, quando foi editado o primeiro Megafone, ninguém estava preparado para aquilo: projecções vídeo de pastores e trabalhadores no campo, os ritmos a atirarem-se sobre as melodias e o público, embasbacado, sem saber como reagir. Sandra diz-nos que nos concertos, em Portugal, nem por uma vez o público dançou. Olhava-se em volta à procura de um sinal - “Como se dança Megafone?”, pergunta retoricamente Sandra Baptista. “Era preciso aprender ou inventar”, responde Luís Varatojo.

Música tradicional mutante

Em conversa com o Ípsilon, Carlos Guerreiro, dos Gaiteiros de Lisboa, não demora muito a sentenciar: “Parece-me que o povo português não é grande dançarino”. Culpa o “processo de folclorização iniciado nos anos 1930, em que tudo foi reduzido aos ranchos folclóricos, e a música começou a ser feita de forma parada e cristalizada”. Ou seja, mesmo existindo muito que dançar na música tradicional portuguesa, roubaram-nos a “espontaneidade”: “É sempre preciso alguém que ensine, não há o chegar e dançar, como não há o chegar e tocar”. Mais. Entre a “folclorização”, aquilo que Guerreiro classifica como “a subjugação da tradição a uma ideia de poder” - Estado Novo, pois claro -, e um oposto que o confrontou, “o lado Giacometti”, “mas que também criou os seus ícones e as suas falsidades”, sobra uma zona difusa, que é onde tudo se renova, que é onde não há espaço para diabolizar ou sacralizar.

É precisamente aí que encontramos os Gaiteiros de Lisboa, é precisamente aí que, apesar de tudo o que os separa, está o Megafone: “O facto de termos abordagens diferentes sobre a mesma coisa não é suficiente para que haja divergência no nosso trabalho”, conclui.

“O Megafone é um dos irmãos de uma família maior, a música tradicional mutante”. É assim que António Pires, jornalista e crítico musical, autor do blogue “Raízes e Antenas”, enquadra a obra do Megafone. Faz parte de uma família de criadores a que pertencem, por exemplo, a Banda do Casaco que, nos anos 1980, gravou com a pastora beirã Ti Chitas, ou os Sétima Legião, que, em “Sexto Sentido”, fundiram tradição com electrónicas. Tudo gente que, como recorda António Pires, seguiu a preceito um aforismo de Gustav Mahler: “A tradição é a transmissão do fogo e não a adoração das cinzas”. No caso de Megafone, vê-se ali “um trabalho de desconstrução iconoclasta, mas isso só acontece quando se ama profundamente a música tradicional”. Caso contrário, acentua, “faria essa ‘desconstrução’, por exemplo, com os Einstürzende Neubauten e canções de pigmeus africanos”.

João Aguardela, ele que se sentia ridículo a tocar um blues, nunca o faria. “Quando toco o Megafone ao vivo, sinto-me um pouco como aqueles artesãos que trabalham à frente do público nas feiras de artesanato”. Moldada a matéria perante os nossos olhos, resta-nos dar o próximo passo. A obra está aí, disponível para ser fruída e para inspirar novos futuros. É tempo de a aproveitar. Tempo de dançar Megafone.

Ver agenda de concertos na pág. 45 e segs.

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt

Bilhetes à venda Culturgest, Worten, Frac, Biss, Lojas Viagens Abreu, Livrarias Bulhões (Oleiros Parque e C.C. Cidade do Porto), C.C. Dolce Vita, MeqRele e www.bilhetes.pt - Reservas Ticketline: 707 234 234

Preço único até aos 30 anos 5 Euros



Gonzales Solo Piano

ALTERAÇÃO DE DATA

Por motivos alheios à Culturgest, este espectáculo foi antecipado de 4 para 3 de Novembro. Os bilhetes já adquiridos são válidos para a nova data. Quem não puder vir no dia 3, pode devolver o bilhete e pedir o reembolso nas bilheteiras da Culturgest (dias úteis: 13h-19h; fim-de-semana: 14h-20h; bilheteira das galerias exposição: dias úteis, excepto 3ª feira, 11h-19h, a partir de 24 de Outubro). Embora alheios aos motivos que obrigaram a esta alteração, pelo facto pedimos as maiores desculpas.

MÚSICA TER 3 NOVEMBRO · 21H30 · GRANDE AUDITÓRIO · €18 · M12

Fundimo
Grupo Caixa Geral de Depósitos

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

“O minimalismo foi a corrente mais importante dos últimos 50 anos”

Para Steve Reich, Schoenberg estava errado, Boulez é um compositor de elites e a cultura popular sempre influenciou os grandes compositores desde a Idade Média. Ideias fortes a propósito do concerto em Lisboa dedicado à obra do compositor americano. *Cristina Fernandes*



Os Bang on a Can All Stars, conjunto a meio caminho entre o ensemble de câmara e a banda rock, revisitam importantes obras de Reich compostas entre os anos 1960 e os anos 80

Um dos grandes expoentes do minimalismo musical, Steve Reich sempre cativou público de vários quadrantes: do pop rock à música erudita, passando pelo jazz e pelas músicas do mundo. Na sua linguagem não encontramos apenas expressões da música clássica ocidental, mas também estruturas, harmonias e ritmos da música africana e das culturas orientais ou influências do jazz. Não admira, pois, que estas referências encontrem eco em ouvintes muito diversificados e que a vanguarda musical mais radical dos anos 60 e 70 do século XX o tenha olhado com reservas. Mas a atitude é mútua. O compositor americano, 73 anos, também olha de soslaio essa vanguarda e os seus herdeiros. Para Reich o caminho aberto por Schoenberg foi “um erro” e Boulez é um compositor que ocupa um lugar restrito na vida musical actual.

A propósito do concerto em Lisboa dedicado à sua produção (dia 1, no CCB), Reich falou ao Ípsilon por telefone das suas referências e do seu ecletismo estético, defendendo a sua posição através de um olhar próprio sobre o passado. Integrado no Festival Temps d’Images, o concerto revisita algumas das mais importantes obras de Reich compostas entre os finais da década de 1960 e os anos 80 e tem como intérpretes o agrupamento Bang on a Can All Stars, conjunto híbrido, a meio caminho entre o ensemble de câmara e a banda rock, fundado em 1987 pelos compositores Michael Gordon, David Lang e Julia Wolfe.

Para Steve Reich, o “Sexteto” (1984), para percussões e teclados, é a peça principal de um programa que inclui páginas tão famosas como “Electric Counterpoint”, para guitarra eléctrica e fita magnética (dedicada ao guitarrista de jazz Pat Metheny), “Clapping Music” (1971) e “Music for Pieces of Wood” (1973). Destaca ainda “Piano Phase/Vídeo Phase, uma obra especial cuja primeira versão, para dois pianos, remonta a 1967. “Agora é apresentada com uma parte de vídeo feita pelo percussionista David Cossin. Ele não toca piano mas usa um vídeo pré-gravado onde executada uma das partes da peça num instrumento de percussão midi, com o qual interage em palco.”

Reich explorou a relação com o vídeo em várias obras, incluindo as óperas “The Cave” e “Three Tales”,

“Muitos DJs e pessoas da Dance Music vão buscar coisas à minha obra, às peças dos anos 60 e 70. Aprendem como ela da mesma forma que eu aprendo a ouvir Miles Davis e John Coltrane”

Música

em colaboração com Beryl Korot, mas actualmente a sua produção centra-se em criações estritamente instrumentais ou na exploração do texto e da voz. Da sua produção recente salienta o Duplo Sexteto (prémio Pulitzer em 2009) e “2x5”, para banda rock, estreada em Manchester em Julho de 2009 no mesmo concerto em que actuaram os Kraftwerk, a banda alemã criada que levou a electrónica ao grande público.

Música é música

A transversalidade entre a cultura musical popular e erudita sempre foi natural para Reich, que gosta de lembrar o carácter intemporal desta relação. “Se voltarmos atrás na história verificamos que quase todos os grandes compositores clássicos usaram fontes populares. Na Idade Média e no Renascimento, compositores como Dufay e Josquin Desprez recorreram à melodia de ‘L’homme armé’, uma canção muito popular na época, como a base para a composição de missas”, explica. “No barroco, Bach e tantos outros inspiraram-se em formas de dança [gavotte, sarabande, giga, etc.], Beethoven usou melodias populares na Sexta Sinfonia [canta] e Stravinsky recorreu a materiais da música folclórica russa na Sagração, em Petrouska ou o Pássaro de Fogo. Ele negou mas estava a mentir!”, exclama por entre uma gargalhada. “É impossível separar a vertente erudita de Bartók da música dos camponeses húngaros e veja-se o caso Kurt Weill e da música de cabaret ou a relação de Aaron Copland com o jazz”, refere. “A influência da cultura popular é comum a quase todos os músicos desde a Idade Média. Um dos que não fez essa escolha foi Schoenberg mas estava errado! Todos sabemos que a música popular não é música clássica. Usa instrumentos e técnicas diferentes e nem costuma usar notação, mas tal como Alban Berg disse uma vez a Gershwin: ‘Música é música!’” Sublinha que as várias músicas fazem parte do nosso mundo e podem aprender umas com as outras. “Muitos DJs hoje e pessoas da Dance Music vão buscar coisas à minha obra, às peças dos anos 60 e 70. Quer dizer que aprendem como ela da mesma forma que eu aprendo a ouvir Miles Davis e John Coltrane.”

Schoenberg foi um erro?, perguntamos com perplexidade. “Schoenberg era um grande compositor mas foi cego para uma parte da música. É certo que também teve influências da música de cabaret, como se vê no ‘Pierrot Lunaire’, mas algo aconteceu depois. Se calhar não gostou do sucesso de Kurt Weill, quem sabe?” Ri-se. “Mas o pior é que os seus seguidores tornaram esse erro ainda maior”. Refere-se ao serialismo integral do pós-guerra, praticado por figuras como Boulez e por compositores ligados à escola de Darmstadt. “Boulez é um grande compositor e a sua música tem um lugar, mas é um lugar restrito. Não é algo que as pessoas toquem e ouçam regularmente. De quem é a música que mais se toca hoje? Creio que o maior compositor europeu vivo é Arvo Pärt. Também admiro muito Henryk Górecki e Giya Kanchelli e há aspectos do minimalismo na obra de Louis Andriessen, sobretudo nas primeiras peças. Depois temos John Tavener e Michael Nyman na Inglaterra e John Adams é hoje mais interpretado do que qualquer outro compositor vivo. No caso dos americanos temos ainda Philip Glass, eu próprio, Terry Riley..., todos muito presentes na vida musical. Por isso digo que o minimalismo foi a corrente mais importante dos últimos 50 anos.”

“trago fado nos sentidos”

mário laginha bernardo sasseti

aula magna terça-feira 3 de novembro 21h00

campanha de apoio à reabilitação do Jardim Botânico da Universidade de Lisboa
- uma iniciativa Sunbridge

bilhetes à venda na fnac, Worten, Dolce Vita, El Corte Inglés, Lojas Viagens Abreu, Lojas Megarede e em www.ticketline.sapo.pt.
reservas: 707 234 234

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda Culturgest, Worten, Fnac, Bim, Lojas Viagens Abreu, Livraria Buiça (Oeiras Parque e C.C. Códice do Porto),
C.C. Dolce Vita, Megarede e www.ticketline.sapo.pt - Reservas Ticketline: 707 234 234



Sten Sandell Trio

Ciclo "Isto é Jazz?" - Comissário: Pedro Costa

Piano, voz e electrónicas Sten Sandell

Contrabaixo Johan Berthling Bateria Paal Nilssen-Love

Dois músicos suecos e um norueguês que formam um dos mais importantes e revolucionários trios de piano do moderno jazz europeu.

JAZZ QUI 5 NOVEMBRO - 21H30 - PEQUENO AUDITÓRIO - €5 - M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Vai-se andando

com
José Pedro Gomes



encenação
António Felo

Textos:
Alberto Gonçalves, Eduardo Madeira,
Filipe Homem Fonseca, Henrique Dias,
Luísa Costa Gomes, Marco Noroio,
Nilton, Nuno Artur Silva, Nuno Markl

Cenário: Marta Carreiras

Música: Alexandre Manaia

Vídeo: Tiago Forte

Figurinos: Bárbara Gonzalez Felo

Desenho de Luz: Luis Duarte

Ass. de encenação: Sónia Aragão

EM CENA



AUDITÓRIO
DOS OCEANOS



CASINO
LISBOA

SAIBA MAIS EM WWW.UAU.PT

RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT



@Destak



VIP



11/12



Teatro da Trindade

INATEL
CULTURA

MÁQUINA & \$OMAR 1 MUSICAL

Música original

JOSHUA SCHM1DT

Libreto

JASON LOEW1TH

JOSHUA SCHM1DT

Baseado na peça de
ELMER RICE

“O Melhor Musical
de 2008!”

Time Out New York

“Uma Excitante
Aventura”

New York Post

“Um Brilhante
Musical”

New York Times

até 24 NOVEMBRO

20h30

sala principal
3ª a sáb. 20h30
dom. 16h | 11.12

FUNDAÇÃO INATEL | TURISMO | DESPORTO | CULTURA

Quando percorremos a extensa discografia da música barroca dos últimos anos e os programas ao vivo dos mais importantes agrupamentos especializados nas práticas de interpretação históricas, há vários nomes de solistas que se tornam recorrentes. Um deles é o da soprano Gemma Bertagnoli, presente numa grande parte dos CD que integram a obra completa de Vivaldi, que está a ser editada pela Naïve, mas também em gravações de repertório mais tardio (como "La Sonnambula", de Bellini, no álbum protagonizado por Cecilia Bartoli) ou em colaborações mais inespe-

radas como o disco "O Primeiro Cantato", de Dulce Pontes. O próximo registo da cantora, em colaboração com o Ensemble Zefiro, será dedicado à música de Haendel, o mesmo compositor que vai interpretar amanhã no Centro Cultural de Belém, com a orquestra Divino Sospiro, sob a direcção de Enrico Onofri.

"O Poder da Música", subtítulo da ode "Alexander's Feast" (baseada num texto escrito por John Dryden em 1697 para celebrar o dia de Santa Cecília, padroeira dos músicos) foi a designação escolhida para o programa especial de encerramento das co-

memorações do ano Handel, nascido há 250 anos. As peças instrumentais seleccionadas (a Abertura e o Concerto Grosso "Alexander's Feast" e o Concerto Grosso op. 3, nº2) foram aqui associadas às várias repositões da ode que se seguiram ao grande sucesso da estreia em 1736. A ideia do poder da música está também subjacente às extraordinárias páginas vocais que Gemma Bertagnoli irá cantar e que incluem o motete "Silette Venti", a ária "Sei cara, sei bella", da cantata "Cecilia, volgi un sguardo", HWV 89, e a cantata profana "Tu fedel, Tu costante".

"Cantar Haendel é um privilégio absoluto, é como receber uma lição de vocalidade directamente do Mestre"

"Cantar Haendel é um privilégio absoluto, é como receber uma lição de vocalidade directamente do Mestre", disse a soprano ao Ípsilon. "Haendel conhecia as potencialidades da voz como ninguém e escrevia para os cantores à sua disposição de modo a fazer brilhar as suas qualidades", explica. "O uso do 'legato' expressivo, o grande virtuosismo, a contínua e coerente relação entre o texto e a música são alguns dos meios que coloca à nossa disposição para conquistar o público. É maravilhoso como tudo isto é actual."

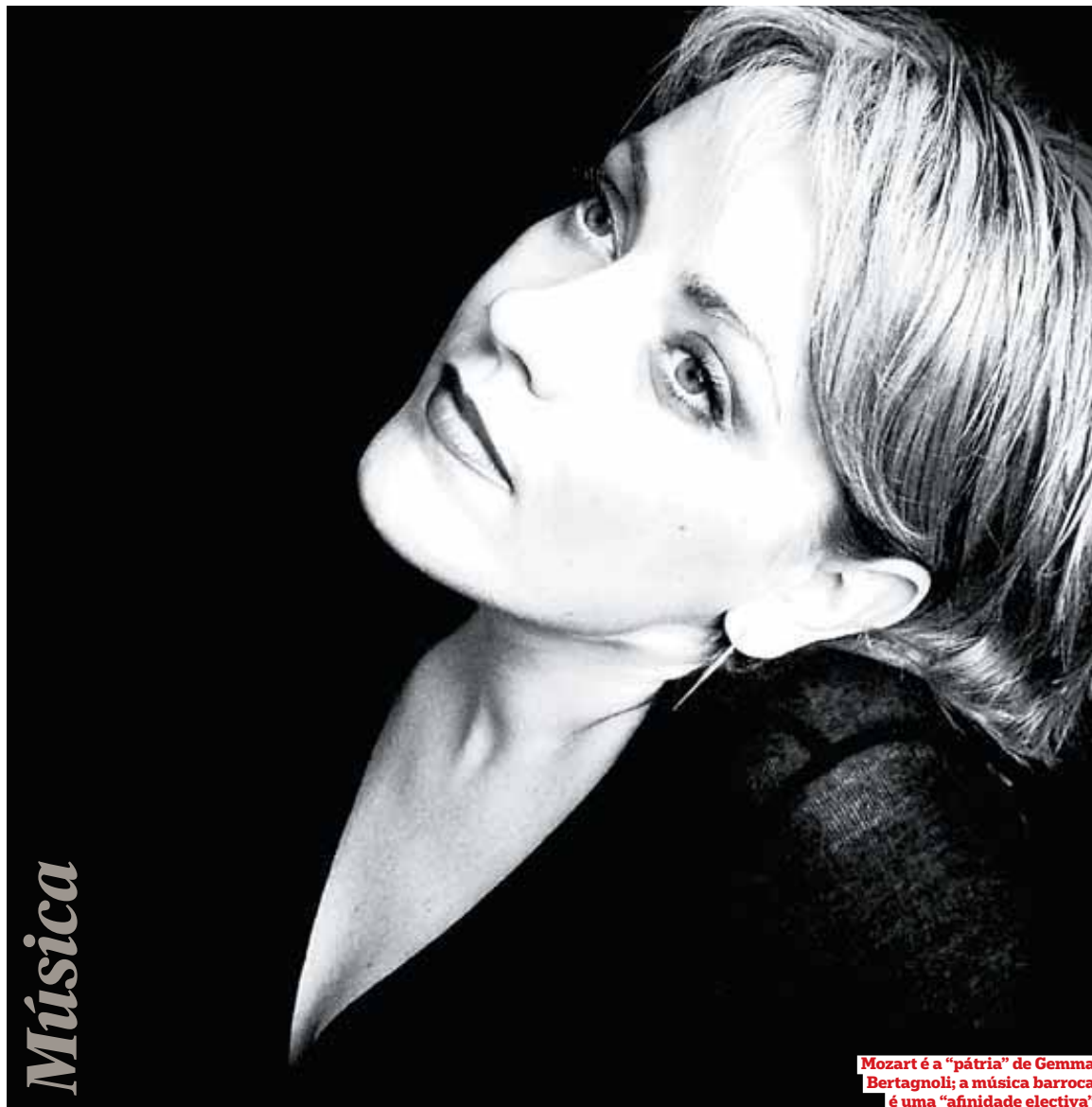
Afinidades electivas

Para Gemma Bertagnoli é difícil estabelecer prioridades acerca do que é preciso para interpretar este repertório. Prefere antes falar do "imenso prazer" que lhe dá constatar como os diferentes aspectos convergem na execução. "Procuro aderir completamente ao texto musical e há sempre um certo ponto onde se atinge uma sintonia." A maior parte das árias barrocas obedece a um modelo tripartido conhecido como forma "da capo", em que a repetição da secção inicial deve ser ornamentada pelo solista. Hoje são poucos os cantores que arriscam improvisar em palco como sucedia no século XVIII, mas a soprano italiana tem vindo a apurar essa capacidade. "Em parte escrevo as variações sobre o 'da capo' e em parte improviso. É uma espécie de jogo entre o executante e a execução, um diálogo em que continuamente se procuram as 'palavras' mais eficazes para exprimir um pensamento."

Apesar de ser sobretudo conhecida como intérprete de música barroca, Gemma Bertagnoli iniciou a carreira a cantar Mozart, um compositor que classifica como "a sua pátria". A música barroca é mais uma "afinidade electiva". "Mas tenho um temperamento curioso. Todas as épocas e todos os estilos nos contam qualquer coisa sobre nós próprios", diz. "É verdade que já cantei quase quatro séculos de música, mas as minhas escolhas estiveram sempre de acordo com as minhas características morfológicas." Um período temporal tão extenso implica a aprendizagem de diferentes técnicas, mas a cantora considera que os melhores mestres são os próprios compositores: "Pensa-se na técnica como se existisse uma solução objectiva independente do intérprete. Mas a técnica também é pessoal. Cabe ao intérprete adaptar os seus meios às diferentes paisagens musicais."

A descoberta é um dos fios condutores da carreira de Gemma Bertagnoli, por isso a cantora não faz planos demasiado concretos em relação a novos papéis operáticos ou projectos específicos. "Cada nova personagem pressupõe uma espécie de enamoramento. Nunca baseei o meu trabalho no desejo de fazer qualquer coisa que já imagino, mas sim na surpresa." Foi a fazer esse caminho que conheceu em Roma a portuguesa Dulce Pontes, por ocasião dos concertos promovidos pela Academia de Santa Cecília para celebrar os 70 anos de Ennio Morricone, com quem a soprano italiana tinha colaborado no álbum "Cinema Concerto". "No camarim nasceu uma grande simpatia entre nós, fazíamos os vocalizos em conjunto, e depois em digressão gostávamos de combinar as nossas vozes antes do concerto", conta Gemma. "Quando me convidou a colaborar no seu maravilhoso disco 'O Primeiro Cantato' não pude deixar de chorar de emoção; e cada vez que penso nela, a sua voz ainda vibra dentro de mim."

Ver agenda de concertos na pág. 45 e segs.



Mozart é a "pátria" de Gemma Bertagnoli; a música barroca é uma "afinidade electiva"

Música

Uma lição de canto com **Haendel**

É uma das grandes vozes da música barroca, mas também já colaborou com Dulce Pontes. A soprano italiana Gemma Bertagnoli apresenta com o Divino Sospiro um programa sobre o poder da música que encerra o ano Haendel no Centro Cultural de Belém. *Cristina Fernandes*



CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

Produção
Com o apoio do
Município de Guimarães
e do Centro Cultural Vila Flor



12
Nov a 21

Guimarães Jazz 2019

dia 13 Hank Jones Trio
dia 14 Stanford Mossab's Utef
dia 15 Projeto TOP | Guimarães Jazz (Old Tuba, Sowade Sissala, Dama, Cabal and Don Weiss)

dia 18 George Collyer Quartet (George Collyer, David Douglas, Blood Sweat & Tears, Eric Harland)
dia 19 Antonio Quartet (Antonio Faria, David Douglas, Blood Sweat & Tears, Eric Harland)

dia 20 Cassandre Wilson
dia 21 Big Band de ESMAC dirigida por George Collyer
dia 21 Dan Douglas and Blood Sweat Drum'n Bass Big Band

MARÇO de 12 MMWCCVF.PT

- Câmara Municipal de Guimarães
- artemas
- convívio
- Alizant
- Sociedade e Indústria, Lda
- Associação Municipal de Guimarães
- VIMARCA
- SKADIS
- VILAFLOR
- apêndice
- TV

No quarto de Jeanne

Cinema



Pedro Costa, que não fazia filmes com actores desde 1997, fez um filme Um filme austero e romântico. Se pensam que uma actriz que – podem experimentá-la ao vivo amanhã, no Lux, em

Entramos em casa de Jeanne Balibar com uma garrafa de vinho na mão por causa de um filme. Era para ser uma garrafa portuguesa, mas um check-in “in extremis”, às sete da manhã, arruinou o plano. Levamos um Bordeaux comprado numa mercearia parisiense, ao virar da esquina da rua onde a actriz vive. Em “Ne Change Rien”, o filme que Pedro Costa fez com ela (ante-estreia hoje, às 21h30, na Cinemateca de Lisboa, com a presença da actriz e do realizador; estreia nacional a 19 de Novembro), Balibar oferece-se para abrir uma garrafa de vinho, alegando a sua experiência no assunto - durante um ano, conta, foi empregada num restaurante. É uma revelação que surpreende os seus companheiros de trabalho. “A sério? E como era?” “Fácil.” A incredulidade, ainda: “Com os pratos, e tudo isso? Implica alguma técnica...” Ela: “Não, não.”

Espanto dele, certamente por não esperar que uma actriz inteligente, filha de intelectuais com conforto económico (é filha do filósofo Étienne Balibar) pudesse ter feito pela vida. Espanto nosso, ao ver que duas pessoas (Jeanne Balibar e Rodolphe Burger) que cantam duetos tortuosos, olhos nos olhos, ainda têm segredos um para o outro.

Se pensam que uma actriz que canta é um “cliché”, é porque nunca ouviram Jeanne Balibar – podem experimentá-la ao vivo pela primeira vez, amanhã, no Lux, em Lisboa, depois de ontem, a actriz ter actuado em Serralves. “Ne Change Rien” é um filme sobre a música dela, onde Balibar se metamorfoseia, entre ensaios, sessões de estúdio e concertos – num minuto parece uma Marlene Dietrich com guitarras langorosas, no outro Nico, e ainda há a cantora lírica debatendo-se com a teatralidade das palavras. Talvez fosse a única maneira de Pedro Costa, que a partir de “Ossos” (1997) só trabalhou com não-actores, trabalhar com uma actriz profissional: filmá-la quando não está a representar. Numa entrevista a propósito da passagem do filme na Quinzena dos Realizadores em Cannes, o realizador confessou que Balibar é “seguramente”, a actriz que mais admira hoje, mas isso não explica tudo. O filme evidencia o seu apaziguamento com a tradição cinematográfica – é a sua obra mais explicitamente cinéfila (pensamos em

Nicholas Ray, em Jacques Tourneur, nos Straub) desde o primeiro “O Sangue” (1990).

Clássicos e marginais

Jeanne Balibar e Pedro Costa conheceram-se em 2004 (Balibar não tem memória para datas, diz que foi em 2001), quando ambos fizeram parte do júri do festival de cinema documental de Marselha. A actriz considera os filmes dele “magníficos”, e descobriu que partilham a mesma cinefilia. “Amamos os mesmos filmes e não amamos os mesmos filmes. Haverá algumas excepções, mas penso que temos uma sensibilidade, enquanto espectadores de cinema, extremamente próxima.”

Chegará para Costa fazer um filme com uma actriz? Ensaiaemos outra aproximação: tanto ele como ela fazem cinema por outros meios, distanciando-se das convenções, mas com uma consciência grande da tradição – é por isso que o discurso sobre os filmes de Costa muitas vezes vão dar a John Ford; por seu lado, Balibar é capaz de representar heroínas trágicas de Offenbach ou Balzac (como a “coquette” Duquesa de Langeais no sublime “Ne touchez pas la hache” de Jacques Rivette) com um desprendimento contemporâneo. Na estreia de “Ne touchez pas la hache” em Nova Iorque, uma mulher disse a Balibar que a sua interpretação era falhada porque em nenhum momento ela parecia uma mulher do século XIX; a actriz tomou-o como um elogio.

“Mesmo que o Pedro e eu tenhamos percursos voluntariamente marginais – com as devidas proporções, porque somos pessoas que vão ao Festival de Cannes, não somos tão marginais quanto isso –, ao mesmo tempo temos uma ideia extremamente clássica da arte cinematográfica. O Pedro é alguém que parte de meios bastante divergentes e reencontra o classicismo de Hollywood. Penso que também é verdade sobre mim. Apesar de recorrer a meios bizarros ou oblíquos, também tenho um lado muito hollywoodiano, clássico. É uma coisa que partilhamos intensamente, mesmo que nunca tenhamos falado nisso.”

Pedro e Jeanne reencontraram-se depois do Festival de Marselha porque também tinham um amigo em comum, Philippe Morel, operador

de som dos filmes dele e nos filmes com ela. “Quando fiz o meu primeiro disco, ‘Paramour’ [2003], dei-o ao Philippe. Ele gostou imenso e deu-o a ouvir ao Pedro, que também gostou muito, e juntos decidiram seguir os concertos que eu andava a fazer. Encontrámo-nos no Japão, onde eles filmaram os concertos que fiz lá. E, entretanto, comecei os ensaios para um segundo disco [‘Slalom Dame’, 2006], e o Pedro veio filmar isso.” Philippe Morel faleceu antes da conclusão de “Ne Change Rien”, e o filme é-lhe dedicado. Costa nunca disse a Balibar: “Quero fazer um filme contigo”. “Acho que foi mais, comigo e com o Rodolphe [Burger, compositor de “Paramour” e, parcialmente, de “Slalom Dame”]: ‘Podemos acompanhar-vos um pouco, com a câmara e com o som?’ Foi muito minimal.”

Balibar diz que nunca hesitou, nem pensou duas vezes, quando um realizador que não filma actores começou a filmá-la a ela. “Adoro os filmes que não têm actores profissionais. Gosto muito de ver pessoas que não têm uma vida de actor o resto do tempo.” Além disso, nota, “enquanto o Pedro estava lá a filmar, eu não tinha a sensação de que estávamos a fazer um filme. Estávamos concentrados na música”. Conclui: “É um presente maravilhoso poder entrar num filme sem ser actriz”.

Quando ela falou sobre o filme em Cannes, ficou a impressão de que não sabia o que esperar antes de o ter visto, que o resultado era misterioso, até para ela. “Reconheço-me completamente no filme, mas ao mesmo tempo o objecto é-me bastante estranho, porque há uma ‘mise-en-scène’ que está muito presente. Faz-me viajar.” É que, se “Ne Change Rien” é um filme sobre a música de Jeanne, também é um filme sobre o cinema dele, Pedro. Como numa ficção, o realizador projecta as suas obsessões, os seus fantasmas através de uma actriz. “Completamente”, concorda Balibar. “No fim de contas, vejo uma obra de ficção. É uma história que ele inventou...”

Para falar dele.

“Sim. Ou da música em geral, ou das mulheres, ou da mulher. De trabalho. É um filme cujo tema não sou eu, isso é certo. Que é o que também gosto muito no filme.”

Um film noir

Jeanne Balibar está aninhada no sofá da sua sala, descalça e com jeans, inspirando um Lucky Strike Lights. O gato Capucine, ronronante, dá um salto; não é o gato que atravessa a penumbra em “Ne Change Rien” – esse, evidentemente, é um gato saído de um “noir” de Jacques Tourneur para este filme de sombras.

O que é o filme para Balibar? “É um ‘film noir’, como no Nicholas Ray. É o ‘They live by night’: um grupo de pessoas, um pouco à margem, muito sozinhas, que estão a correr de uma perseguição. Ao mesmo tempo, correm atrás de qualquer coisa – a música, mas também qualquer coisa mais misteriosa – e fogem de qualquer coisa do mundo, dão consigo em sítios de paragem – o Japão, Aix-en-Provence, a Alsácia... Para mim, é isso: uma mulher e três tipos que estão em fuga, num ambiente de ‘film noir’ americano.”

Há outra coisa que Costa não fazia desde “O Sangue”: um filme a preto e branco; “Ne Change Rien” é uma obra ao negro, onde os corpos não chegam a ser silhuetas, engolidos como estão pelo escuro. É um filme de câmara, rodado em interiores, o que remete para o filme que Costa fez sobre os Straub (“Onde Jaz o Teu Sorriso?”, 2002). Como esse, também é um filme sobre o trabalho: o rigor, a

“Num filme, envio qualquer coisa aos outros e os outros respondem. Não fazemos todos o mesmo ao mesmo tempo. Na música há a harmonia. Cada um dá um acorde ao mesmo tempo e seguimos um caminho que é o mesmo”

precisão, a procura obsessiva da boa nota, o combate com a mais pequena partícula – um fraseado, uma palavra, uma entoação – como no filme com os Straub se trabalhava o fotograma. Há planos em que vemos o rosto de Balibar de perfil, a fumar – podia ser Vanda Duarte, e este filme podia chamar-se “No quarto de Jeanne”. Com as devidas distâncias: não é o mesmo filme. Se é, fomalmente, um filme austero, quase estóico, também tem ligeireza e lirismo. Ligeireza: assistimos a uma lição de canto lírico, com o rosto de Balibar em grande plano, cantando Offenbach, constantemente interrompida pela professora, que fala em “off”, fora de campo. É uma cena burlesca: a professora suspende o canto de Balibar, corrige-a, dá o tom. Balibar sopra de impaciência, Balibar boceja, Balibar engana-se e exclama “Putain!” Lirismo: as canções de Balibar, a par com a opereta de Offenbach (Costa filmou a actriz na adaptação teatral de “L’Histoire Vraie de La Périchole”, dirigida por Julie Brochen, e estreada em Paris em 2006), falam de amores destruidores, impossíveis, de tortura, de mutilações. O filme evidencia a temática “monstruosa” do repertório de Balibar. “O filme leva isso muito a sério, porque é uma temática maior no universo da canção, mas ao mesmo tempo julgo que há humor na maneira como o Pedro vê isso”, explica Balibar. “Há um humor face a esse negrume, um humor que eu também tenho. É um lado... não sei como dizer... quase alemão [risos]. Que também faz parte da história do rock – há uma espécie de humor na forma de dizer coisas muito sombrias. Alguém como Nick Cave, por exemplo – ele leva-se muito a sério quando canta coisas bastante desperadas, mas acho que existe humor ali.” Uma espécie de ironia? “Uma distância.” E depois, diz Balibar, “podemos permitir-nos ser bastante ‘naíves’ numa canção – mais do que num romance ou num filme”. “Porque é uma arte popular, porque dura três minutos... As mais belas canções dizem: ‘amote’ ou ‘estou muito infeliz’, ‘a lua brilha no céu’, ‘blue moon’ [risos]. Conseguir dizer isso num filme ou num romance é duro.”

Sem voz

Balibar prepara um terceiro álbum com a banda francesa de rock e elec-



e com uma atriz, Jeanne Balibar. “Ne Change Rien” é sobre a música dela.
 e canta é um “cliché”, é porque nunca ouviram Balibar
 1 Lisboa. *Kathleen Gomes, em Paris*

O que é o filme para Balibar? “É um ‘film noir’, como no Nicholas Ray. É o ‘They live by night’: um grupo de pessoas, um pouco à margem, muito sozinhas, que estão a correr de uma perseguição”



Balibar diz que nunca hesitou, nem pensou duas vezes, quando um realizador que não filma actores começou a filmá-la a ela

trónica Poni Hoax. Também está prevista uma série de performances num festival experimental com uma “espécie de canções” compostas e escritas por ela, que irá cantar acompanhada apenas por um metrónomo. “Estamos menos sozinhas quando fazemos música. No momento de cantar, há outras pessoas que tocam ao mesmo tempo.” Não acontece o mesmo num filme? “Num filme, eu envio qualquer coisa

aos outros e os outros respondem. Não fazemos todos a mesma coisa ao mesmo tempo. Na música há a harmonia. Cada um dá um acorde ao mesmo tempo e seguimos, com os músicos, um caminho que é o mesmo. É um prazer da comunhão com os outros que é de uma natureza diferente do que se passa no cinema. Aí, tocamos todos juntos – a câmara, o som, o co-intérprete – mas cada um toca a

sua partitura. Ao passo que, na música, seguimos todos a mesma partitura. Adoro isso.”

A voz, meio anasalada, tem uma música própria, mesmo quando ela fala. Numa entrevista, afirmou que construiu toda a sua personalidade em torno da voz. “Sim, mas isso está prestes a mudar”, ri-se. “Neste momento, só tenho vontade de fazer papéis mudos. Não sei porquê, mas

a voz sempre foi um ponto de apoio em toda a minha carreira e ultimamente percebi que pode haver outros. Estou sempre a dizer ao Mathieu Amalric: ‘Escreve um filme para nós em que interpretemos papéis mudos’. Mas não sei se ele o vai fazer.” Há-de ser um filme burlesco.

Ver agenda de concertos págs. 45 e segs.

“Escreve sobre aquilo que conheces bem” podia ser um mandamento para qualquer aspirante a escritor. O português Ricardo Adolfo sabe desde novo o que é ser emigrante. Nasceu em Luanda em 1974, voltou com os pais a Lisboa e a Mem Martins pouco depois da revolução de Abril, viveu em Macau ainda criança, retornou à capital e, finalmente, em 1999 resolveu deixar o país para trabalhar em Amsterdão, Londres, mundo fora.

A condição de estrangeiro ajudou-o a escrever sobre o seu país. “Há uma parte que é o cliché de puxarmos Portugal para nós, e depois há outra que é o facto de ganharmos uma perspectiva diferente sobre a nossa realidade. As coisas começam a parecer mais interessantes, mais únicas, mais peculiares do que quando estamos sempre enfiado naquela roda viva”, conta-nos, de passagem por Lisboa.

Nas suas duas primeiras obras - o livro de contos “Os Chouriços São Todos Para Assar” (2003) e o romance “Mizé” (2006), ambos editados na Dom Quixote - Ricardo vale-se do quotidiano luso, da linha de Sintra, das conversas de café. “Percebi que a vida aqui é bastante rica para quem quer escrever. Há contradições e tensões muito pequeninas que são fantásticas.”

O novo livro, “Depois de morrer aconteceram-me muitas coisas”, editado pela Objectiva, é diferente. Temos um emigrante de sucesso a escrever sobre emigrantes desgraçados, gente que tem de começar de novo num ambiente hostil. “O título é uma referência ao processo de transformação pelo qual se passa quando saímos de uma realidade e temos de nos recriar noutra. Esse para mim é o morrer, porque a partir do momento

em que desembarcas noutra sítio qualquer esquece quem eras, começa tudo do zero.”

Ao longo da trama, seguimos um casal emigrado, vivendo nos subúrbios. Ele, Brito, é o narrador, não tem trabalho e passa os dias em casa ou no café a cuidar do filho e com saudades da terra; ela, Carla, trabalha furiosamente para sustentar a família. Vivem numa casa minúscula, não falam a língua daquela gente, perdem-se.

“A minha experiência [de emigrante] foi bem mais fácil que a do livro, porque hoje é relativamente fácil sair quando se está equipado para isso”, diz. Há questões logísticas, como alugar casa ou abrir conta no banco. Mas é sobretudo difícil pertencer, voltar a existir. “Há uma tentativa de reflexão sobre como é que se existe perante o outro sem conseguir comunicar. Se não há testemunhas do nosso dia-a-dia, não há vida.”

Brito é esse narrador “morto”, que “só não imigra totalmente para dentro de si mesmo por causa do filho”. Na rua ninguém o conhece e a sua existência apenas se comprova negativamente - um guarda-chuva que o atinge, um encontro desconhecido. O escritor não nomeia a cidade da acção, chama-lhe Ilha, mas adivinhámos Londres. Em cheio: “O livro foi escrito lá. É influenciado pelo tempo e pela convivência com a imigração londrina, muito mais cruel que a de Amsterdão”. A Adolfo interessam-lhe essas franjas das grandes cidades, “espaços mortos, sombrios, onde uma parte da população não percebe bem o que anda a fazer”.

O que é que faz um emigrante? Faz pela vida. E procura o melhor, que muitas vezes se escreve Europa. “Estamos fechados numa redoma, a ten-

tar proteger-nos como se toda a gente nos quisesse invadir, quando as pessoas só querem safar-se”, prossegue Ricardo. Por isso quis escrever sobre este tema actual, em que “há uma série de espaços mortos, na maior parte ocupados por imigrantes, porque ninguém quer andar por lá”.

24 horas na vida de um emigrante

A ideia estava em partir do verosímil, de qualquer coisa pequena que se transformasse numa grande tragédia. “Um metro que avaria pareceu-me tão banal, tão pequeno e insignificante que é tipo: ‘ok, consigo identificar-me com isto’. Com uma série de factores agregados deu para criar esta bola de neve.” A bola é uma família em busca da própria casa, depois de uma tarde de compras em que uma mala, com rodas e tudo, passa a acompanhá-la. “A mala começou por ser um triunfo, um pequeno símbolo de ostentação. E põe a questão da relação entre ela [Carla] e ele [Brito]. Ela é que tinha o dinheiro, ela é que decidiu comprar.” O escritor interessa-se por este novo papel do homem na sociedade, o homem que fica em casa com os putos, que não trabalha, que depende da mulher. “Não é como há 50 anos, que sabíamos quais eram as regras. E a personagem sofre com isso, com as referências que estão diluir-se.”

Brito vive num auto-boicote permanentemente, complica, chega à conclusão de que tem de fazer sempre o oposto daquilo que acha que está certo. É um homem com passado por resolver, que estava condenado à partida. “Gosto de dar algo às personagens que em princípio é antipático e depois conseguir que as pessoas se identifiquem com elas”, explica Adolfo. Já

Depois de emigrar aconteceram-lhe muitas coisas

Ricardo Adolfo partiu para Amsterdão para trabalhar em publicidade. Acabou a escrever sobre Portugal e a rodar uma curta com Wong Kar-wai. “Depois de morrer aconteceram-me muitas coisas” é uma parábola sobre a imigração. *Hélder Beja*



“Há uma tentativa de reflexão [no livro, sobre quem emigra] sobre como é que se existe perante o outro sem conseguir comunicar. Se não há testemunhas do nosso dia-a-dia, não há vida.”

Ricardo Adolfo, escritor, publicitário, trabalhou como Creative Consultant numa curta-metragem de Wong Kar-wai, “There’s Only One Sun”, que promove um novo aparelho de TV da Philips



ERIC GAILLARDI/REUTERS

Carla “é o grande motor da história. Se calhar é uma homenagem às mulheres discretas que são o motor de muitas famílias.”

Brito, Carla, o filho e a mala vão errando por ruas e autocarros. E Adolfo aproveita para dar corpo a estas personagens num livro que concentra a acção em pouco mais de 24 horas. “Foi outro grande desafio perceber como condensar uma narrativa num espaço de tempo tão curto e criar personagens que não sejam totalmente planas.” Para isso munuiu-se da primeira pessoa, com Brito a aproximar-se do leitor e a guiá-lo pelos cenários mas também a falar de si, da terra e da mulher, aquela que “apesar de já não ter espaço entre as coxas e de ter ganho barriga, ainda tinha pernas. Continuava grossa” (pp. 21).

Estamos com o narrador quando ele fala da terra, essa coisa portuguesa que ganha importância no romance. A terra como o único lugar onde existe aquele homem mais velho, cumprimentado e respeitado por todos. A terra como qualquer coisa orgânica. “Quando traduzimos a palavra para outra língua, não tem esse significado. O voltar à terra, o ter uma terra significa um mundo para nós.”

A terra de Adolfo é Mem Martins. Foi lá que passou “muitas horas a tagarelar, a ouvir filosofia barata à volta da mesa de snooker”. Isso está toda nos diálogos dos seus livros, coloquiais e certeiros - alguns podem ler-se em www.objectiva.pt/depoisde-morrer. Um exemplo: “se tivéssemos ido logo pra casa já lá távamos/ e se não tivéssemos vindo tamen/ por isso é que te disse que preferia ficar/ já sabias era?”

“A questão dos diálogos fascina-me. São tão ricos, tão fantásticos, pergunto-me como é que não há mais pessoas a roubá-los. Andamos na rua e ouvimos coisas lindas, ouvimos duas linhas e percebemos que isto agora vai dar esta discussão que é fantástica.”

No restante, a linguagem serve a história e a “batalha” do autor. Como em “O Remorso de Baltasar Serapião”, de valter hugo mãe. Perguntamos a Adolfo se podemos traçar essa linha. “Gosto muito do valter, acho que desta nova vaga é o autor de que me sinto mais próximo. Estamos a trabalhar no mesmo tipo de personagens, de angústias. Leio esse livro ou o ‘O Apocalipse dos trabalhadores’ e vejo ali a briga que também estou a tentar travar.”

Apesar de haver religião neste livro, com um episódio em que Brito dá cabo da fé, Adolfo não compra essa luta. Mas não se coíbe de dizer que há uma

perspectiva quase de super-mercado em relação a Deus. “É uma forma comum de lidarmos com a religião: quando precisamos vamos a Fátima e quando não precisamos vamos à Luz.”

“Mizé” adaptado ao cinema

Como é que um rapaz da publicidade, imigrante “mais porque sim que por outra coisa qualquer”, acaba como Creative Consultant numa curta-metragem do realizador de “2046”, Wong Kar-wai? Milagre? Ricardo Adolfo: “É uma história cómica. Estava com uma campanha para o lançamento de uma nova TV da Philips. Fizemos a campanha, criámos o conceito e no fim houve a necessidade de fazer algo que não fosse só um anúncio normal de TV, para ter conteúdos no ponto de venda a passar na nova TV.

O conceito andava à volta de luz e sedução. Adolfo liderou a equipa que escreveu alguns guiões para uma curta-metragem. Quando lhes pediram um realizador, Kar-wai foi o nome unânime. “Não encontrei ninguém como ele a trabalhar estes conceitos. E basicamente telefonamos-lhe.” Seguiram-se reuniões em Hong Kong e Los Angeles, o realizador estava a terminar “My Blueberry Nights” (2007), depois seguiu para Cannes.

Adolfo acompanhou tudo, da génese da ideia de que resultaria a curta “There’s Only One Sun” (2007), à rotação em Xangai. “Foi uma experiência interessante porque apesar de ele ser escritor não escreve muito. Então cada dia era um guião novo, uma aventura nova.” O filme, futurista, recupera a estética - e até boa parte da equipa técnica - de “2046”. “O stilling da atriz [Amelie Daure] também é muito parecido com o da Faye Wong [atriz em “2046”]”, reconhece o autor.

O seu primeiro romance, “Mizé”, que descreve como uma tragédia suburbana, também está em fase de financiamento para adaptação ao cinema, por uma produtora e realizadora inglesas. Tem trabalhado no guião e acredita que acabará por escrever mais para cinema.

Para já - e seja porque privou com Wong Kar-wai ou por outros motivos - não conta regressar a Portugal. “Quanto mais viajo mais quero ser imigrante noutros sítios. Saí com vontade conhecer outras realidades e sinto vontade de conhecer algumas ainda mais distantes, como por exemplo a Ásia, que é uma experiência de imigração bem mais difícil.” A começar pela língua.

UGURU ★

LUDOVICO EINAUDI NIGHTBOOK TOUR

CCB 02 NOVEMBRO 21H

ESTREIA EM PORTUGAL DO SEU NOVO TRABALHO E DO SEU ENSEMBLE.

FEDERICO MICOZZI (Violino/Sulzbacher) • MAURO DURANTE (Violão/Preussler) • ANTONIO LEONDESINI (Piano)

BRUNO DECARO (Violoncelo) • ROBERT LIPPOK (Elettronica)

BILHETES À VENDA: BILHETES/PT DO CCB - WWW.CCB.PT; TICKETLINE: (012) 24234 - WWW.TICKETLINE.PT; LOJA PNC: LUISA WORTH - WPP: 214 410 200 - WWW.UGURU.NET

MEGA PARTNER: SFR, ARRETERIA 2, WPP, myguide.pt, Holiday Inn, CCB Lisboa

Se pensavam que Chico Buarque compôs “Olhos nos Olhos” (1976) a pensar numa mulher, desenganem-se. Aqueles versos, “Olhos nos olhos, quero ver o que você faz/Ao sentir que sem você eu passo bem demais”, foram escritos numa noite depois de o compositor ter passado a tarde a conversar com Paulo Pontes, o amigo com quem escreveu a peça “Gota D’Água”, que estava doente e o deixou preocupado.

Talvez não saibam que quando a canção “Tanto mar” (1975), dedicada à Revolução dos Cravos (“Sei que estás em festa, pá/Fico contente”), foi enviada para ser aprovada pela censura brasileira, apanhou o censor Augusto da Costa, que tinha sido defeso da seleção de futebol brasileira, em 1950, no jogo do Campeonato do Mundo em que o Brasil perdeu com o Uruguai. Da canção só passou na censura o título e Buarque reagiu: “Porra, Augusto, você perde a copa e ainda vem me aporrinhar”.

Estas e outras histórias por trás das canções que Chico compôs entre 1964 e 2008 estão reunidas em “Histórias de Canções - Chico Buarque”, de Wagner Homem, que acaba de ser publicado pelo grupo editorial português Leya no Brasil. É um livro que, como escreve Toquinho no prefácio, conta “histórias verdadeiras, de músicas verdadeiras, de um compositor verdadeiro”. Tem o mérito de reunir pequenas histórias que estavam espalhadas por biografias (por exemplo, em “Chico Buarque: Tantas Palavras”, de Humberto Werneck), entrevistas, documentários (a série de doze DVD realizada por Roberto de Oliveira ou “Desconstrução” de Bruno Natal) e até no “site” do cantor que foi criado, em

1998, por Wagner Homem que até hoje é o seu curador. Chico Buarque num “e-mail” que escreveu a Wagner Homem (a quem trata por “cachorrão”) explicava que enquanto lia o livro ia pensando que tinha uma história boa para lhe contar, mas à medida que avançava, todas as histórias, afinal, apareciam. “Vou pensar mais um pouco, procurar alguma anedota inédita, mas acho que você as conhece todas, melhor que eu”, dizia-lhe. A ideia de fazer o livro surgiu a Wagner (que também trabalha como revisor, “ghost-writer” e mantém o “site” de Maria Bethânia e de Mario Prata) devido às inúmeras solicitações que ao longo destes onze anos tem recebido na sua caixa de correio. Quis fazer um livro que não fosse nem analítico nem académico. Essa fórmula parece ter resultado pois já entrou nos três primeiros lugares das principais listas de livros mais vendidos no Brasil (www.historiasdecancoes.com.br) e será editado em Portugal pela Dom Quixote em 2010.

Poeta, deixa ficar

Em “Histórias de Canções” o leitor avança cronologicamente e no início de cada capítulo, Wagner Homem faz uma introdução à época em que as canções foram criadas, interligando a vida do compositor com a história do país. Por lá passam também as composições que Chico escreveu nos anos 70 sob o pseudónimo Julinho da Adelaide e Leonel Paiva para escapar à censura. E há revelações de Edu Lobo, de Toquinho, de Caetano.

Está reproduzida uma carta que Tom Jobim enviou a Buarque depois de ter ouvido a canção “Paratodos” (1993) que Chico fez em sua homena-

Wagner Homem faz uma introdução à época em que as canções foram criadas, interligando a vida de Chico Buarque com a história do país

gem. “Chico, my love, a tua homenagem me deixou estarrecido. Estou desvanecido, deliquescente, maravilhado, sobretudo porque é Para Todos, para mim, para você! (...) Beijo, beijo, beijo. Tom Jobim”.

A ideia de que a musa para a canção “Morena dos Olhos d’Água” teria sido a “socialite” Eleonora Mendes Caldeira também fica agora tremida. Chico nunca confirmou nem nunca desmentiu mas as suas irmãs, Ana e Maria do Carmo, garantem que quando ele terminou esta canção ligou para mais de uma mulher dizendo que cada uma delas era a sua musa.

Mas o mais surpreendente é o desvendar do processo de trabalho e criação entre Chico e Vinicius de Moraes através do envio de cartas e de cassette áudio. Apesar de estarem em países diferentes - Chico no Brasil, Vinicius na Argentina - trabalhavam em parceria, trocando ideias por escrito. Em 1971, a propósito de uma canção que tinham feito, Vinicius escreve a Chico uma carta deliciosa: “Chiquér-rimo: Dei uma apertada linda na sua letra, depois que v. partiu, porque

achei que valia a pena trabalhar mais um pouquinho sobre ela (...) Claro que a letra é sua, eu nada mais fiz que dar uma aparafusada geral”.

A letra de que aqui se fala é a da canção “Valsinha” (1970), aquela que conta “um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar/Olhou-a dum jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar/E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar”.

Nessa carta Vinicius alterava para: “Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar/Olhou-a de um modo mais quente do que comumente costumava olhar/E não falou mal da poesia como era mania sua de falar”.

Chico respondeu então ao “Poeta” que ficara “meio embananado” com a carta porque já estava a cantar aquela letra nos concertos e o público recebia a valsinha com “o maior entusiasmo, pedindo bis e tudo.” Ponto por ponto, Chico foi “puxando a sardinha” para o lado da sua letra e explicando a Vinicius porque é que não aceitava algumas das propostas. “(...) Eu prefiro que o nosso personagem xingue ou, mais delicado, maldiga a vida, em vez de falar mal da poesia. A solução é mais bonita e completa, mas eu acho que ela diminui o efeito do que segue. Esse homem da primeira estrofe é o anti-hippie. Acho mesmo que ele nunca soube o que é poesia. É bancário e está com o saco cheio e está sempre mandando sua mulher à merda. Quer dizer, neste dia ele chegou diferente, não maldisse (ou xingou mesmo) a vida tanto e convidou-a pra rodar. Convidou-a para rodar eu gosto muito, poeta, deixa ficar.” Ficou.

“Histórias de Canções - Chico Buarque”, de Wagner Homem, que acaba de ser publicado pelo grupo editorial português Leya no Brasil, reúne pequenas histórias que estavam espalhadas por biografias, entrevistas, documentários e até no “site” do cantor



Espreitando Chico

Wagner Homem, o curador do “site” oficial de Chico Buarque, lançou o livro “Histórias de Canções” onde reúne curiosidades e pequenas histórias dos momentos de criação do compositor. Já está nos tops brasileiros. *Isabel Coutinho*



NÃO PERÇA O REGRESSO DA PANTERA COR-DE-ROSA.

Os clássicos que todos querem de volta.
Menos ele.

A pantera mais conhecida do mundo volta a atacar em 10 episódios.

Colecione os clássicos que fizeram da Pantera Cor-de-Rosa a maior estrela.

Não se esqueça que sábado é dia de Taram, Taram...

Sábado, dia 31 com o Público, Volume III:

Piknic, Pink Panic, Pink Posies, Pink of the Litter, In the Pink, Jet Pink, Pink Paradise, Pinto Pink, Congratulations! It's Pink, Prefabricated Pink, The Hand is Pinker than the Eye, Pink Outs.

Edição limitada ao stock existente.



Uma história de

São imagens de um mundo sem futuro, mas onde se procura manter a vontade em Serralves, põe a nu alguns dos absurdos que atravessam

“Queria captar o contraste entre a riqueza absurda do interior e o exterior do ‘stand’. Inevitavelmente passaria lá fora alguém sem a capacidade de comprar um carro daqueles”
Da série “Ferrari”



Exposições

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, inaugurou há precisamente uma semana, uma das exposições do ano: “Sem Saída/Ensaio Sobre o Optimismo”, de Augusto Alves da Silva (Lisboa, 1963), nome fundamental da fotografia portuguesa contemporânea. A mostra, comissariada por João Fernandes, reúne um assinalável corpo de trabalho realizado pelo artista desde meados dos anos 1980. Entre as obras apresentadas, que incluem também vídeos e livros de artista, destacam-se quer “Síntese”, composta por imagens provenientes de séries anteriores, uniformizadas agora através de novas impressões, quer dois novos projectos, “Iberia”, exercício sobre a paisagem composto por mais de cinco mil instantâneos, e “Book”, que coloca questões relacionadas com o incessante consumo de imagens “supostamente eróticas”. Neste caso, o pro-

cesso iniciou-se com a publicação de um anúncio na Internet, através do qual o artista se propunha contratar para sessões fotográficas modelos não profissionais, com a condição de estas não terem experiência nos contextos da moda e da arte.

Neste conjunto de imagens, Augusto Alves da Silva confronta o espectador com situações na fronteira entre o erotismo e a pornografia - embora não exista uma única fotografia em que o rosto e a nudez surjam associados e a modelo, que recebe parte do dinheiro de uma futura venda, tenha tido sempre a última palavra. Entre o vagabundo que realiza um gesto obsceno diante de um “stand” de Ferraris e um homem com uma

“Em qualquer fotografia, mesmo que encenada, o que está à frente da câmara é o que fica. No caso do veado, aparece um pombo que não vi e que depois aceitei”
Da série “Animais”



a sobrevivência

de viver. “Sem Saída/Ensaio sobre o Optimismo”, a exposição do fotógrafo Augusto Alves da Silva na sociedade actual, da pornografia à Cimeira das Lajes. *Oscar Faria*

espingarda junto a uma piscina, entre o aterrar dos aviões para a Cimeira das Lajes e umas unhas pintadas de vermelho, entre o desejo e o comentário político, entre a natureza e a arte, esta é uma exposição contra a hipocrisia.

A exposição inclui um núcleo, “Síntese”, que resulta de fotografias provenientes de séries anteriores. Qual foi o critério de selecção?

A ideia de “Síntese” foi reunir imagens que ressaltam das séries para as quais foram realizadas inicialmente. Funciono sempre com conjuntos de fotografias e procuro diálogos e interferências entre elas, contudo, notei ao longo dos anos que há umas que sobrevivem sozinhas, que me intrigam ou que atraem a atenção. Parece uma contradição, porque se estou a jogar com conjuntos à partida não devia estar interessado em exemplares únicos; porém, aconteceu.

Pode explicar melhor aquilo que define como intrigante?

Nas séries existem imagens aparentemente mais discretas do ponto de vista do impacto visual que equilibram o conjunto. Mas há algumas outras, poucas, que depois ressaltam, como o veado a olhar para a cidade ou o vagabundo na série “Ferrari”.

Nestes casos, podemos falar em “instante decisivo”, tal como o definiu Henri Cartier-Bresson?

Em qualquer fotografia, mesmo que encenada, o que está à frente da câmara é o que fica. Esse instante não o chamo decisivo. No caso do veado, aparece, em cima, do lado esquerdo, um pombo que não vi e que depois aceitei; no caso do vagabundo, há uma pessoa na rua a virar a esquina, que também não vi. No caso do veado consegui pré-visualizar a possibilidade de fazer aquela imagem, na medida em que o animal estava lá.

E no caso do vagabundo?

Também. Porque tinha montado o tripé, a máquina e o flash naquele sítio e queria captar uma situação de contraste entre a riqueza absurda do interior e o exterior daquele “stand” de automóveis. Sabia que, inevitavelmente, passaria lá fora alguém sem a capacidade de comprar um carro daqueles.

Como interpreta o gesto do vagabundo?

Ele pediu-me licença para fazer aquele gesto - em linguagem não verbal, porque tínhamos um vidro a separar-nos. Há uma primeira fotografia em que o flash não disparou: estava de tal maneira nervoso que me esqueci de o ligar. Fiz-lhe então um sinal com as mãos a explicar-lhe que aquilo tinha corrido mal. Respondeu-me com um sinal, como a dizer: “posso esperar”. Carreguei o flash, ele voltou a fazer o gesto e eu tirei a segunda fotografia. Perguntou-me, sempre atra-



“Fascinou-me inventar um trajeto do Mediterrâneo ao Cantábrio sem tocar o asfalto (...). O jipe ficou enterrado na neve, a 20 quilómetros do Cantábrio”
Da série “Iberia”

vés de gestos, se a segunda imagem tinha ficado bem. Fiz-lhe um sinal de ok com o polegar para cima e despedimo-nos com um adeus. Ele viu-me como uma espécie de mensageiro para um público mais vasto.

Em “Síntese” nota-se a ausência de imagens provenientes das suas duas séries porventura mais políticas: “3.16” (2003) e “Die schönste Fahne der Welt” (2006)... Pode dizer-se que há uma ausência do político?

Não estou de acordo. A imagem do Ferrari é a mais gritante desse ponto de vista, mas todas têm coisas que se relacionam com desequilíbrios, pervertões ou absurdos do mundo que construímos: a moto enterrada nas dunas com o motociclista lá atrás; as pessoas que dançam ao vento no convés de um navio - uma imagem à primeira vista bonita do ponto de vista de luz e de cor, mas depois extremamente triste e patética, pois aquelas pessoas estão completamente isoladas umas das outras; o “shelter”, que é uma espécie de sarcófago, túmulo, nave espacial, no meio da paisagem; as árvores todas queimadas na Serra da Estrela - no Inverno de 1992, tudo o que fotografiei em serras portuguesas foram florestas queimadas. A imagem mais feliz é aquela em que podemos perguntar: o que faz um homem com uma espingarda na mão à beira de uma piscina?

É uma imagem plena de humor...
O humor é uma das melhores formas de cativar as pessoas para as coisas. Gosto de pensar num público geral. Não gosto de pensar nem na crítica especializada, nem no público da arte, nem nos directores de museus: não estou a dizer que não respeito essas pessoas, contudo é para mim muito gratificante quando vejo al-

guém de fora deste meio a entrar num museu ou a folhear um trabalho publicado... A imagem do homem da espingarda na piscina cativa as pessoas, primeiro porque nos faz sorrir - ele tem um sorriso estranho, é mais um esgar do que um sorriso - e depois porque nos faz pensar...
Podia ser um serial-killer...

No laboratório, na Alemanha, por questões práticas, tinha que dar títulos de trabalho. Chamei a essa fotografia “Shooting Tourists”, o que provocou um sorriso no técnico que estava a trabalhar comigo.

Em “Síntese” fizeram-se também novas impressões, as imagens ganharam uma outra escala...

Achei que devia unificar as imagens através da dimensão e através da técnica. Se não, tínhamos uma manta de retalhos: uma imagem com 50 por 60 centímetros, outra com um metro e sessenta por dois metros e dez. Pareceria um “bric-à-brac”, uma ideia de retrospectiva: a de ir buscar bocadinhos de coisas. No fundo, na minha cabeça, o que fiz foi como se tivesse produzido um trabalho novo. Imprimi as imagens todas com a mesma dimensão e também uniformizei a técnica, porque havia algumas com “passapartout”, outras sem. Uma pessoa que nunca tenha visto o meu trabalho pode entrar no museu e achar que aquilo é uma nova série. Disso gosto muito: a possibilidade de se

“O optimismo do título tem a ver com a nossa capacidade de nos regenerarmos das situações mais difíceis e conseguirmos continuar a viver, apesar de Auschwitz, da Cimeira das Lajes ou de coisas que acontecem agora”

olhar para aquelas imagens desligadas do contexto da série original a que pertencem.

Apresenta novos trabalhos, como “Iberia”, um exercício sobre a paisagem realizado em Espanha. Qual a razão da escolha desta geografia?

No “Iberia” fascinou-me a possibilidade de conseguir inventar um trabalho de automóvel do Mar Mediterrâneo ao Mar Cantábrio sem praticamente tocar o asfalto. Consegui

encontrar liberdade para isso: nunca passei um sinal de proibido e, das poucas vezes que encontrei um sinal de propriedade privada, não o passei. A ideia surgiu há mais de dez anos, ao encontrar um troço da Cañada Real Leonesa. Depois pesquisei a rede das Cañadas, em Espanha, que já estão muito destruídas e danificadas, por causa das auto-estradas e das obras: segundo me lembro, eram vias de transporte de gado de Norte para Sul e vice-versa. A partir desse momento, comecei a fascinar-me o facto de se conseguir atravessar um país inteiro na Europa, sem estar a transgredir nada, através de vias alternativas: juntei estradas agrícolas, estradas usadas por caçadores, algumas difíceis de transitar. Ao longo de dez anos, com recurso a um GPS, fui juntando troços que depois percorri numa só viagem de 18 dias: fazia uma média de 100 quilómetros por dia, desde o nascer ao pôr-do-sol. A viagem transmitiu-me uma alegria e uma calma que dificilmente conseguirei ter até hoje. Quando cheguei à Cordilheira Cantábrica ao fim dos 18 dias e encontrei as montanhas todas nevadas parecia haver uma lógica qualquer, difícil de explicar, em sair do Mar Mediterrâneo e acabar ali, num ponto em que já não podia avançar mais: o jipe ficou enterrado na neve, a cerca de 20 quilómetros do Mar Cantábrio.

Essa série transmite também uma ideia de solidão, de tristeza mesmo, acentuada pela banda sonora: uma gravação de estações de rádio espanholas...

Sim. A tristeza tem sentido também, mas é difícil descobrir a linha que a separa da alegria... Ao introduzir a música já se recupera mais a alegria, porque a rádio espanhola faz-me inevitavelmente sorrir. A voz das pessoas, a maneira que têm de falar, de traduzir os títulos, a alegria que têm como locutores e a própria escolha das músicas.

Esta série é quase o oposto de “Síntese”, não há quase escolha...
Aqui o critério de escolha foi eliminar as imagens muito escuras ou muito claras ou as que ficaram brutalmente tremidas sem intenção. Devo ter feito seguramente 20 mil imagens: há muitas que são tão repetidas e tão parecidas, porque guiava e fotografava ao mesmo tempo - também eliminei algumas assim. A máquina estava colada dentro do carro, fixa sempre →

UGURU ★
OUMOU SANGARE
A MAIOR VOZ DE ÁFRICA APRESENTA "SEVA"
LISBOA | CCB
14 NOV
BILHETES À VENDITA: BILHETES.DS.GE - WWW.CCB.PT/TICKETLINE/DFRZSADIA/WWW.TICKETLINE.PT | LISBOA PUBLIC - LISBOA WORTEL - 910 214 416 200 - WWW.UGURU.NET



“O bombardeamento de imagens de carácter supostamente erótico a que somos submetidos é extremamente agressivo. Quis criar algo que não tivesse esse lado violento”

tância, os aviões mínimos a aterrarem, e incluí na série um 12º elemento, um texto, que ocupa a área de uma fotografia, onde, de forma clara e dura, digo o que significa para mim a Cimeira das Lajes e o absurdo de toda aquela situação. É mais eficaz mostrar a escala dos aviões e das pessoas em relação ao mar, ao céu e à terra: como é que alguém com aquela insignificância tem a capacidade de poder destruir o mar, o céu e a terra?

Como surgiu o título da exposição? Ele lembra, de certa forma, o slogan punk “no future”...

Ou o “goth as fuck” que se vê numa fotografia minha de 2001, que me dá vontade de sorrir, porque, apesar de tudo, com tanta coisa má, não se desiste de viver, excepto nos casos em que se comete suicídio, e isso pode acontecer a qualquer um de nós... Até fantasiei com o título em inglês: “A Peculiar Approach to Optimism”, embora ache a versão final bastante melhor... Na situação mais dura da minha vida, a morte da minha irmã Guida, a quem dediquei o livro “Shelter”,

consegui recuperar a alegria de viver através de duas coisas. Uma delas foi a natureza, a ideia de que há uma coisa que não é construída por nós; a outra, a arte: a actividade humana que acaba por nos transcender. Se às vezes tinha dúvidas se gostava de arte, nesses momentos sempre me

“Aquelas imagens são muito mais do que sobre sexo. São sobre mim, são também sobre a solidão daquelas pessoas, porque ao serem fotografadas estão afastadas das famílias, dos namorados, dos maridos, de quem quer que seja (...). Quis acabar com a hipocrisia do que é que se pode e do que é que não se pode ver e pô-lo à vista”
Da série “Book”

← num mesmo ponto: ia guiando e fotografando; como estamos numa era digital, não pensava nos custos. Se conseguisse ter tido mais calma a fotografar, poderia nem ter tido necessidade de editar.

Esta viagem é feita em paralelo ao projecto “Book”?

Começou a ser preparada muito antes. A viagem foi feita entre Dezembro de 2007 e Janeiro de 2008. Há 20 anos que vou para Espanha no Natal e no Ano Novo: há uma alegria e uma paz no facto de esquecer essa época durante a viagem. O “Book” começou em Agosto de 2007. Aquilo é em 18 dias, o “Book” demorou dois anos a fazer.

Há uma razão para ir para Espanha nesse período do ano? São questões pessoais, de família. E a alegria que encontro no meio de desconhecidos.

A propósito de “Book” pode fazer-se a mesma pergunta que Susan Sontag levanta no livro “Olhando o Sofrimento dos Outros”: “Que fazer com um conhecimento como o que as fotografias nos trazem de sofrimentos distantes?” Aquilo que nos transmite essa



série é, uma vez mais, uma profunda solidão...

O sexo não é indissociável de tudo aquilo que vivemos e sentimos: aquelas imagens são muito mais do que sobre sexo. São sobre mim, são sobre aquelas pessoas. São também sobre a solidão daquelas pessoas, porque ao serem fotografadas estão afastadas das famílias, dos namorados, dos maridos, de quem quer que seja: é uma decisão delas. Há ainda a questão do anonimato, no sentido de não haver coexistência entre nu e cara, que elas colocam como determinante para as imagens poderem fazer-se. Eu próprio me pergunto muitas vezes porque é que estas pessoas quiseram ser fotografadas. Estou bastante satisfeito com as imagens, depois de as ver nas



paredes do museu, porque estão distantes de qualquer sensacionalismo, de qualquer abuso ou de qualquer obscenidade gratuita. Reconheço essa tristeza no conjunto total das imagens, apesar de haver outras coisas. Sabia que me queria desviar de fotografias “standard”, do género das que inundam as prateleiras dos quiosques. Se havia algum nervosismo, ele era de ambas as partes, no sentido de conseguirmos perceber o que é que cada um de nós estava ali a fazer.

Que razões o levaram a fazer essa série?

Exorcizar o bombardeamento de imagens de carácter supostamente erótico a que somos submetidos, e tentar perceber se era possível criar uma outra coisa baseada nesse exercício. Acho que esse bombardeamento é extremamente agressivo. Quis criar algo que não tivesse esse lado violento.

Quais foram os critérios de selecção, para além dos estabelecidos “a priori”?

Quis ter imagens exemplificativas de que não havia pudor da minha parte, por exemplo, no sentido de mostrar o sexo. Quis também fazer retratos. Procurei ainda lugares estereotipados, como a praia, a cama, mas quis fotografar um nu sem produzir uma coisa que fosse obscena.

Contudo, quando se vê um grande plano de uma masturbação feminina, existe sempre a questão das fronteiras entre o pornográfico e o erótico...

Quis assumir esse risco. Porque não o fazer seria uma coisa inócua, seria

um meio-termo. Às vezes é preferível correr riscos e falhar do que não correr. Achei que tinha chegado o momento de abordar o assunto directamente. Quis também acabar com a hipocrisia do que é que se pode e do que é que não se pode ver e pô-lo à vista, tal como o faço com as fotografias de casas, de árvores, de veados ou de neve.

É tudo a mesma coisa...

Sim. Não estive fora de questão abordar o nu masculino. Quase dava vontade de o fazer, porque a hipocrisia associada às coisas é de facto algo que detesto. O trabalho tem muito a ver com isso também.

Uma outra série, a “3.16”, visível na exposição sob a forma de livro, pode servir como exemplo da distância que toma relativamente ao fotojornalismo. Escolheu um ponto de vista invulgar para fotografar a Cimeira das Lajes, nos Açores...

Para mim a Cimeira das Lajes é o momento mais triste da história portuguesa depois do fascismo. Para além de ser um momento tristíssimo da própria história da humanidade. O distanciamento tem a ver com isto: para registar aquele acontecimento através de um trabalho meu não me iria juntar aos 300 ou 400 fotojornalistas que lá estavam todos metidos numa espécie de curral, com aquelas teleobjectivas brutais, para tirar retratos às pessoas a saírem de aviões. Acho que é muito mais interessante construir um objecto que faça reflectir sobre a natureza do acontecimento: fotografei a Base das Lajes à dis-

que, das actividades humanas, a arte era a coisa que retinha.

A sua arte ou a dos outros?

A dos outros. O optimismo presente no título tem a ver com a nossa capacidade de nos regenerarmos das situações mais difíceis e conseguirmos continuar a viver, apesar de Auschwitz, da Cimeira das Lajes ou de coisas que acontecem agora. Em Hollywood ainda hoje se realizam filmes sobre a Alemanha nazi quando estamos a passar por coisas tão brutais, cruéis e perversas quanto as vidas naquela época. Perante tudo isto consegue-se continuar a viver, conseguem-se fazer coisas.

Na Pedro Oliveira, agarra o espaço da galeria, que ainda tem uma dimensão considerável, com apenas cinco fotografias de médio formato tiradas em Veneza, lugar onde quase toda a gente pode ser feliz...

Quando os autocarros e os táxis passam a ser barcos e não há carros parece que se está num mundo de fantasia. Estive em Veneza em casa de pessoas amigas: senti neles essa alegria de viverem e trabalharem nessa cidade; um sentimento que não é comum a todos os venezianos, com certeza.

Há nesta série uma obsessão pelos cabelos de mulheres fotografadas de costas e uma imagem “tipo postal” que completa o conjunto...

Essa é uma fotografia bonita, de fim de dia: um barquinho com uma luz na proa, a lua cheia no céu e um canal de Veneza. E depois quatro cabeças de mulheres com os cabelos que brilham com o flash. São imagens de desejo, são imagens belas, bonitas. São imagens pacíficas. Não pretendem ser muito mais do que isso.

Ver crítica de exposições pág. 38 e segs.

MERIDIONAL
TEATRO

BRASIL
CONTOS EM VIAGEM
OUTRAS ROTAS

30 OUT a DEZ 19
4ª a 6ª às 22h | Sáb. às 17h e 22h

Tel 21 868 92 45
Rua do Açúcar, 64
Poço do Bispo
Autocarros 28, 210, 718
www.teatromeridional.net

ESTRUTURA FINANCIADA POR: MJC, ARTES, LITURGIA

2009
M/12

O design e a arte dormem juntos

Exposições

No princípio era uma obra de arte de Ângela Ferreira, agora é um objecto de design de Miguel Rios. “(SUM)one: exercícios de apropriação” é o verdadeiro diálogo muticultural, de Maputo a Lisboa, na Galeria Filomena Soares. *Joana Amaral Cardoso*



O que é que um designer diz a uma artista plástica? E o que é que uma peça de design diz a uma peça de arte contemporânea? O que é que um edifício em Lisboa diz a um edifício em Maputo? O que é que uma “Minikitchen” de 1967 diz a um “(SUM)one” de 2009? As respostas seguem dentro de segundos.

Esses segundos já passaram, vivemos em voragem temporal, e eis as respostas às perguntas que “(SUM)one: exercícios de apropriação”, o projecto de Miguel Rios e Ângela Ferreira, pode levantar a quem entrar na Galeria Filomena Soares até dia 7 e se deparar com duas peças - “(SUM)one” e “/BNU,/2009” -, num diálogo em surdina. O designer diz-lhe: “Vamos lá colaborar”; a peça de design diz à arte: “Apropriei-me de ti”; o edifício da Baixa lisboeta onde agora mora o Museu do Design e da Moda (Mude) lembra-se dos tempos em que foi sede do Banco Nacional Ultramarino (BNU) e vê-se a um espelho africano chamado Banco Nacional de Moçambique; a “Minikitchen” de Joe Colombo olha para a irmã mais nova e pergunta-lhe “Onde é que vais pôr o computador portátil?”. Ou coisa parecida.

O projecto “(SUM)one”, com as associações fonéticas e conceptuais que o próprio nome indica (é a soma de dois uns, é alguém, não é bem um “all in one” como a seminal “Minikitchen” mas antes um “some” in “one”), é mais simples do que parece. É uma apropriação de uma apropriação, uma “matrioshka” conceptual que basicamente faz conviver um objecto de design industrial com uma peça de arte contemporânea. Os dois, juntos, falam de política, de economia, da história

recente de um país com um pé numa galera e outro no fundo do mar, de transformações históricas e dos habitats que construímos nas nossas casas multi-funções. De um lado está uma instalação escultórica com dois referentes: a sala do 1º piso do edifício do antigo BNU e o seu congénere moçambicano, unidos numa moeda tridimensional de dez metcais, e uma divisória que remete para a escadaria do Mude. Do outro, um módulo branco multi-funções que nos põe a pensar imediatamente na “Minikitchen” de Joe Colombo, trabalhado por Telma Barreiras, designer de produto do atelier Miguel Rios, e produzido pela empresa FABRI.

Tudo começou quando a directora do Mude convidou Miguel Rios a seleccionar uma peça do Mude e a escolher uma peça do Mude e a escola recaiu na “Minikitchen”: “Uma das minhas peças fetiche”, explica Rios ao Ipsilon. Daí a pensar em pôr o seu atelier a fazer design de mobiliário pela primeira vez foi um pulo, no qual se fez acompanhar de Ângela Ferreira, artista com quem queria trabalhar e cujo universo muito marcado pela reflexão sobre a arquitectura e o passado colonial português convidava a novos caminhos. Nascia um projecto que convidava Ferreira a apropriar-se do espaço do Mude e a deixar que ele, Miguel Rios, depois se apropriasse do seu trabalho.

A mesa do poder

“É engraçado como a mesma história é lida de dois pontos de vista e este projecto é muito sobre isto”, sorri Ângela Ferreira, aproximando-se da sua peça. A sua abordagem ao espaço do Mude tornou-se óbvia mal entrou no edifício. Naquele espaço encon-

trou os despojos do “para-Governo” que representava o BNU e as lembranças das idas ao banco com o pai em Maputo e “da atmosfera retro, 1960 que tinham” para si. “A sala tem um ambiente arquitectónico muito antiquado e o resto do espaço interior [escadaria] tem vestígios de ter sido revisitado nos anos 1950/60 com uma arquitectura modernista e pela pujança colonial da ideia do BNU, que era o banco que alicerçava o sistema - por ali passava o dinheiro que era feito lá, que vinha para cá”, lembra a artista. Depois, olhou para a arquitectura dos edifícios-extensão do BNU nas antigas colónias e quis jogar com isso. Primeira paragem: “Uma moeda moçambicana contemporânea de dez metcais que tem, para sorte minha, representada a figura do então BNU de Maputo, agora Banco de Moçambique”.

Nasce a ideia do primeiro elemento da instalação, um aro dentro do qual um edifício tridimensional representa a “economia contemporânea”, rejeitando leituras de “saudosismo que são intensamente reaccionárias, conservadoras e neo-coloniais”. Depois, a peça que evoca a escadaria, modernista, “é uma memória do edifício de Lisboa”, com referências a Mies van der Rohe e aos seus espaços circulares que transformaram a primeira peça num “edifício mesa”.

Miguel Rios atalha: “Na altura a Ângela chamou-lhe uma mesa do poder. É nisso que eu queria pegar”, refere. De “/BNU,/2009” a “(SUM)one” num salto para os outros anos 1960, os do pós-guerra, em que Joe Colombo definia que o espaço é o que um homem quiser, desde que muni-

Miguel Rios apropriou-se da peça de Ângela Ferreira, que por sua vez se apropriou da história colonial portuguesa corporizada pelo Mude



“(SUM)one” actualiza a “Minikitchen” de Joe Colombo

“É engraçado como a mesma história é lida de dois pontos de vista e este projecto é muito sobre isto”
Ângela Ferreira

do dos equipamentos para construir o “own private Idaho” de cada um. Na “(SUM)one”, já só sobrará um vestígio da ligação ao trabalho de Ângela Ferreira. “Juncos africanos”, explica, apontando para um receptáculo branco onde vão ser implantados, no topo do móvel que a portuguesa Fabri virá a comercializar, em preço de gama alta. É uma peça multiusos: móvel, mesa de trabalho, de lazer, de cozinha ou de jardim, bancada ou promontório para a web.

Sem medo da relação com a “Minikitchen” original - “Do ponto de vista conceptual foi um risco para mim”, admite Miguel Rios, que assume a paixão pelo trabalho de Colombo -, a nova peça é “uma continuada” do trabalho do designer italiano, honrando questões que ainda hoje são pertinentes.

Problemas processuais impediram a apresentação do projecto no Mude, a sua casa-mãe à distância, mas o distanciamento foi proveitoso, dizem Rios e Ferreira. Este projecto, uma das tangentes da ExperimentalDesign, obriga a olhar novamente para a relação entre arte e design numa altura em que há exposições de design sem objectos por Lisboa e em que há quem continue a espantar-se com a metamorfose das peças de design, que de repente se vêem estáticas, em museus, longe das suas vocações funcionais. (SUM)one e /BNU,/2009 são, enfim, duas peças potenciais.

Um objecto de arte e um objecto de design usam agora uma galeria para comunicar. Mas vivem num paradoxo: um destes objectos tem como destino genético viver para além do projecto, multiplicar-se, ser quotidiano; o outro não precisa disso.

Há simpósios inteiros sobre “Emilia Galotti” no Canadá (e isto é para não irmos à Alemanha, onde há, mais do que simpósios inteiros sobre “Emilia Galotti”, todo um edifício do teatro nacional construído em cima do homem que a inventou, Gotthold Ephraim Lessing). E por cá nada. Não a conhecíamos, nem sequer de vista, até anteontem. Depois de, no século XVIII e em parte por causa desta garota, Emilia Galotti, Lessing ter posto o teatro alemão no mapa da cultura europeia, Nuno M. Cardoso põe Lessing no mapa do teatro português - um sítio onde o fundador do teatro moderno em língua alemã nunca tinha sido encenado e praticamente não tinha sido traduzido. É no Teatro Carlos Alberto (TeCA), Porto, até 8 de Novembro. Agora a nossa casa também é a casa dele.

Nuno M. Cardoso anda a ler os alemães há anos - só entre o Teatro Nacional S. João (TNSJ) e o TeCA montou Goethe (“Gretchen”, 2003), Fassbinder (“O Café”, 2008) e Brecht (“Baal”, 2009) - e tinha “Emilia Galotti” na cabeça desde 2006 (não juramos, mas pode ter a ver com isto: era o livro que Goethe tinha na escrivania quando se suicidou). Esteve este tempo todo à procura dela, porque tinha de ser a rapariga certa: “Tem de ser uma atriz jovem a fazer a Emilia Galotti, mas uma atriz jovem com maturidade técnica e maturidade pessoal. Foram

três anos à procura. Finalmente encontrei a Teresa Tavares e então isto fez-se”, explica Nuno M., agora está feito. Também nós vamos andar à procura dela, dentro e fora destes cinco actos: “Parece que o próprio Lessing se esqueceu da Emilia Galotti. Das mais de 20 cenas que tem a peça, ela só entra em três. Parece que aparece só para ser seduzida e para se matar”.

O momento seminal

É uma maneira de falar. Emilia Galotti aparece, como refere João Barrento (que fez, por encomenda de Nuno M. Cardoso e dos coprodutores do espectáculo, O Cão Danado e Companhia e o TNSJ, a tradução), para ser “a primeira figura feminina do teatro alemão (a única no século XVIII) a poder dizer ‘Eu!’” “É a intensidade das três cenas em que ela aparece”, continua Nuno M., “que precipita tudo o que acontece no texto - ela é a única personagem que realmente decide alguma coisa aqui, a única personagem a escapar ao destino e à divina providência”. Na proto-história do processo de recomposição do teatro alemão em particular e da sociedade alemã em geral, retoma o tradutor no texto do programa, “Emilia Galotti” representa “o momento seminal” em que “a família burguesa, com o seu proteccionismo, começa a abrir brechas por onde passarão a vontade de afir-

mação artística, formas de subjectividade exacerbada, a sexualidade e a libido, a produção do desejo e a liberdade de escolher a morte”. Há um antes e depois deste momento em que o sistema de valores feudais ameaça ceder e em que as coisas tal como já não chegámos a conhecê-las (porque para isso teríamos de ter estado vivos, e a encher-nos de bolos, anda da Revolução Francesa) têm efectivamente o ar de não estar para durar. Emilia Galotti está exactamente no meio - não no antes, não no depois, mas no preciso momento em que a burguesia começa a abanar, para não deixar pedra sobre pedra, a pirâmide social europeia.

Luta de classes

É isso que acontece, com Emilia Galotti, nesta peça - ela a preferir deixar-se matar pelo pai (Carlos Pimenta) do que submeter-se à violência do desejo do Príncipe Gonzaga (Albano Jerónimo), à violência de todo o aparelho da corte, cujo mais longo braço é o de Marinelli, secretário do Príncipe (Dinarte Branco) -, e também é isso que acontece, com Lessing, ao teatro alemão. A encenação de Nuno M. Cardoso não está especialmente interessada nem na leitura política da luta de classes do século XVIII alemão nem na leitura académica do reposicionamento do teatro germânico, até aí dominado pelo modelo francês,

“Parece que o próprio Lessing se esqueceu da Emilia Galotti. Das mais de 20 cenas que tem a peça, ela só entra em três. Parece que aparece só para ser seduzida e para se matar. (Mas) é a intensidade dessas três cenas que precipita tudo o que acontece - ela é a única personagem que realmente decide alguma coisa aqui”
Nuno M. Cardoso

ainda que ele tenha o seu Lessing na escrivania: “Já o conhecia como teórico da dramaturgia e finalmente, há uns anos, vieram parar-me às mãos as obras dele. A primeira que li foi ‘Nathan, o Sábio’, um texto em que o Lessing cruza as três grandes religiões monoteístas sem preconceitos, e depois descobri esta pedra preciosa que é a ‘Emilia Galotti’, um texto que me interessa sobretudo pela força da personagem feminina. Não quis, de todo, sublinhar a leitura política, mas ela está lá desde logo no cenário [de Paulo Capelo Cardoso]”. Emilia Galotti, a mãe (Ana Bustorff), o pai e mesmo a Condessa Orsina (Rita Calçada Bastos) dão com a cabeça no muro aparentemente intransponível que começa a rachar - e mesmo que a heroína morra no fim, vemos bem que ela abriu caminho, com aqueles “collants” vermelhos feitos para andar, a essa grande construção do século XIX que é a classe média.

É uma bela caminhada, a desta garota que vê uma saída onde nós viamos o abismo, argumenta o encenador: “Não é por não haver uma saída que ela decide morrer. A morte, justamente, é uma saída”.

Agora, se a vírmos na rua, já sabemos dizer quem é Emilia Galotti. Tem de ser aquela garota que vai à frente.

Ver agenda de teatro na pág. 34

Emilia Galotti vai à frente

No século XVIII, Gotthold Ephraim Lessing pôs o teatro alemão no mapa da cultura europeia. Agora, Nuno M. Cardoso põe Gotthold Ephraim Lessing no mapa do teatro português. Quem é esta garota, “Emilia Galotti”? *Inês Nadais*

Teresa Tavares (Emilia Galotti) e Albano Jerónimo (Príncipe Gonzaga): Nuno M. Cardoso, o encenador, andou três anos à procura da atriz certa



Teatro

Teatro/Dança

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.



"Em Portugal nós nunca somos os outros. Nós somos nós e os outros são os outros", diz Raquel Freire

O outro que há em nós

"Nósoutrxs", que Raquel Freire e Marta Mateus apresentam hoje e amanhã a convite do Festival Temps d'Images, não é um espectáculo: é uma experiência de alteridade. **Cláudia Silva**

Nósoutrxs.

De Marta Mateus e Raquel Freire. Com Com Joana Manuel, Margarida Carvalho, Marta Maria Mateus, Marta Mateus, Paula Só, Pol Galofre, Raquel Freire, Sandra Rosado, Vasco Freire e outras pessoas maravilhosas.

Lisboa, São Luiz Teatro Municipal - Jardim de Inverno, Rua António Maria Cardoso, 38. De 30/10 a 31/10. 6ª e Sáb. às 23h30. Tel.: 213257640. 10€.

Festival Temps D'Images.

Descendo a Rua Santa Catarina, a cineasta Raquel Freire vai-nos dizendo que está cansada de esperar quatro anos para que os seus filmes sejam lançados. "É um desespero. Às vezes quando o filme sai já tens outras coisas urgentes para dizer", desabaфа. Por isso, decidiu enveredar pelo teatro, levando com ela o cinema: "É outra forma de expressão, mas também com

imagem", com a vantagem de a mensagem ser enviada rapidamente. Eis porque, em parceria com Marta Mateus, a voz do colectivo O'queStrada, Raquel Freire criou "Nósoutrxs", a convite do festival Temps d'Images.

O espectáculo que se apresenta, hoje e amanhã, no Jardim de Inverno do Teatro São Luiz não é uma peça de teatro convencional (de resto, há aqui cruzamentos com a performance, a dança e o vídeo). Raquel Freire prefere chamá-lo uma experiência de alteridade: a oportunidade de ser o outro, de ser seduzido pelo outro. Também há alteridade no horário de "Nósoutrxs" (23h30), na idade mínima para assistir ao espectáculo (18 anos) e na lotação-limite (50 pessoas): "Vamos mexer com as pessoas. Há momentos em que o espectáculo depende do que o público nos vai dar", diz a cineasta. Raquel Freire frisa, aliás, que "Nósoutrxs" não existe sem o público. E é por isso que não há ensaios para a imprensa e que a cineasta não quer revelar ao Ípsilon demasiados detalhes.

Podemos trocar algumas ideias sobre o assunto, ainda assim: "Nósoutrxs" vem da palavra espanhola "nosotros", e é sobre esse lugar em que nós e os outros aparecemos confundidos, como uma identidade difusa. "Em Portugal nós nunca somos os outros. Nós somos nós e os outros são os outros", diz Freire. O "x" de "Nósoutrxs" indica a

neutralidade da palavra, "independente da origem, se somos mulheres ou homens". É o "nós" livre de "tudo que nos rotula, que nos cataloga" e nos distancia dos outros. Neste espectáculo criado por uma cineasta com formação em Direito e Ciência Política fala-se, principalmente, sobre "o que nos aproxima de toda gente", que é "o facto de sermos pessoas".

Chegamos à casa da cineasta. Estamos no seu quarto enquanto ela conta como surgiu a ideia de "Nósoutrxs" e do cartaz que é a cara do espectáculo. O cartaz é preto, com palavras escritas em branco. Nele podem ler-se as seguintes declarações em caixa alta: "Sou Mulher, Sou Panoieiro, Sou Velho, Sou Puta, Sou Preto, Sou Fufa, Sou Imigrante, Sou Trans. Diferente és tu, imbecil".

Raquel Freire passou os últimos quatro anos a viajar. Parte deste tempo foi passado em Barcelona. Nesta viagem entrou em contacto com pessoas muito "diferentes", activistas e artistas, algumas delas

envolvidas no movimento queer. Influenciada por esta postura, a cineasta foi buscar insultos e palavras que em português são utilizados para discriminar e excluir. Cada um dos dez intérpretes do espectáculo escreveu num papel quatro palavras, na verdade identidades. Daí surgiram as frases do cartaz. Freire refere-se aos termos "mulher, "panoieiro", "velho", "puta", "preto", "fufa", "imigrante" e "trans" como identidades de guerra, termo usado pela sua amiga e filósofa espanhola Beatriz Preciado: "Somos todos guerrilheiros do dia-a-dia. Aguentamos tudo, somos ciborgues".

Neste "Nósoutrxs" não há palco, não há actores, há pessoas que querem encontrar pessoas reais. E é nessa linha entre a realidade e a ficção que o espectáculo fica na fronteira entre a ficção e o documentário: "O cinema tem este lado voyeur; aqui o vídeo funcionará como produto revelador do segredo de cada intérprete".



Sónia Baptista
Um capucho, dois lobos e um porco vezes três

espectáculo integrado no festival Temps d'Images

31 Outubro
a 4 Novembro

a partir dos 7 anos | criança 2,5€ | adulto 5€

www.teatromariamatos.pt

Bilhetes à venda:
Teatro Maria Matos 218 438 801

apresentação no âmbito do rede 5 sentidos

co-financiada por

TEATRO MUNICIPAL

EGEAC

EGEAC

Espaço Público

Este espaço vai ser seu. Que filme, peça de teatro, livro, exposição, disco, álbum, canção, concerto, DVD viu e gostou tanto que lhe apeteceu escrever

sobre ele, concordando ou não concordando com o que escrevemos? Envie-nos uma nota até 500 caracteres para ipsilon@publico.pt. E nós depois publicamos.

Teatro/Dança

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

SALA GARRETT

ESPECTÁCULO PARA TODOS

AFONSO HENRIQUES

A PARTIR DE UM POEMA ÉPICO DE TRADIÇÃO ORAL E CRÔNICAS DA IDADE MÉDIA

ATÉ 17 DEZ
4ª A 6ª 11H
SÁB. 16H

DRAMATURGIA, ENCENAÇÃO E ESPAÇO CENICO: **JOÃO BRITES**
CRIAÇÃO: **TEATRO BANDO**
EM CO-PRODUÇÃO COM O **TNDM II**

Teatro Bando
Teatro Nacional D. Maria II
Teatro Bando
Teatro Nacional D. Maria II
Teatro Bando
Teatro Nacional D. Maria II

Teatro Bando
Teatro Nacional D. Maria II
Teatro Bando
Teatro Nacional D. Maria II
Teatro Bando
Teatro Nacional D. Maria II

SALA ESTÚDIO

PERIPÉCIA TEATRO
CICLO DE ESPECTÁCULOS

MAMÃ?!

direção **ÁNGEL FRAGUA**
cenografia e tratamento de adereços **ZÉTAVARES**
figurinos **NOELIA DOMÍNGUEZ**
desenho de luz **ÁNGEL FRAGUA** e **PAULO NETO**
operação de luz e som **SÉRGIO AGOSTINHO/ SARA RAMALHEIRA**
sonoplastia **PEDRO CABRAL, PAULO ALMEIDA e PAULO ARAÚJO**
com **NOELIA DOMÍNGUEZ** e **LUIS FILIPE SANTOS**
assistência de encenação **SÉRGIO AGOSTINHO**
direção de cena **ISABEL INÁCIO**
co-produção **PERIPÉCIA TEATRO** e **TEATRO DE VILA REAL**

28 Out - 8 Nov
4ª a Sáb. 21h45 Dom. 16h15

Peripécia
Teatro Nacional D. Maria II
Teatro Peripécia
Teatro Nacional D. Maria II
Teatro Peripécia
Teatro Nacional D. Maria II

Informações e Reservas: Tel. 21 325 08 35
Bilheteira Online: www.teatro-dmaria.pt

parceiros de comunicação
ATP
parceiros
HOTEL CHADO magnum marina club TRICANA Vitalis

Agenda

Teatro

Estreiam

Darwin... Tra Le Nuvole
De Luca Boschi, Stefano de Luca e Giulio Giorrello. Pelo Piccolo Teatro di Milano. Encenação de Stefano de Luca. Com Andrea Germani, Adrea Luini, Clio Cipolletta, Gabrielle Falsetta, Silva Pernarella.
Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II - Sala Garrett. Pç. D. Pedro IV. De 31/10 a 01/11. Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 23250835. 7,5€ a 16€.

Sabina Freire
De Manuel Teixeira-Gomes. Pela Companhia de Teatro de Braga e A Escola da Noite. Encenação de Rui Madeira. Com Sílvia Brito, António Jorge, Ricardo Kalash, Miguel Magalhães, Lina Nóbrega, Solange Sá, André Laires, Jaime Soares, Carlos Feio.
Braga. Teatro Circo. Av. Liberdade, 697. De 30/10 a 13/11. 3ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 253203800. 5€ a 10€.

Continuam

Emília Galotti
De Gotthold Ephraim Lessing. Pelo Cão Danado e Companhia. Encenação de Nuno M. Cardoso. Com Albano Jerónimo, Ana Bustorff, Carlos Pimenta, Dinarte Branco, Rita Calçada Bastos, Teresa Tavares.
Porto. Teatro Carlos Alberto. R. Oliveiras, 43. Até 08/11. 3ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 223401905. 5€ a 15€.

Às Vezes as Luzes Apagam-se
De Cláudia Varejão e Pedro Gil. Com Beatriz Pessoa, Daniel Duarte, Duarte Águas, Filipa Silva, entre outros.
Lisboa. Centro Cultural de Belém - Pequeno Auditório. Praça do Império. Até 30/10. 6ª às 15h e 21h. Tel.: 213612400. 3€.

Che Cosa
De Elsa Aleluia. Com Ana Moreira, Elsa Aleluia e Miguel Ramos.
Lisboa. São Luiz Teatro Municipal - Jardim de Inverno. Rua António Maria Cardoso, 38. De 5/11 a 6/11. 5ª e 6ª às 21h30. Tel.: 213257640. 10€.

Mamã?!
Pelo Peripécia Teatro. Encenação de Ángel Fragua. Com Noelia Domínguez, Luis Filipe Santos.
Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II - Sala Estúdio. Pç. D. Pedro IV. Até 08/11. 4ª a Sáb. às 21h45. Dom. às 16h15. Tel.: 23250835. 12€.

Saloon Yé-Yé - O Paraíso à Espera
De Abel Neves. Pelo Teatro Regional da Serra do Montemuro.

Encenação de Graeme Pulleyn. Com Abel Duarte, Eduardo Correia, Daniela Veitias, Neusa Fangeiro, Paulo Duarte.
Vila Real. Teatro de Vila Real. Alameda de Grasse. Dia 30/10. 6ª às 22h. Tel.: 259320000. 5€ a 7€.

Norma
De Ricardo Alves e Salgueirinho Maia. Pela Palmilha Dentada. Encenação de Ricardo Alves. Com Ivo Bastos, Rodrigo Santos.
Porto. Sala Estúdio Latino. R. Sá da Bandeira, 108. Até 15/11. 4ª a Dom. às 21h46. Tel.: 222003595. 4,99€ a 9,99€.

Figuração Especial
De Marcantónio Del Carlo. Com Marcantónio Del Carlo, João Didelet, Henrique Garcia.
Olival Basto. Centro Cultural da Malaposta. Rua Angola. Até 08/11. 4ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 219383100. 10€.

Narcisca + Anónima



De Ana Luena e Miguel Cabral. Pelo Teatro Bruto e Estufa. Com Margarida Gonçalves e Isabel Nunes.
Porto. Fábrica Social - Fundação José Rodrigues. Rua da Fábrica Social. Até 14/11. 5ª a Sáb. às 21h45. Tel.: 96 0211595/960039891.

O Rosto Levantado
De Norberto Ávila. Encenação de José Russo. Com Álvaro Corte-Real, Ana Meira, Jorge Baião, José Russo, Marco Silva, Maria Marrafa, Rosário Gonzaga, Rui Nuno, Victor Zambujo.
Évora. Teatro Garcia de Resende - Sala Estúdio. Pç. Joaquim António de Aguiar. Até 01/11. 4ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 266703112.

Rapariga(s)
De Neil Labute. Encenação de Almeno Gonçalves. Com André Nunes, Jéssica Athayde, Marta Melro, Núria Madruga, Helena Laureano.
Lisboa. Teatro da Comuna - Sala das Novas Tendências. Pç. Espanha. Até 31/12. 5ª a Sáb. às 21h30. Tel.: 21721770. 15€.

Hedda Gabler
De Henrik Ibsen.
Encenação de Celso Cleto. Com Sofia Alves, Ana Rocha, Elisa Lisboa, Guilherme Filipe, Maria Dulce, Paulo Rocha, Vitor de Oeiras.

Audatório Municipal Eunice Muñoz. R. Mestre de Aviz. Até 20/12. 5ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 214408411.

A Bicicleta de Faulkner
De Heather McDonald. Encenação de Rita Lello. Com Maria do Céu Guerra, Rita Fernandes, Sérgio Moura Afonso, Susana Costa.
Lisboa. A Barraca - Teatro Cinearte. Lg Santos, 2. Até 29/11. 5ª a Sáb. às 22h. Dom. às 17h. Tel.: 213965360. 10€ a 12,5€.

Ifigénia na Taurida
De Goethe. Encenação de Luis Miguel Cintra. Pelo Teatro da Cornucópia. Com Beatriz Batarda, José Manuel Mendes, Luis Miguel Cintra, Paulo Moura Lopes, Vítor de Andrade.
Lisboa. Teatro da Cornucópia - Bairro Alto. R. Tenente Raül Cascais 1A. Até 01/11. 3ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 213961515. 15€.

Monólogos da Vagina
De Eve Ensler. Encenação: Isabel Medina. Com Ana Brito e Cunha, Guida Maria, São José Correia.
Aveiro. Teatro Aveirense. Pç. República. Dia 04/11. 4ª às 21h30. Tel.: 234400922. 12,5€ a 17,5€.

Dança

Estreiam

Liars



De Inês Jacques. Com Carlota Corte-Real, Filipe Pereira, Tiago Barbosa.
Lisboa. Centro Cultural de Belém - Sala de Ensaios. Praça do Império. De 31/10 a 1/11. Sáb. e Dom. às 19h. Tel.: 213612400. 5€.

Continuam

Materiais Diversos
De e com Tiago Guedes.
Évora. Companhia de Dança Contemporânea de Évora - Sala Black Box. Rua Aníbal Tavares, 2 - Zona Industrial Almerim Norte. Dia 05/11. 5ª às 21h30. Tel.: 266743492. 2,5€ a 5€.

Ek-Statically
De André Mesquita. Com Teresa Alves da Silva, Guzmán Rosado, André Garcia, Hugo Marmelada.
Viseu. Teatro Viriato. Lg. Mouzinho Albuquerque. Dia 30/10. 6ª às 21h30. Tel.: 232480110. 5€ a 10€.

Nortada
De Olga Roriz. Com Catarina Câmara, Rafaela Salvador, Cécilia Nóvoa, Bruno Alexandre, Pedro Santiago Cal.
Lisboa. Teatro Camões. Parque das Nações. Até 31/10. 6ª e Sáb. às 21h30. Tel.: 218923470. 10€ a 15€.

Contigo
De Rui Horta. Com João Paulo Santos.
Torres Novas. Teatro Virgínia. Largo São José Lopes dos Santos. Dia 31/10. Sáb. às 21h30. Tel.: 249823309. 10€.

"Darwin... Tra Le Nuvole", pelo Piccolo de Milão

MILHARES DE BILHETES DE AVIÃO

FORAM VENDIDOS COM A AJUDA DE UMA
LATA DE FEIJÃO



mop MULTIMEDIA
OUTDOORS
PORTUGAL

apresenta

ENTRADA LIVRE

Cannes Lions Review 2009. Metro Terreiro do Paço - 7, 8 e 9 de Novembro. Venha ver a publicidade mais criativa do mundo.

Conheça os casos premiados e eficazes de 2009, o ano recorde de prémios para Portugal no Maior Festival de Publicidade do Mundo.



Patrocinadores

Microsoft Advertising Caixa Geral de Depósitos EGEAC Delta Q

Parceiros Media

Meios Publicidade imagens e marca NEGÓCIOS

Agência

R S+ NCS La Grande

O espectador que sai da exposição de Jos De Gruyter e Harald Thys pode acabar imobilizado - como as personagens do vídeo "À Fragata"

Fotografia sem qualidades

Uma importante exposição que revisita a obra de Augusto Alves da Silva. Para ver em Serralves. **Oscar Faria**

Sem Saída, Ensaio Sobre o Optimismo

De Augusto Alves da Silva.

Porto, Museu de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. De 23/10 a 31/01. 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h.

Fotografia.

★★★★★

Uma das imagens de "Síntese", um núcleo de fotografias escolhidas de séries anteriores produzidas por Augusto Alves da Silva (Lisboa, 1963), mostra aquilo que parece ser um quadro de electricidade. A banalidade do tema, a composição - a escolha de um plano frontal, aproximado, que descontextualiza o objecto -, a dificuldade em decifrar a utilidade dos botões visíveis, fazem deste trabalho um exemplo de como a escolha do assunto é, na obra do artista, uma espécie de meio para atingir um outro fim, sendo este muitas vezes um comentário sobre a sociedade contemporânea, os seus absurdos, contradições, desequilíbrios. Pode assim falar-se, neste caso, numa "fotografia sem

qualidades" - no sentido existencialista da expressão, pois trata-se aqui de questionar um presente cada vez mais homogêneo, espelhado na difícil tarefa de o representar através de imagens que sobrevivem fora do fluxo global do consumo. Aqui percebe-se o paradoxo: no rodapé da tecnologia, uma pobre fita adesiva fornece a legenda para os botões; contudo, esse expediente só faz sentido para quem nela inscreveu, a vermelho, maiúsculas e números: o espectador continuará sem saber a função daquela máquina.

A enigmática imagem, agora deslocada do seu contexto inicial, foi realizada, em 2001, no Teatro Municipal Rivoli, no Porto e, tal como com as restantes que formam a série "Síntese", a sua descontextualização acrescenta ainda mais dificuldades - sobretudo a quem não sabe a origem da fotografia -, à sua interpretação. É que, no percurso expositivo, aquele quadro eléctrico é confrontado, na sua vizinhança, com um vagabundo a fazer um gesto obscuro diante de uma loja de Ferraris, umas mãos que saem de uma piscina ao ar livre emoldurada por bóias e palmeiras, uma casa cuja entrada dá para uma estrada em alcatrão, um veado a olhar para uma cidade, entre outros trabalhos escolhidos por Augusto Alves da Silva a partir de projectos realizados no passado - da bibliografia destaca-se a publicação de um número assinalável de foto-ensaaios, agora expostos em vitrinas nas salas de "Sem Saída/ Ensaio Sobre o Optimismo". O exercício proposto em "Síntese" - pôr à prova

a capacidade de cada imagem resistir não só à sua descontextualização, mas também ao confronto com as outras escolhas - tem um antecedente: a exposição "Paisagens Inúteis", apresentada na Culturgest-Lisboa no fim de 2006; porém, nessa ocasião, as obras apresentadas eram inéditas.

A questão da inutilidade, convocada no título dessa anterior exposição com curadoria de Ricardo Nicolau, pode ser colocada paralelamente a uma interpretação das imagens a partir do conceito de "fotografia sem qualidades". É como se as obras de Augusto Alves da Silva criassem uma distância com o mundo sem nunca dele se separarem: um paradoxo, no qual cada instantâneo constitui simultaneamente o testemunho factual de um acontecimento, que, na sua aparente banalidade - uma mota presa no vértice de uma duna no deserto, por exemplo -, acaba por sublinhar o absurdo da existência. Pode assinalar-se que esse pôr a nu a realidade por vezes se confunde com a própria vida, como no caso de "Iberia", agora revelado: a projecção em grande formato de mais de cinco mil fotografias tiradas durante 18 dias, num percurso realizado de jipe em Espanha. Exercício sobre a paisagem, interminável "travelling" frontal, este conjunto de imagens também nos fala de solidão, sentimento, aliás, que atravessa a mostra de Serralves.

A exposição "Sem Saída" inclui ainda uma série de trabalhos em vídeo: "Superfície", realizado por ocasião da mostra "Os Dias de Tavira" (2002), constitui um outro exercício sobre a paisagem, neste caso a Ria Formosa, no Algarve. Neste meio, há outros trabalhos que podem ser destacados, nomeadamente pelas suas características políticas de comentário à sociedade do espectáculo. São os casos de "Killing Time", um triptico realizado em 1999, "Montra", de 2003, em que modelos vivos ocupam o lugar de manequins numa montra de uma loja de roupas, "What a Blast" (2002) e "Ugly" (2002).

No percurso expositivo há ainda a nova série "Book", instalada nas paredes de ambos os lados de um corredor do museu. Trata-se de um trabalho em que Augusto Alves da Silva decide abordar directamente um assunto há muito presente nas suas imagens: a objectualização do corpo feminino em diferentes situações, nomeadamente pela publicidade, com a correspondente banalização e degradação dos sentimentos provocado pelo constante bombardeamento desse género de representações. Não será por acaso que, no catálogo, a primeira fotografia deste conjunto é uma rapariga a bocejar num sofá.



Em "Book", um notável ensaio sobre a sobrevivência dos afectos, cada imagem parece corresponder a um estereótipo e o fotógrafo não deixa de se colocar na condição de "voyeur" - há, diga-se, um contrato anterior à produção da série: as fotografias só seriam publicadas depois de aprovadas pelo modelo (não-profissional), que também receberá uma percentagem de uma futura venda. São todavia estas "fotografias sem qualidades", tão distantes do lugar-comum do género, que nos deixam perplexos por tocarem na essência de um problema: a renição do sexo à esfera económica, que fabrica o imaginário associado quer ao erotismo, quer à pornografia.

Pessoas imóveis e objectos que olham

Uma exposição incontornável de dois artistas vindos da Bélgica. **José Marmeleira**

Jos De Gruyter e Harald Thys

Lisboa, Culturgest. R. Arco do Cego - Ed. da CGD. Tel.: 21790555. De 23/10 a 23/12. 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h às 19h (última admissão às 18h30). Sáb., Dom. e Feriados das 14h00 às 20h (última admissão às 19h30).

Vídeo, Escultura, Fotografia.

★★★★★

A primeira exposição em Portugal da dupla belga Jos de Gruyter (Geel, Bélgica, 1965) e Harald Thys (Wilrijk, Bélgica, 1966) é já um dos acontecimentos do nosso panorama artístico. Não tanto por trazer novidades, mas pela intensidade e pela economia com que se dirige ao espectador, pela forma como vai paulatinamente, num riso mudo, cobrindo aquele de fantasmas. Apenas com dois vídeos, algumas esculturas e fotografias.

Jos de Gruyter e Harald Thys trabalham juntos desde os finais dos anos 80 e têm-se notabilizado no uso do vídeo e na produção de fotografias e instalações habitadas por esculturas e objectos. A ausência de comunicação e empatia entre →

Na obra de Augusto Alves da Silva, a escolha do assunto é um meio para comentar os absurdos da sociedade contemporânea



"Ciineemaa", de Annette Messager,
é a peça que abre "Silêncios, por Marin Karmitz"



Agenda

Inauguram

Silêncios, por Marin Karmitz

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 10/01. 6ª das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 5ª, Sáb. e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).
Inaugura 2/11.
Vídeo, Escultura, Fotografia, Instalação.

Batia Suter

Porto. Culturgest. Av. dos Aliados, 104 - Ed. da CGD. Tel.: 222098116. De 30/10 a 09/01. 2ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h às 19h. (última admissão às 18h30) Sáb., Dom. e Feriados das 14h às 20h (última admissão às 19h30). Inaugura 30/10 às 22h.
Fotografia.

Diários Gráficos. Desenho em Cadernos

Lagos. CC de Lagos. R. Lançarote de Freitas, 7. Tel.: 282770450. Até 31/12. 2ª a Sáb. das 10h às 20h.
Inaugura 31/10 às 18h.
Desenho.

Rui Sanches

Castelo Branco. 102-100 Galeria de Arte. R. de Santa Maria, 100. Tel.: 633180211. Até 19/01. 3ª a 6ª das 15h às 19h. Sáb. das 10h30 às 19h. Inaugura 31/10 às 18h.
Escultura, Desenho.

Naturalia/Artificialia

De Isabel Pereira.
Lisboa. Galeria Pedro Serrenho. R. Almeida e Sousa, 21A. Tel.: 213930714. De 31/10 a 28/11. 3ª a Sáb. das 11h às 20h.
Desenho.

Colectivo [Kameraphoto]

De Alexandre Almeida, Augusto Brázio, Céu Guarda, Guillaume Pazat, João Pina, Jordi Burch, Martim Ramos, Nelson D' Aires, entre outros.
Évora. Fundação Eugénio de Almeida. Pátio de S. Miguel. Tel.: 266748300. De 01/11 a 31/12. 2ª a Sáb. das 10h às 18h. Inaugura 1/11 às 17h.
Fotografia, Vídeo.

XV Bienal de Arte Internacional de Cerveira

De Miguel Ângelo Rocha, Marcelo Moschetta, João Tabarra, Samuel Rama, Daniel Canogar, entre outros.
Lisboa. LX Factory. R. Rodrigues Faria, 103. Tel.: 21343399. De 02/11 a 27/11. 3ª a Sáb. das 15h às 20h. Inaugura 2/11 às 19h.
Pintura, Escultura, Outros.

Desvio Tutti Frutti Para Toda a Família

De Mário Vitória.
Lisboa. Galeria Arthobler - Lisboa. R. Rodrigues Faria, 13 - Lx Factory (Ed. G. O3). Até 06/12. 4ª a Dom. das 15h às 20h. Inaugura 5/11 às 19h.



Pintura, Desenho.

Continuam

Anos 70 - Atravessar Fronteiras
Lisboa. Centro de Arte Moderna - José de Azeredo

Perdigão. R. Dr. Nicolau Bettencourt. Tel.: 217823474. Até 03/01. 3ª a Dom. das 10h às 18h.
Pintura, Escultura, Fotografia, Instalação, Outros.

Jesper Just

Lisboa. Centro de Arte Moderna - José de Azeredo Perdigão. R. Dr. Nicolau Bettencourt. Tel.: 217823474. Até 18/01. 3ª a Dom. das 10h às 18h.
Vídeo, Instalação.

A Interpretação dos Sonhos De Jorge Molder.

Lisboa. Centro de Arte Moderna - José de Azeredo Perdigão. R. Dr. Nicolau Bettencourt. Tel.: 217823474. Até 27/12. 3ª a Dom. das 10h às 18h.
Fotografia.

Amália, Coração Independente

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 31/01. 6ª das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 5ª, Sáb. e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).
Documental, Pintura, Vídeo, Objectos, Outros.

Amália, Coração Independente

Lisboa. Museu da Electricidade. Av. Brasília - Ed. Central Tejo. Tel.: 210028120. Até 31/01. 3ª a Dom. das 10h às 18h.
Documental, Pintura, Vídeo, Objectos, Outros.

Índia - Mito, Sensualidade e Ficção

Sintra. Museu de Arte Moderna Coleção Berardo. Av. Heliadoro Salgado. Tel.: 219248170. De 23/10 a 11/04. 3ª a Dom. das 10h às 18h.
Documental, Fotografia, Vídeo, Objectos, Outros.

Works on Paper

De Michael Biberstein.
Lisboa. Appleton Square. R. Acácio Paiva, 27 - r/c. Tel.: 210933660. De 29/10 a 21/11. 3ª a Sáb. das 14h às 19h.
Pintura.

Obras de Paula Rego

Cascais. Casa das Histórias - Paula Rego. Av. da República, 300. Tel.: 214826970. Até 18/03. 2ª a Dom. das 10h às 22h. Entrada livre.
Desenho, Pintura.

Quick, Quick, Slow

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 29/11. 6ª das 10h00 às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 5ª, Sáb. e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).
Design. Experimenta Design 2009.

Timeless

Lisboa. Museu do Oriente. Av. Brasília - Ed. Pedro Álvares Cabral - Doca de Alcântara Norte. Tel.: 213585200. Até 08/11. 6ª das 10h às 22h. 2ª, 4ª, 5ª, Sáb. e Dom. das 10h às 18h.
Design. Experimenta Design 2009.

Pace Of Design

Lisboa. Picadeiro do Antigo Colégio dos Nobres. R. Escola Politécnica, 60. Até 08/11. 2ª a Dom. das 11h às 20h.
Design. Experimenta Design 2009.

Lapse in Time

Lisboa. Sociedade Nacional de Belas Artes. R. Barata Salgueiro, 36. Tel.: 213138510. Até 08/11. 2ª a 6ª das 11h às 20h. Sáb. das 14h às 20h.
Design. Experimenta Design 2009.

Mikael Levin - Cristina's History

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 08/11. 6ª das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 5ª, Sáb. e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).
Fotografia, Instalação, Outros.

The Great Curve

De Rui Toscano.
Lisboa. Chiado 8 - Arte Contemporânea. Lg. do Chiado, 8 - Ed. Sede da Mundial-Confiança. Tel.: 213237335. Até 31/12. 2ª a 6ª das 12h às 20h.
Vídeo, Outros.

BES
ARTE & FINANÇA

MIGUEL PALMA
APRESENTA OSMOSIS

DE 01 DE OUTUBRO A 20 DE NOVEMBRO

ENTRADA GRATUITA

MORADA _
Praça Marquês de Pombal Nº 3
1250-161 Lisboa
TELEFONE _ 21 883 90 01
EMAIL _ besarte.financa@bes.pt

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda (Culturgest, Winton, Frac, Bilis, Lojas Viagens Abreu, Livrarias Bulhosa (Oleiros Parque e C.C. Cidade do Porto),
 C.C. Dolce Vita, Megafóne e www.ticketline.sapo.pt - Reservas Ticketline: 707 234 234

Preço único
 até aos 30 anos
 5 Euros



Solo I & II António Pinho Vargas

MÚSICA SÁB 31 OUTUBRO · 21H30 · GRANDE AUDITÓRIO · €18 · M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda (Culturgest, Winton, Frac, Bilis, Lojas Viagens Abreu, Livrarias Bulhosa (Oleiros Parque e C.C. Cidade do Porto),
 C.C. Dolce Vita, Megafóne e www.ticketline.sapo.pt - Reservas Ticketline: 707 234 234

Preço único
 até aos 30 anos
 5 Euros



Nada. Vamos ver.

De Gustavo Ciríaco
 No âmbito do Festival Temps d'Images

"Como explicitar o óbvio, o já acordado, porém já esquecido na relação entre público e artista? Foram essas questões que impulsionaram a criação de *Nada. Vamos Ver.*", comenta o bailarino Gustavo Ciríaco. O resultado foi uma montagem colaborativa e interactiva, em que se entremeciam as histórias do público e do performer. Revista IN, 10/02/2009

DANÇA / PERFORMANCE QUA 18, QUI 19 NOVEMBRO · 21h30
 Palco do Grande Auditório · €18 · M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Exposições

Vai ver se eu estou
 online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

◀ os corpos, o enclausuramento e a aparente petrificação das personagens (como se forçadas a uma pausa) são algumas das situações que encenam, num gesto reminiscente do absurdo surrealista e "beckettiano".

Como é habitual na prática dos artistas, o lugar da exposição foi transformado. As salas da galeria de exposições, habitualmente separadas, desenham agora dois percursos paralelos em dois espaços fechados. Jos de Gruyter e Harald Thys abrem, assim, ao espectador uma realidade cuja entrada - quase iniciática - acontece à meia-luz e ao longo de duas antecâmaras (as novas salas comunicam entre si), sendo que numa repousam esculturas ativas sobre plintos, na outra estão fotografias de um navio.

O percurso termina então, aparentemente, com os vídeos, "The Frigate" ("A Fragata", 2007) e "Der Schlam von Branst" ("A Lama do Branst", 2008). O primeiro mostra, numa sucessão de planos, homens e mulheres, sempre imóveis que olham fixamente para uma fragata em miniatura. Por vezes as personagens masculinas, de semblantes severos, quase

ameaçadores, olham também para a personagem feminina. Mas não há movimento, mesmo quando no fim estão, com os punhos cerrados, diante da mulher. Apenas grande planos, fixos, pormenorizados, inclusive do barco, para onde todos olham enfeitados. Em "Der Schlam von Branst", a "acção" decorre numa oficina onde encontramos novamente vários homens e mulheres. Desta vez, olham e intervêm sobre esculturas de barro. Repetem-se os olhares, as poses e surge, furioso e perturbador na sua artificialidade, o som pós-sincronizado. Não há empatia, apenas uma imobilidade inquietante, um embaraço que nos é devolvido. Há uma mulher que chora, há um rosto irritado, outro ansioso, dois homens vestidos com o pólo azul-bebé do Tintin (afinal, um exemplo perfeito da "imobilidade" da face e um símbolo incontornável da cultura belga). As esculturas são retratadas da mesma forma, como se fossem também personagens que olham, que fitam, ou estranhos "duplos" dos participantes das oficinas, mas a sua impassibilidade é mais "aceitável". Na verdade aparentam estar acima,

enquanto objectos, daqueles seres, daquelas criaturas que, não sendo nem boas nem más, parecem ter dificuldades em encontrar a sua humanidade (é tentador imaginar aqui metáfora para a nossa relação com os objectos).

Incómoda, complexa e eficaz, a arte desta dupla não poupa o espectador. É que este quando sai, ao reencontrar materializadas nas antecâmaras as esculturas de "Der Schlam von Branst" e as fotografias de "The Frigate", pode acabar, também, imobilizado. Como as personagens dos vídeos.

As pinturas são canções que são vídeos

Brrrrrain

De António Olaio.

Lisboa. Culturgest. R. Arco do Cego - Ed. da CGD. Tel.: 217905155. De 23/10 a 23/12, 2ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h às 19h (última admissão às 18h30). Sáb., Dom. e Feriados das 14h às 20h (última admissão às 19h30).

Pintura, Vídeo.

★★★★★

É logo na primeira sala que a ideia de performatividade se revela em "Brrrrrain", exposição consagrada a António Olaio (1963, Sá da Bandeira, Angola) na Culturgest, com curadoria de Miguel Wandschneider. Dispostos lado a lado, três ecrãs mostram, cada um, imagens de performances: no Centre Georges Pompidou, em Paris, em 1984; na Galeria dos Milagres, em Coimbra, dois anos depois; e, finalmente, num contexto um pouco mais ambíguo, um concerto, nos anos 90, dos Repórter Estrábico, grupo que o próprio António Olaio integrou enquanto cantor e letrista até 1993. Em todos, a mesma dança, quase imóvel, risível, que não sai do sítio; uma imagem fixa, uma performance. (sobre outras relações entre as performances artística e musical vale a pena ler "A Brief History of The Audience", de Robert Nickas, publicado em "Prières Américaines", Editions Les Presses du Réel, França, 2002).

É a partir dessa presença que "Braain" parte para propor o seu fim: relacionar, no mesmo espaço, as pinturas e os vídeos de António Olaio, sublinhando genealogias,

circulações, projecções. Como um diálogo reflexivo entre corpo e palavras, telas e canções, pinturas e vídeos (que são também, frequentemente, videoclips, mas já lá vamos).

Atente-se na série de 11 pinturas realizadas entre 1993-1994. Visualmente atraentes, "curtas", coloridas, por vezes grotescas, com títulos que parecem servir de legendas ("Potato Farm", "Rosebud" ou "What do You Want for Xmas?"), exibem um estilo figurativo que evoca não só a própria pintura mas também o repertório visual da cultura de massas. Numa sala contígua, o artista empresta depois os mesmos títulos a uma série de vídeos, datados de 1994, em que canta sobre melodias preexistentes ("readymades"). As letras são suas e usa a voz não para falar, mas para cantar. Torna-se cantor (performer), sem deixar de ser artista.

A montagem irreperível de "Brrrrrain" facilita a leitura destes "movimentos". As paredes onde se penduram as pinturas confrontam as salas escuras dos vídeos (veja-se, por exemplo, a série de 11 quadros "Bambi Is In Jail", realizada entre 1996 e 1997, e o vídeo homónimo de 1997) enquanto os ecos das canções se escutam nos corredores. O ridículo, a caricatura e o humor estão quase sempre presentes na obra do artista, em particular nos motivos das performances musicais, mas também na pintura ("Auto-retrato", 2007) - o que não impede, pelo contrário, o surgimento de uma ironia conciliadora em "What Happened to Henri Matisse?", onde Duchamp pergunta pelo autor de "La Femme au Chapeau", porventura saudosos da sensualidade das cores (cores que, diga-se, Olaio "leva", para nosso prazer, aos seus quadros), ou de uma interrogação meditada dirigida ao conceito de saber fazer em "I Think Differently Now That I Can Paint (#1)", de 2003.

É no contexto desta atitude que deve ser entendida a citação que o artista faz do videoclíp, já com a colaboração de João Taborda, a partir de 1995. Com efeito, os vídeos produzidos a partir desse ano incluem com frequência um músico (o próprio João Taborda) e aproximam-se daquele formato audiovisual (é mais evidente a omnipresença da canção); ao mesmo tempo, porém, assumem a qualidade decorativa da pintura e são - na sua dimensão escrita, enquanto "letras" - como que "alternativas" imaginárias às teorias da arte ("Pictures Are Not Movies", 2005). Ou, se quiserem, apenas canções que podem sem traçadas, como se estivéssemos a ouvir/ver performances no nosso cérebro. J.M.

"Brrrrrain" relaciona, no mesmo espaço, as pinturas e os vídeos do artista-total António Olaio





Colette: tantas vezes colocada na margem, porque mal lida e arrumada na prateleira dos escândalos e das frivolidades

Ficção

O abrir da janela

O milagre é observar o modo como Dickens se alça a abranger a vida humana, com os seus vícios e loucuras. **Francisco Luís Parreira**

Os Cadernos de Pickwick

Charles Dickens
trad.: Margarida Vale de Gato
Tinta da China

★★★★★



Para os índios Navajo, a inteligência media-se pelo número de viagens. Só o viajante era claro. Os outros, os sedentários, produziam um balbuciar incompreensível, eram os obscuros. Ouvi-os estimulava o progresso das trevas e o cair da noite. Também a literatura de espírito iluminista preferiu sempre o viajante, o único que viu e pode relatar. É pela

superação do espaço que o herói realiza a "anagorhisis", o processo que o leva da ignorância ao saber e lhe permite reconhecer a própria condição. Só após o longo exílio, como Édipo, pode ele responder à pergunta da Esfinge

e destruí-la. Enquanto a Inglaterra foi simplesmente uma ilha, assolaram-na de todos os lados intimações de viagem, tal como dos confins do Império chegavam a Roma as mercadorias pelo mar. Nenhum italiano sonhou melhor que Shakespeare as sufocantes noites meridionais, de Verona ou outras; e nenhuma outra condição teria podido forjar as alegorias cartográficas de Robinson e de Gulliver. Após a Revolução Industrial, porém, pôde a Inglaterra prescindir do mundo imaginado; Londres, como uma nova Roma, passou a receber (ou a produzir) materialmente o mundo e tornou-se mais fantástica que ele. Produziu também a sua própria exterioridade, que deixou de ser o exótico ou longínquo e passou a ser a domesticidade burguesa ou a província bucólica. Por essa altura, com efeito, descobriu-se que também a velha Albion era "green" e, como a ilha de Robinson, digna de expeditos aventureiros.

Destes, o mais ilustre é o senhor Pickwick. As aventuras deste cavalheiro iniciam-se sempre com o mais simples acto imaginável: o abrir de uma janela. A cada manhã, desperto da sonolência pela luz do sol, o senhor Pickwick abre a janela com vigor rejuvenescido e olha para o mundo. Mas este acto, repetido vezes sem conta ao longo da narrativa, não é ainda bastante para que se ocasione a aventura. Para isso, tem ele de abandonar o seguro universo da privacidade e entrar pela luz do sol, para que esta lhe proporcione a nota vivaz da experiência. Se ficasse em casa, a olhar pela janela que dá para a realidade homogénea de todos os dias, não poderia aquele grande espírito devotar-se à observação de tipos e costumes, ou misturar-se com as diferentes sortes e declinações do carácter humano, como é seu propósito e aspiração. Entrega-se por isso ao desejo insaciável de viajar e de reportar objectivamente toda a variedade do mundo.

A variedade do mundo concentra-se, por exemplo, em Muggleton. Para ali se dirige Pickwick, numa das suas expedições, com o fito de presenciar uma partida de críquete. O narrador, após enumerar as petições que aquele burgo dirigiu ao Parlamento de Londres, descreve com pormenor o espectáculo oferecido pelo largo principal, naquele dia e àquela hora: os tendeiros à porta das lojas, a moradia do médico local, os moços a caminho do críquete. Informa-nos depois que Pickwick prefere reservar para mais tarde o assento destas observações (obrigação compreendida nos seus deveres de viajante). O narrador, até aqui, limita-se aliás a ordenar e sistematizar esses relatos, e o seu escrúpulo impede-o de se desviar uma letra que seja de fontes tão

ilustres. Mas, posto que Pickwick não está entre os Tarahumaras ou os caçadores de cabeças do Bornéu, e o que lhe aparece como digno de registo está a poucas milhas de Londres, pode o leitor perguntar, com razão: porquê o assento escrupuloso do largo àquela hora?

A resposta confronta-nos com a própria natureza do cómico. Foram, de resto, as suas virtudes cómicas que garantiram a Pickwick um lugar perpétuo no Olimpo literário. Qualquer leitor, a sós com o seu exemplar, na mesa de café ou no banco de jardim, está sujeito ao simpático embaraço de incorrer numa gargalhada menos medida. Nas sessões de leitura protagonizadas por Dickens, apanhava-se das audiências a mesma hilariedade. Eram, em geral, audiências populares ou pouco ilustradas; mas pertencem a um tempo em que o homem da rua ainda se reconhecia numa comunidade de destino e de experiência mediada pela Narrativa. Nas condições muito mais graves impostas hoje pelo novo Analfabetismo Triunfante, que é o resultado da escola pública "democrática", em vão procuraríamos o equivalente desta noção. Também o afectado subproduto que lhe corresponde, conhecido enfaticamente como literatura portuguesa contemporânea, conseguiu já destituir a experiência de leitura de todo o valor de conhecimento.

Mercê dos esforços de Aristóteles na Poética, tornou-se possível, para a cultura ocidental, situar a tragédia no domínio do pensável. Mas a catarse própria da comédia permaneceu sempre como uma zona de sombra, talvez porque se tenha perdido a segunda parte daquele tratado, que lhe seria dedicada. O largo de Muggleton e os outros lugares pickwickianos são um precioso contributo para a dissipação da sombra. O que ali fascina Pickwick é a Particularidade. A Particularidade não estabelece fronteiras gradativas, é sempre ela mesma em toda parte. Portanto, não vale a pena ir mais longe. O largo, àquela hora, está possuído pelo seu próprio absoluto: por isso é digno de assento. Ora, um cómico é sempre aquele que preserva as coisas no seu absoluto. Ignora ele que as coisas deixam de existir, que a história passa por elas; não entende que elas mudam e já não significam o mesmo. Por isso, tropeça em obstáculos que já lá não estão ou colhe flores de um campo impossível (também a máscara de Buster Keaton permanece imperturbada: ele é imune a todo o acontecer). Pickwick, de igual modo, contempla um mundo anterior à Queda, onde as coisas e os caracteres, fixados de uma vez por todas na sua

idiossincrasia, vivem, como dizia Chesterton, "no verão perpétuo de serem eles mesmos". Passam por ele em desfile inesgotável e inesquecível; postos bruscamente diante dos olhos, brilham como um centro hiperbólico de vitalidade e logo desaparecem. Mas o maior milagre é observar o modo como a consciência do narrador começa a diferir da de Pickwick e do formato narrativo inicial; o modo como o jovem Dickens, gradualmente, se alça a abranger a vida humana, com todos os seus vícios e loucuras, e lhe empresta, como os seus grandes predecessores (Chaucer, Cervantes, Quevedo, Sterne), aquela faculdade de visão simpática que é a marca de toda a grande arte cómica.

A edição é vistosa. O prefácio de Ricardo Araújo Pereira, director da coleção, tenta não desmerecer o tom pickwickiano e enfia 26 notas de rodapé num texto de quatro páginas e meia. É decerto um grande enriquecimento de Dickens que a sua relação com o leitor seja mediada por essa importante figura, e por isso comparece o seu nome na capa e na proverbial cinta colorida. É inconcebível que tal distinção não contemple a tradutora. Após a extraordinária versão dos poemas de Poe, é a segunda tradução formidável que Margarida Vale de Gato nos oferece este ano. Para ela e para o senhor Pickwick vão inteirinhas as cinco estrelas.

Esplendores da frivolidade séria

É sempre um acontecimento confrontarmos-nos com a escrita excitante de uma das maiores escritoras do século XX. **Mário Jorge Torres**

Chéri
Colette
(trad. José Saramago)
Editorial Presença

★★★★★



A recente publicação do romance de Colette, "Chéri", pela Presença, constitui de facto uma reedição de uma tradução de José Saramago, aparecida inicialmente sob a chancela dos Estúdios Cor, e surge →

Qualquer leitor, a sós com o seu exemplar de "Os Cadernos de Pickwick", na mesa de café ou no banco de jardim, está sujeito ao simpático embaraço de incorrer numa gargalhada menos medida



O percurso biográfico de Miguel-Manso aponta para a deriva, um dos modelos canónicos da vida literária; "Contra a Manhã Burra" tem uma evidente dimensão de viagem e aventura, notas soltas sobre pessoas e lugares

← no contexto da estreia da adaptação fílmica de Stephen Frears, o que justifica a sobrecaça, reproduzindo uma foto de Michelle Pfeiffer.

De qualquer modo constitui sempre um acontecimento a hipótese de nos confrontarmos com a escrita excitante de uma das maiores escritoras do século XX (o livro aparece numa coleção que inclui uma das obras-primas de Virginia Woolf e que recupera outros dos incrivelmente esquecidos, John dos Passos), tantas vezes colocada na margem, porque mal lida e arrumada na prateleira dos escândalos e das frivolidades.

Já aqui dissemos, na crítica ao filme, que Colette coloca as suas personagens numa época de transição, em que os esplendores da chamada Belle Époque parecem comandar as operações de uma estratégia de sentimentos e emoções dificilmente compreensível fora de contexto. E, no entanto, o que faz a glória do seu estilo passa pela junção de uma extrema simplicidade narrativa, adornada de uma impecável e rigorosa adjectivação, de um gosto pelas metáforas arrojadas, aparentemente imprecisas e superficiais. A uma primeira leitura, deparamo-nos com a preponderância de um discurso directo, feito de diálogos creíveis e definidores de uma era de requintes e detalhes de bom gosto. Contudo, onde a romancista atinge a proximidade do génio é nas descrições, curtas, pormenorizadas, repletas de uma ímpar riqueza vocabular, manejada com uma destreza quase barroca: "O arco delicioso do lábio superior, iluminado por baixo, retinha nos seus vértices dois pontos de luz prateada, e Léa confessou a si mesma que ele se parecia muito mais com um deus que com um negociante de vinhos. Sem se levantar, colheu delicadamente dos dedos de Chéri o cigarro fumegante e atirou-o para o cinzeiro. A mão do adormecido distendeu-se e deixou cair como flores cansadas os seus dedos afusados, armados de unhas cruéis, mão não feminina, mas um pouco mais bela do que seria para desejar, mão que Léa cem vezes beijara, sem servilismo, pelo prazer de a beijar, pelo perfume..." (p. 21).

Se escolhemos esta longa citação, dentre as muitas que valeria a pena destacar, tal reside na sua exemplar explicitação da carnalidade de um discurso sensual, muito à frente do seu tempo (o romance data de 1920), embora o gosto pelas sinestésias e as pinceladas impressionistas e "preciosas" fizessem jus a uma sensibilidade decadentista e pós-simbolista em que a escritora se insere. Por outro lado, ela dá bem a medida da fluência de uma tradução que consegue transferir para um português "amaneirado" e rigoroso,

uma escrita que só faz pleno sentido no francês original, com as nasalidades próprias da língua e um sentido mortífero da banalidade, dita com absoluta certeza e quase com despudor. Torna-se difícil traduzir Colette sem cair no ridículo, de tal modo cada palavra faz parte da definição de cenários e figuras, de objectos e estados de alma, e Saramago consegue um miraculoso equilíbrio que possui a perfeita noção do risco de arrotar com construções abstrusas e inesperadas: "O lábio superior, barbeado de manhã, azulava-se já, e as lâmpadas róseas davam um sangue factício à boca..." (p. 26). Ou seja, o texto de chegada faz todo o sentido para um leitor português, ainda que evado de (compreensíveis) galicismos e de desnecessários aportuguesamentos apressados (imposições do revisor?): "Bulevar" em vez de "Boulevard" por exemplo.

No cômputo geral, trata-se de uma edição digna que permite voltar a desafiar um leitor, bombardeado com obras menores e com erotismos fáceis, a descobrir os mistérios de um fascinante universo moderno e caprichosamente inventivo: "O dia deslumbrante restituía ao quarto o seu róseo de flor, as macias tonalidades do Chaplin louro e prateado riam na parede. Chéri inclinou a cabeça e fechou os olhos, a fim de que a memória lhe restituísse o quadro da véspera, misterioso e colorido como o interior de uma melancia, a cúpula feérica da lâmpada, e sobretudo a exaltação de que ele, cambaleando, suportara as delícias..." (p. 114). As delícias de Colette estão de novo aí para quem as quiser descobrir e "saborear". Só é pena que a capa principal (pequeno reparo) tenha optado por um feioso nu feminino de costas, a apelar aos instintos mais básicos, ao invés das opções literárias evidenciadas. Que saudades do belíssimo desenho que ornava a edição original dos Estúdios Cor! Enfim, marca das necessidades de "marketing" nos tempos que vão correndo...

Poesia

Um "delay"

As estreias em poesia são em geral tardias, e já tardava uma estreia com esta força.

Pedro Mexia

Contra a Manhã Burra Miguel-Manso Mariposa Azul



As estreias na poesia portuguesa são em geral tardias. Mas já tardava uma



estreia forte de um poeta nascido na segunda metade dos anos 1970. Miguel-Manso nasceu em 1979 e à beira dos trinta publicou dois notáveis livros de poemas: "Contra a Manhã Burra", edição de autor, e "Quando Escreve Descalça-se", edição da livraria Trama. As escassas centenas de pessoas que acompanham a nova poesia esgotaram com entusiasmo ambas as publicações, pelo que "Contra a Manhã Burra" volta a aparecer, agora com chancela da Mariposa Azul.

Todo o percurso biográfico de Miguel-Manso aponta para a deriva, um dos modelos canónicos da vida literária: estudou Design de Comunicação e desenho, foi bibliotecário e vigilante de museu, arranjou biscoitos, viveu em Paris e andou pelo Oriente. "Contra a Manhã Burra" tem uma evidente dimensão de viagem e aventura, notas soltas sobre pessoas e lugares. O mundo todo é palco de experiências, e tanto estamos em Almeirim como em Barcelona, na estrada para Góis, em Canterbury ou no lisboeta Jardim da Parada. Este parece um livro manuscrito, quase como se tivéssemos em fac-símile os cadernos de Miguel-Manso; há uma comunicabilidade directa do vivido como é raro encontrar. Isso não significa que os poemas tenham uma legibilidade clássica; pelo contrário, eles são formalmente inventivos e inesperados, o seu desenho na página sempre uma surpresa, têm hiatos e justaposições, numa espécie de imagismo boicotado que deve muito a João Miguel Fernandes Jorge.

Muitos dos textos são anotações, às vezes o memorial de um

momento fugaz. Outros são poemas-piada, fáceis ou deliberadamente obscuros. Nos melhores casos, no entanto, combinam uma crença antiga e antiquada nos poderes da linguagem poética com uma auto-ironia e reticência geracionalmente mais óbvias. Há uma expressão bastante curiosa que nos dá uma boa pista: "um delay entre a matéria e a consciência". O próprio poema é esse "delay", porque a matéria, que era um fenómeno exterior, já foi interiorizada, já faz parte da consciência.

Basta ver como Miguel-Manso dialoga com dois poetas portugueses. Ruy Belo é de algum modo convocado como um precursor do "estudo da melancolia", mas o que é em Belo "matéria" e "consciência"? As estações do ano são matéria ou consciência? A passagem do tempo é matéria ou consciência? É no "delay" que essas dúvidas se exprimem como dúvidas. O mesmo acontece com Cesariny: "luzes e achados / dizia // coisas que de dentro saíam / sabe como é // (...) sabe / a gente pensa que é feita de milhões / de coisas cá dentro mas // depois olha o céu aliás / o cimo // o cimo como uma estrada secreta (...) " (pág. 82). Somos feitos de "milhões de coisas", fora e dentro, na matéria e na consciência, e daí estes poemas que vão ao encontro de "luzes e achados".

O mais insólito é a presença de uma cartografia portuguesa, "o assombro português das descobertas". Não é patriotismo nem depuração mitológica, apenas dar novos mundos ao mundo, viver experiências na "Nova Ásia" que está tanto por descobrir como no tempo de João de Barros. Além do mais, Miguel-Manso absorveu a depuração da poesia oriental, a natureza em movimento, pássaros a

agitar-se numa nespereira, mas também delicadas sugestões eróticas e confissões reticentes, como neste "Casamento de Bangkok": "disse-me // aprendi o essencial de tailandês / para não me perder na rua / saber o que vou comer nos restaurantes / dizer-lhe que a amo // mas não o suficiente para / lhe explicar o porquê // por isso / aponto com o olhar as árvores do pomar / são o nosso pequeno resguardo / de beleza // seguimos o perfume / ela sabe" (pág. 73).

A viagem entre matéria e consciência neste e noutros mundos não descamba em catequese filosófica, até porque Miguel-Manso prefere sempre fazer uma pausa para um cigarro. A notável e serena inquietude deste poeta está na recusa deste "tempo de simulacro / e rarefacção" e na capacidade de ir à descoberta. De fazer as suas próprias descobertas: "de Piccard a Cousteau de Jasão a Ballard / e hoje na lenta esfereográfica deste poeta em 2ª classe / Linha da Azambuja ao cair da tarde / O sol deita-se sobre o começo convexo do mouchão / A trinta minutos de Santarém como se fosse mel (pág. 78).

Acrescente-se que a outra colectânea, "Quando Escreve Descalça-se", é ainda melhor que "Contra a Manhã Burra", e merece igualmente uma rápida reedição. Já há algum tempo que esperávamos por um novo poeta.

Economia

América precisa de um segundo "New Deal"

Krugman defende que a crise actual é o fruto do desmantelamento político do edifício legal do "New Deal". João Ramos de Almeida

A Consciência de um Liberal Paul Krugman Presença



O título do livro pode enganar. Paul Krugman já era um economista de ideias claras e palavras fortes antes de ter sido Prémio Nobel em 2008, mas é tudo menos um "liberal", segundo a



Segundo o diário brasileiro "Folha de São Paulo", "Caim" de José Saramago, editado no Brasil pela Companhia das Letras, liderou as vendas entre os dias 19 e 25

na Livraria da Folha e noutras redes de venda "on-line".



Ciberescritas De chorar por mais



Isabel Coutinho

Foi ao som da velhinha canção "Dança mas não encosta" de Linda Batista (1940) que andei a vaguear pelo portal do Instituto Moreira Salles (IMS). Era a música do dia. Este instituto sem fins lucrativos foi fundado, em 1990, pelo embaixador e banqueiro Moreira Salles (1912-2001) e possui um importantíssimo acervo fotográfico (550 mil fotografias), musical (100 mil músicas) e ainda uma biblioteca (400 mil itens) e uma pinacoteca (mais de três mil obras). Na área editorial, além de livros e catálogos de arte, publica também a série Cadernos de Literatura Brasileira e a revista de ensaios "Serrrote". Três das edições destes prestigiados Cadernos foram dedicados a Euclides da Cunha, Clarice Lispector e Carlos Heitor Cony. E neste portal, agora inaugurado, podemos ter acesso à descrição de cada caderno, a uma cronologia de cada escritor, a uma secção intitulada "geografia pessoal" onde se podem ver fotografias publicadas em cada uma destas edições.

Foi ao som da velhinha canção "Dança mas não encosta" de Linda Batista que andei a vaguear pelo portal do Instituto Moreira Salles

Estão lá também testemunhos. É magnífico o texto "Clarice" por Ferreira Gullar ("ela parecia uma loba -uma loba fascinante. (...) Saí dali meio atordoado, com aquela imagem de loba na cabeça. Imaginei que, se voltasse a vê-la, iria me apaixonar por ela") e também o de Ruy Castro sobre Heitor Cony - Ruy nunca deixou de "cobrar" ao amigo ter ficado

tantos anos sem publicar depois de "Pílatos". Podemos ler dois poemas inéditos de Euclides da Cunha e ver imagens dos manuscritos de "A Hora da Estrela" de Clarice Lispector.

Mas quanto mais se vagueia, mais preciosidades se encontram. Como o espólio da poeta Ana Cristina Cesar (1952 - 1983) está no IMS, uma das secções do "site" é-lhe dedicada. Além de se poderem ler excertos da sua correspondência, temos acesso a leitura de poemas (Eucanaê Ferraz lê o poema "A teus pés", Antonio Cícero lê "Inéditos e Dispersos"). Outro espólio do instituto é o de Lygia Fagundes Telles. Numa entrevista, a escritora conta: "Eu sempre digo que comecei a escrever antes de saber escrever. Não é charminho de escritor, não. Falo assim porque antes de ser alfabetizada eu já contava histórias. Eram histórias que eu ouvia das minhas pajens. Essas pajens eram moças desgarradas que minha mãe arrebanhava. Eu gostava disso, uma coisa meio medieval, de princesa, ter pajem. Pois bem: eu comecei contando para as outras crianças as histórias que ouvia das pajens. Mas sempre mudava um pouco o que tinha escutado e, quando repetia, mudava de novo." E como se não bastasse a própria lê excertos das suas obras ("As Formigas" e "A estrutura da bolha de sabão"). Maravilhoso.

Instituto Moreira Salles
<http://ims.uol.com.br>

Euclides da Cunha
<http://ims.uol.com.br/hs/clb/clbeuclides/cl-beuclides.html>

Clarice Lispector
<http://ims.uol.com.br/hs/clb/clbclarice/clbclarice.html>

Carlos Heitor Cony
<http://ims.uol.com.br/hs/clb/clbcony/clbcony.html>

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

É impossível não se ficar rendida à obra do fotógrafo Marcel Gautherot, nomeadamente às fotografias que fez a pedido de Oscar Niemeyer da construção da cidade de Brasília.

Todas as terças-feiras ficam disponíveis novidades na Rádio IMS onde se ouvem raridades da música brasileira do acervo do instituto. Agora está Carmen Miranda a cantar Dorival Caymmi e a dizer "quando você se requebrar caia por cima de mim". Só falta este aviso: quando se entra no "site" do Instituto Moreira Salles dificilmente se tem vontade de sair de lá. Não se sente o passar das horas.

isabel.coutinho@publico.pt

conotação redutora que se dá em Portugal a quem defende uma menor intervenção do Estado.

A tese essencial deste "liberal" - ou seja, anti-conservador no sentido norte-americano da palavra - é, precisamente, a de que existe um paralelo efectivo entre os Estados Unidos dos primeiros anos do século XX e os Estados Unidos de hoje. E que essa semelhança começa nos níveis de desigualdade social e, conseqüentemente, culmina na necessidade do regresso das políticas seguidas nos anos 30, quando Franklin D. Roosevelt (presidente dos EUA de 1933 a 1945) introduziu fortes regulamentações económicas e sociais ("New Deal").

À primeira vista, parece uma ideia exagerada. Mas a desigualdade social é, na sua base, apenas riqueza mal distribuída que, depois, como uma força invisível, se multiplica transversalmente numa miríade de efeitos disseminados pela sociedade, pela psicologia colectiva e individual e que redonda numa espiral de infelicidade, numa sociedade doente.

Nos primeiros vinte anos do



Krugman leva o leitor a percorrer a evolução da ideologia republicana e a chegada ao poder da sua linha dura

século XX - tal como é citado no livro - os dez por cento da população mais rica detinham 44 por cento do rendimento nacional. E a elite abastada de um por cento da população possuía 17 por cento do rendimento criado. Em 2005, por incrível que pareça, as percentagens eram as mesmas.

A sociedade desigual dos primeiros anos 20 do século XX era uma economia desregulada e que politicamente deixou um sector financeiro sem rédea transformar uma crise económica numa Grande Depressão. As políticas do "New Deal" criaram então uma teia de regulamentação financeira que impediu os desmandos de um sector financeiro ávido de ganhos rápidos e arriscados, egoísta e despreocupado com os efeitos a prazo caso a música deixe de tocar.

Os depósitos bancários foram seguros, a banca foi impedida de riscos excessivos, evitou-se a corrida aos balcões que caracterizou os anos 1931-32 e que levou à pulverização de poupanças privadas e colocou milhões de pessoas na pobreza. A par desses novos obstáculos à expansão financeira desenfreada, foram lançadas as bases de uma protecção social de quem se encontrava no fim da cadeia social.

"Os Estados Unidos do pós-guerra eram, acima de tudo, uma sociedade de classe média", escreve Krugman. Os salários cresceram e retiraram milhões de pessoas dos bairros-de-lata urbanos e da pobreza rural (entre eles os pais de Paul Krugman). Os ricos perderam terreno. Era uma sociedade mais equilibra e feliz. Às vezes monotonamente feliz, como era a "vidinha" dos subúrbios urbanos, demasiado receosos da perda da felicidade conseguida, conservadora e solitária (como se lê,

por exemplo, nos livros de Richard Yates ou na série televisiva "MadMen"). Uma prosperidade correspondente a uma moderação na política, um esbatimento das ideias políticas entre os partidos democrata e republicano. Os republicanos tinham desistido de destruir o "New Deal".

Mas o que pode ter acontecido entre os dois períodos da história da principal economia do mundo para que se voltasse a uma mesma situação social?

Krugman defende que a crise actual é, precisamente, o fruto do desmantelamento político desse edifício legal do "New Deal", durante o último quarto do século XX.

O sistema financeiro passou a depender cada vez mais daquilo de um conjunto de instituições estruturadas para evadir-se à regulamentação. Paraísos fiscais, balcões "biombos", contabilidades dúbias, supervísios fragilizados, leis fracas que permitiram produtos financeiros sem cobertura de activos reais, multiplicados sem fim em sistema de apostas. E que no fim ampliaram a desigualdades social. "Não foi por acaso, a desregulamentação dos mercados financeiros ajudou os ricos a ficar mais ricos". E tudo se agravou quando a bolha rebentou.

Krugman conta que começou por pensar que a causa de tudo estaria no facto de o Partido Republicano ter se colado às posições da elite em ascensão desde os anos 80, fazendo sua agenda coincidir com as do Governo norte-americano, para se tornar o partido dos vencedores. Mas chegou à conclusão de que "a mudança política sob a forma de uma crescente polarização foi uma das causas principais para o crescimento da desigualdade". Houve um extremar das posições do ideário republicano, a tal ponto que passou a haver uma razão de ser para a clivagem entre os termos "liberal" e "conservador".

O livro leva o leitor a percorrer a evolução da ideologia republicana e a chegada ao poder da sua linha dura. Essa foi a marca dos últimos anos do século XX que redundou num paulatino desmantelamento das estruturas do "New Deal" e encorajou as empresas a lançar um ataque sem quartel ao movimento sindical, reduzindo drasticamente o poder de negociação dos trabalhadores, ao mesmo tempo que inflacionavam os vencimentos dos gestores.

Este é um livro essencial para compreender uma tendência que acabou exportada por todo o mundo. Mas ainda mais importante para perceber o actual "braço-de-ferro" entre a tentativa de regulamentação da sociedade e as resistências que se estão a levantar a esse "New Deal". →

Edição

A Planeta publicará em Novembro "Camões-Sonetos e Outros Poemas", em edição bilingue,



português-inglês, com organização e tradução de Richard Zénith. Além de ilustrações de João Fazenda tem um prefácio de Vasco Graça Moura. Estará nas lojas a 19 de Novembro.

★Mau★Mediocre★★Razoável★★★Bom★★★

★★★Muito Bom★★★★★Excelente



A dominação económica, a loucura belicosa, o nacionalismo, o totalitarismo ou o racismo estão na origem de muitas rupturas; o ressentimento, explica-nos Marc Ferro, explica outras tantas

História

Um outro motor da História

Nem só de grandes ideias ou de pequenas ganâncias se fez o mundo: sentimentos prosaicos como a inveja ou instinto de vingança tiveram aí o seu papel. Manuel Carvalho

O Ressentimento na História
Marc Ferro
(Trad, Telma Costa)
Teorema, €15

★★★★☆

O que faz mover a História é algo de

um debate tão antigo como a própria História. A procura de espaços vitais, a dominação económica, a loucura belicosa de um general ou de uma geração, ou, em tempos mais recentes, o nacionalismo, o totalitarismo ou o racismo estão na origem de muitas rupturas. O ressentimento, explica-nos o veterano historiador francês Marc Ferro, explica outras tantas. As razões parecem ser óbvias: "A experiência de voltar a viver a ferida do passado é mais forte do que a vontade de esquecer. E assim a existência do ressentimento mostra como é artificial o corte entre o passado e o presente, que deste modo vivem um no outro, tornando-se o passado um presente mais presente que o presente". A constatação dos factos, também se consegue com facilidade: veja-se como o Tratado de Versalhes que determinou o final da I Guerra Mundial continha nos seus termos os germens do ressentimento sobre os quais o nazismo se construiu e a II Guerra Mundial se moldou.

Nem só de grandes ideias ou de pequenas ganâncias se fez o mundo: sentimentos prosaicos como a inveja ou instinto de vingança tiveram aí o seu papel. Manuel Carvalho

perguntas o "porquê de uma guerra de cem anos entre a França e a Inglaterra" ou as razões pelas quais franceses e alemães se confrontaram por três vezes entre 1870 e 1945 é matéria suficientemente complexa para requerer outra profundidade.

Pegue-se, no entanto, neste livro mais como obra de divulgação, que o é na sua essência, e não tanto como ensaio de um historiador consagrado (Ferro é talvez o mais eminente representante da terceira geração da escola dos Annales, cuja revista codirige, e é director de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales). Vistas assim as coisas, a sua leitura é altamente recomendável, especialmente no capítulo dedicado à "Memória Nacional". O caso da Polónia, "uma alma em busca de um corpo", como a viu Lord Acton em 1862, é talvez o que melhor exprime toda a tese do autor. A Polónia que "salvou a Europa" por quatro vezes (quando libertou Viena do ataque otomano em 1638, quando travou o exército bolchevique de Pídelski às portas de Varsóvia em 1920, quando contribuiu como nenhuma outra nação ocupada para combater os nazis em 1939-45 e quando, finalmente, ajudou decisivamente a Europa cristã a expurgar o comunismo em 1989), a Polónia esperava finalmente ser reconhecida quando o muro de Berlim caiu. Mas "foi Gorbachev que a Europa, Alemanha incluída, festejou... De novo se alimenta um profundo ressentimento em relação à Europa". Que ainda se constata na recente política europeia: "Enquanto o francês Chirac, o alemão Schroeder e o russo Putin condenavam a invasão americana no Iraque, foi a Polónia que enviou tropas para Bagdad respondendo ao apelo de George W. Bush".

Revelado como um vírus que dificilmente se erradica das sociedades, o ressentimento cristaliza-se num sofrimento que "rói homens e mulheres como um cancro". Pode, no entanto, ser curado. "A História soube dar provas de virtudes terapêuticas, desde que não esteja à política de Estados", escreve Ferro. Aí, os historiadores tiveram um papel fundamental para "expurgar agravos" entre turcos e arménios, entre chilenos e bolivianos, entre franceses e alemães. Enquanto "matriz de ideologias contestatárias tanto de esquerda como de direita", porém, o ressentimento não desapareceu. Pelo contrário, adverte o historiador hoje com 85 anos, "o aperto das grilhetas imposto pelo desenvolvimento da globalização, não pode deixar de multiplicar os focos de ressentimento, como bem demonstra a experiência do século passado".

Fácil de ler, erudito sem exigir grandes bases teóricas prévias, "O Ressentimento na História" é um

bom instrumento para se perceber melhor algumas das realidades do nosso tempo. T tamanha utilidade deveria ter merecido uma tradução mais capaz e, principalmente, uma melhor revisão de texto. A proliferação de gralhas e as deficiências da tradução são a grande pecha desta edição.

Medicina

Ombros

Todos somos candidatos a lesões ou traumatismos, inclusive no trabalho intelectual. Jorge Almeida Fernandes

O Ombro
António Cartucho e João Espregueira-Mendes (coord.)
Lidel



A ortopedia é uma área médica em exponencial progresso técnico-científico, com um público cada vez mais largo, decorrente de múltiplos factores, do aumento da prática desportiva ao facto de as pessoas viverem hoje muito mais tempo. A medicina desportiva desempenha nesta área toda a papel dinâmico, exigindo e financiando a criação de novas técnicas, da imagem à cirurgia, que depois são difundidas e generalizadas. A lesão de um ombro pode provir do envelhecimento, de um traumatismo na estrada, no estúdio ou no trabalho, inclusive no trabalho intelectual, como andar repetidamente a tirar livros ou pastas de uma estante durante uma investigação.

"O Ombro", obra coordenada pelos cirurgiões António Cartucho e João Espregueira-Mendes, é o primeiro livro português que aborda toda a patologia do ombro, reunindo contributos de mais de 30 especialistas nacionais, ortopedistas, fisiatras, reumatologistas e fisioterapeutas. É um trabalho dirigido aos profissionais de saúde e do exercício físico. O livro é hoje lançado no Porto, durante o Congresso Nacional de Ortopedia. Os direitos de autor revertem para o financiamento de investigações e estágios.



Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda (Culturgest, Winton, Frac, Bilos, Lojas Viagens Abreu, Livrarias Balthusa (Oeiras Parque e C.C. Cidade do Porto), C.C. Dolce Vita, MegaRede e www.ticketline.sapo.pt - Reservas Ticketline: 707 234 234

Preço único até aos 30 anos 5 Euros



Hank Jones Trio

Piano Hank Jones Contrabaixo George Mraz Bateria Willie Jones III

Aos 91 anos, Jones é universalmente reconhecido como aquilo a que Joe Lovano chama "um tesouro": um homem com experiência que personifica o talento, calor, elegância, swing, sagacidade, com uma produtividade contínua e uma criatividade em constante renovação, algo que esperaríamos de todos os artistas e que raramente encontramos. Howard Mandel, DownBeat Magazine, Agosto 2009

JAZZ DOM 15 NOVEMBRO · 21H30 · GRANDE AUDITÓRIO · €20 · M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

CONCERTOS

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

● Mau ★ Mediocre ★★ Razoável ★★★ Bom ★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Pop

O esquizofrénico de serviço

Na Culturgest teremos o Gonzales pianista - se o que se aproxima mais de Satie ou o que se aproxima mais de Billy Joel, veremos.

João Bonifácio

Gonzales

Lisboa, Culturgest - Grande Auditório, Rua Arco do Cego - Edifício da CGD, 3.ª ds 21h30. Tel.: 217905155. 18.

O que raio aconteceu a Gonzales? Quando apareceu, em 2000, com "Gonzales Uber Alles" era uma espécie de MC branco, a brincar com a soul, o jazz, a pop de sintetizadores. "The Entertainer", desse mesmo ano, com uma capa à cantor de charme dos anos 70 (a lembrar Tom Jones sob os focos luminosos de um palco em Kansas City), mantinha a figura clownesca, que se apropriava da música dos negros e construía um one-man-show de humor pleno de irrisão.

Gonzales era, por esses dias, "über cool": era amigo e produtor de Peaches e Jamie Lidell, dois provocadores com material dançável no sangue, escrevia para a amiga Feist, reinava na pista de dança, espalhava glamour propositadamente fatela pelas revistas in. Era o "prankster" mais admirado do mundo e, ao terceiro disco, "Presidential Suite",

pensava-se que não houvesse ali tanto sentido de non-sense e talvez o homem desse o salto para as tabelas de vendas a grosso em vez de andar a mourejar pela venda a retalho. Mas já então havia sinais de que o homem estava-se marimbando para a ordem do dia - e pelo meio das suas exímias produções encetava colaborações com Jane Birkin e Charles Aznavour, demonstrando um inusitado amor pela velharia louvável. Foi em 2005 que a esquizofrenia de Gonzales se tornou explícita, com o lançamento de "Solo Piano", um disco cujo nome não podia ser mais claro: era Gonzales e um piano, estranhamente calmo e melancólico, como um bluesman entrando pelos territórios de Satie. Por isso não é surpresa que no ano passado, com "Soft Power", ele tenha escrito um típico disco de "song-writer" de final dos 70, com muita pianada pop, cordas sintetizadas, refrões bordejando o azeiteiro na companhia.

Que Gonzales teremos na terça-feira? Não o rapper, mas o pianista. Se o que se aproxima mais de Satie ou o que se aproxima mais de Billy Joel, logo veremos. O melhor é fazerem de conta que estão numa aula prática de esquizofrenia.

A luz que vem da noite

Ludovico Einaudi Sexteto

Com Ludovico Einaudi (piano), Federico Mecozzi (violino e guitarra), Mauro Durante (violino e percussão), Antonello Leofreddi (viola), Marco Decimo (violoncelo), Robert Lippok (electrónica).

Lisboa, Centro Cultural de Belém - Grande Auditório, Praça do Império, 2.ª, dia 2, às 21h. Tel.: 213612400. 20€ a 45€.

Em tempo de Notebooks, o pianista e compositor italiano Ludovico Einaudi traz-nos um "Nightbook" em forma de disco e de concerto. Não é só um trocadilho, ele compôs as doze faixas deste seu novo disco durante a digressão anterior, precisamente nos espaços em que fez da solidão nocturna um enorme campo criativo. "Um computador", diz Ludovico via telefone, "é também como uma folha de papel onde podemos escrever os nossos pensamentos, a nossa voz, as nossas ideias. Este 'Nightbook' é um apanhado dos meus pensamentos sobre a noite, que para mim é a zona da nossa alma mais ligada à poesia, ao desejo, aos sonhos, à parte de nós que mais se aproxima do infinito."

Já tinha descrito, antes, esta "paisagem nocturna" como um lugar situado algures entre a luz e as trevas, o conhecimento e o



Ludovico Einaudi traz as paisagens nocturnas de "Nightbook" ao CCB

desconhecimento, quase numa citação involuntária de William Blake. "O que eu vejo é-me familiar", disse Einaudi, "mas parece-me ao mesmo tempo estranho. É como um sonho - onde tudo pode acontecer." A inspiração para o disco surgiu-lhe em 2006, quando tocou no Hangar Bicocca de Milão rodeado pela "assombrosa" instalação "Sete Palácios Celestes", do artista plástico alemão Anselm Kiefer: "No final, o

piano soava como numa catedral mas numa situação estranha. Essa nova luz que emanou do concerto pareceu-me pronta para se transformar num álbum."

Nascido em Turim, a 23 de Novembro de 1955, antigo aluno de Berio, Ludovico tem mesclado na sua carreira as raízes da tradição clássica com elementos da pop e outros géneros contemporâneos. Em Portugal já tocou e trocou →



As mãos de Gonzales - pelo menos de Gonzales na sua última encarnação - foram feitas para tocar piano

JÚLIO PEREIRA
GEOGRAFIAS

CENTRO CULTURAL DE BELÉM
LISBOA • 13 Novembro • 21:00 H

BEJA
Teatro Paix Balsa
4 Outubro • 21:30 H

ÉVORA
Praça do Giraldo
9 Outubro • 21:30 H

AVEIRO
Teatro Aveirense
16 Outubro • 21:30 H

PRAIA DA VITÓRIA
Auditório do Ramo Grande
30 Outubro • 21:30 H

OLIVEIRA DE FREDES
Clube Desportivo Municipal
6 Novembro • 21:30 H

GUARDA
Teatro Municipal
7 Novembro • 21:30 H

Reservas/Informações: 202 239 234 (segunda de tarde)
Edifício das Artes, Rua Ag. Álvaro, Viseu; C. C. Cultura, Póvoa do Varzim;
R. Costa Inglês em Lisboa e Guimarães; www.fidelidade.pt



Todas as expectativas perante o próximo concerto de Sokolov na Gulbenkian

Cristina Branco ainda na estrada com "Kronos"

Peter Murphy vezes três: Ílhavo, Lisboa e Porto

← experiências em 2006 com Rodrigo Leão, a quem elogia a forma como junta "modernidade e tradição", mas actuou também em espectáculos a solo. E é a solo que volta, apresentando-se pela primeira vez em sexteto, ao lado de Federico Mecozi (violino e guitarra), Mauro Durante (violino e percussão), Antonello Leofreddi (viola), Marco Decimo (violoncelo) e Robert Lippok (electrónica). Durante o concerto, haverá manipulação de imagens ao vivo, um trabalho entregue Matteo Ferroni. A luz que ele foi buscar à noite, desejava vê-la estender-se ao universo. "Devia haver maior aprendizagem de música nas escolas. É importante para o mundo, para o espírito, para todos. Uma educação musical forte é essencial à vida."

A kora em todos os seus estados

Toumani Diabaté

Lisboa. Cinema São Jorge - Sala 1. Av. Liberdade, 175. Hoje, às 21h30. Tel.: 213103400. 20.

É o grande mestre da kora, espécie de harpa africana com 21 cordas. O seu disco de estreia, "Kaira", de 1988, foi o primeiro inteiramente dedicado àquele instrumento - Toumani tornou-se de imediato uma estrela da "world music", encetando infundáveis digressões pelo Velho Continente. Músico de formação

clássica, o maliiano ficou ainda mais mundialmente famoso quando colaborou com o seu conterrâneo Ali Farka Touré em "In The Heart Of The Moon", em 2005. Um ano depois, lançou o fenomenal "Boulevard de l'Indépendance" com a sua Symmetric Orchestra, um combo de mais de dezena e meia de músicos cuja música de fusão é inclassificável (de extraordinária). Toumani faltou a um concerto da Symmetric Orchestra em



Toumani Diabaté de regresso para mais uma magistral lição de kora

Aveiro mas redimiou-se dando mais tarde um tremendo espectáculo em Sines. No ano passado voltou, 20 anos depois, a gravar um disco exclusivamente dedicado à kora, demonstrativo das suas imensas habilidades: uma lírica arrepiante mas contida construindo mantras lentos mas plenos de ritmo, prenhes de hipnotismo. Pudemos ver esse concerto no Centro Cultural de Belém e é a isso que tiremos direito agora: uma demonstração das potencialidades da kora, em que cada

(longo) tema é entrecortado por explicações do significado cultural não só do instrumento como do tema. Música e pedagogia, portanto. J.B.

Clássica

Um pianista tocado pelo génio

O mítico pianista russo Grigory Sokolov interpreta Schubert e Schumann na Gulbenkian. Cristina Fernandes

Grigory Sokolov

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian - Grande Auditório. Avenida de Berna, 45A. 2ª, dia 2, às 19h. Tel.: 217823700. 15€ a 30€.

Obras de Schubert e Schumann.

Há vários anos que o pianista russo Grigory Sokolov (n. 1950) é uma visita assídua na Gulbenkian, na Casa da Música e em alguns festivais portugueses, mas essa regularidade de apresentações não diminui as expectativas que se geram em torno de cada nova actuação. A próxima será já na segunda-feira, às 19h, no Grande Auditório Gulbenkian, e terá

no programa duas obras de envergadura - a Sonata em Ré Maior, D. 850, de Schubert, e a Sonata em Fá menor, op. 14, de Schumann - que serão certamente objecto de clarifientes interpretações, tendo em conta as provas dadas pelo pianista no universo destes dois compositores.

Vencedor do Concurso Tchaikovsky de Moscovo com apenas 16 anos, Sokolov é actualmente considerado um dos maiores pianistas vivos. É a sua forte personalidade e inspirada imaginação é apoiada por uma técnica exímia em que todos os parâmetros pianísticos surgem elevados a um enorme grau de perfeição. Um apurado sentido estético, que inclui uma plena consciência do universo sonoro que deu origem a cada obra, faz com que Sokolov se transfigure num pianista diferente em cada peça que interpreta.

O seu repertório é amplo, com uma forte preferência por Bach, Beethoven, Chopin, Schubert ou pelos mestres russos. É também dos poucos intérpretes actuais a tocar no piano moderno música intrinsecamente ligada ao cravo como as peças de Byrd, Rameau ou Couperin. Os compositores recentes encontram-se normalmente ausentes, mas para Sokolov toda a boa música é música contemporânea: "Não faço uma divisão entre música contemporânea

Agenda

Sexta 30

Peter Murphy

Ílhavo. Centro Cultural de Ílhavo - Auditório. Av. 25 de Abril, às 21h30. Tel.: 234397260. 20€.

JP Simões

Faro. Centro de Artes Performativas do Algarve (CAPA). R. Frei Lourenço de Santa Maria, 4, às 21h30. Tel.: 289828784. 6€.

Cave + Häsqvarna

Lisboa. Galeria Ze dos Bois. Rua da Barroca, 59 - Bairro Alto. 6ª às 23h00. Tel.: 213430205. 8€.

Cristina Branco

Tomar. Cine-Teatro Paraíso. Rua da Infância, 15 - Edifício Teatro, às 21h30. Tel.: 249329190. 15€.

Rodrigo Leão & Cinema Ensemble

Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96, às 21h30. Tel.: 213240580. 17,5€ a 35€.

Tiguana Bibles + Mocky + Markus Kienzl + Rui Murka

Lisboa. MusicBox. R. Nova do Carvalho, 24 - Cais do Sodré, às 23h30. Tel.: 213430107. 10€.

Jameson Urban Routes 09.

Brad Mehldau Trio

Ponta Delgada. Teatro Micaense. Largo de S. João, às 21h30. Tel.: 296284242. 15€ (dia) a 50€ (passe).

Jazztores.

Sábado 31

Gemma Bertagnolli e Divino Sospiro

Direcção Musical de Enrico Onofri. Lisboa. Centro Cultural de Belém - Pequeno

Auditório. Praça do Império, às 21h. Tel.: 213612400. 12,5€ a 15€.

"The Power Of Music" - encerramento do Ano Häendel.

Ver texto na pág. 22.

Jeanne Balibar

Lisboa. Lux Frágl. Av. Infante D. Henrique, Armazém A, às 23h. Tel.: 218820890.

Ver texto na pág. 24 e segs.

Emiliana Torrini

Guimarães. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701, às 22h. Tel.: 253424700. 15€.

Mariza

Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96, às 22h. Tel.: 213240580. 20€ a 50€.

António Pinho Vargas

Lisboa. Culturgest. R. Arco do Cego - Edifício da CGD - Grande Auditório, às 21h30. Tel.: 217905155. 18€.

Peter Murphy

Lisboa. Aula Magna. Alam. Universidade, às 22h. Tel.: 217967624. 25€ a 35€.

Alexander Pirojenko e Orquestra Nacional do Porto

Direcção Musical de Christoph König. Porto. Casa da Música - Sala Suggia. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 18h. Tel.: 220120220. 16€.

De África aos Alpes. Obras de Henze, Saint-Saëns, Franck e Strauss.

Três Cantos

Com José Mário Branco, Sérgio Godinho, Fausto Bordoalo Dias.

Porto. Coliseu do Porto. R. Passos Manuel, 137, às 21h30. Tel.: 223394947. 15€ a 50€.

The Legendary Tiger Man & Convidados

Portimão. Teatro Municipal de Portimão - Pequeno Auditório. Largo 1.º de Dezembro, às 21h30. Tel.: 282402475. 10€.

Brad Mehldau Trio

Estarreja. Cine-Teatro Municipal de Estarreja. Rua do Visconde de Valdemouro, às 21h30. Tel.: 234811300. 10€ a 16€.

Tora Tora Big Band + OliveTreeDance + Ori Shotnez + Tiago Santos

Lisboa. MusicBox. R. Nova do Carvalho, 24 - Cais do Sodré, à meia-noite. Tel.: 213430107. 10€.

Jameson Urban Routes 09.

Cristina Branco

Estremoz. Teatro Bernardino Ribeiro. Av. 25 de Abril, às 21h30. Tel.: 26833362. 5€ a 10€.

Domingo 1

Steve Reich & Bang On A Can

Lisboa. Centro Cultural de Belém - Grande Auditório. Praça do Império, às 21h. Tel.: 213612400. 8€ a 30€.

Festival Temps d'Images 2009.

Emiliana Torrini

Lisboa. Café Teatro Santiago Alquimista. R. Santiago, 19, às 21h30. Tel.: 218884503. 22€.

Peter Murphy + Lettie

Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque - Sala Suggia, às 22h. Tel.: 220120220. 30€.

Brad Mehldau Trio

Alcobaça. Cine-Teatro de Alcobaça - Grande Auditório. R. Afonso de Albuquerque, às 21h30. Tel.: 262580890. 16€ a 18€.

Mariza

Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96,

às 22h. Tel.: 213240580. 20€ a 50€.

António Pinho Vargas

Lisboa. Culturgest. Rua Arco do Cego - Edifício da CGD - Grande Auditório, às 21h30. Tel.: 217905155. 18€.

Três Cantos

Com José Mário Branco, Sérgio Godinho, Fausto Bordoalo Dias.

Porto. Coliseu do Porto. R. Passos Manuel, 137, às 21h30. Tel.: 223394947. 15€ a 50€.

Segunda 2

Kings of Convenience

Braga. Theatro Circo - Sala Principal. Av. Liberdade, 697, às 21h. Tel.: 253203800. 23€ a 30€.

Terça 3

Skunk Anansie

Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96, às 21h. Tel.: 213240580. 28€.

Mário Laginha e Bernardo Sasseti

Lisboa. Aula Magna. Alam. Universidade, às 21h. Tel.: 217967624. 20€ a 35€.

Quarta 4

Megafone 5 - Homenagem a João Aguardela

Lisboa. Centro Cultural de Belém - Grande Auditório. Praça do Império, às 21h. Tel.: 213612400. 20€.

Ver texto na pág. 18 e segs.

Skunk Anansie

Porto. Coliseu do Porto. R. Passos Manuel, 137, às 21h. Tel.: 223394947. 26€ a 34€.

Kings of Convenience + Javierra Mena

Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96, às 21h. Tel.: 213240580. 20€ a 40€.

Quinta 5

Nico Muhly + Sam Amidon + Ben Frost + Valgeir Sigurðsson

Lisboa. Teatro Municipal Maria Matos - Sala Principal. Av. Frei Miguel Contreiras, 52, às 22h. Tel.: 218438801. 5€ a 12€.

Ver texto na pág. 14 e segs.

Sten Sandell Trio

Com Sten Sandell (piano); voz e electrónica), Johan Berthling (contrabaixo), Paal Nilssen-Love (bateria).

Lisboa. Culturgest - Pequeno Auditório. Rua Arco do Cego - Edifício da CGD, às 21h30. Tel.: 217905155. 5€.

Ciclo Isto É Jazz?

The Original Glenn Miller Orchestra

Direcção Musical de Ray McVay. Porto. Coliseu do Porto. R. Passos Manuel, 137, às 21h. Tel.: 223394947. 15€ a 48€.

Bob da Rage Sense

Lisboa. MusicBox. R. Nova do Carvalho, 24 - Cais do Sodré, às 23h. Tel.: 213430107. 8€ a 12€.

Kings of Convenience



A islandesa Emiliana Torrini em Guimarães no sábado e em Lisboa no domingo

O saxofonista Miguel Zenon em destaque no ciclo de jazz Som da Surpresa 2009, em Oeiras



e música antiga, o único critério é ser música viva ou música morta. Uma peça escrita ontem pode já estar morta e outra escrita há 300 anos pode estar viva”, disse ao Público por ocasião de uma das suas actuações no Festival de Sintra, em 2002.

A sua atitude perante o instrumento encontra-se também próxima da dos intérpretes de outras eras, que dominavam aspectos da construção e cuidavam da manutenção. Conhecedor de todos os segredos do piano, Sokolov sabe mais sobre um Steinway do que qualquer técnico e nunca utiliza um novo piano sem antes observar meticolosamente todos os detalhes do seu funcionamento. Aveso à atmosfera estéril dos estúdios, Sokolov prefere as gravações ao vivo, como forma de captar momentos únicos. Alguns deles foram registados pelas etiquetas Melody e Op. III, centrando-se sobretudo em obras de Bach, Beethoven, Chopin, Brahms, Rachmaninov, Prokofiev, Scriabin, Schubert e Schumann.

novo bop. Com ele tocam Pietro Lossu (piano), Darryl Hall (contrabaixo) e Benjamin Henocq (bateria). Amanhã assinala-se o regresso do trompetista italiano Enrico Rava, um músico que já esteve por diversas vezes em Portugal. Nesta ocasião, Rava apresenta-se com o seu New Quintet, uma formação composta por jovens músicos que integra o magnífico trombonista Gianluca Petrella, um solista de grande

impacto. Completam o quinteto Giovanni Guidi (piano), Pietro Leveratto (contrabaixo) e Fabrizio Sfera (bateria).

No próximo fim-de-semana será a vez do quarteto do saxofonista Miguel Zenon, jovem estrela norte-americana que tem feito uma carreira meteórica marcada pela sua participação nos SF Jazz Collective ou em projectos com Charlie Haden ou David Murray. Com ele vêm Luis Perdomo (piano), Hans Grawischng

(contrabaixo) e Henry Cole (bateria). A fechar, concerto em duo pelos mais distintos “jazzmen” nacionais, Mário Laginha e Bernardo Sasseti, dois instrumentistas que garantem um nível de qualidade e invenção notáveis.

Jazz

Novo bop em Oeiras

O jazz marca de novo presença em Oeiras como uma selecção de peso entre os novos valores da improvisação internacional.

Rodrigo Amado

Som da Surpresa 2009 - Ciclo Internacional de Jazz de Oeiras. Auditório Municipal Ruy de Carvalho - Centro Cívico de Carnaxide. Rua 25 de Abril, lote 5. De 30/10 a 6/11. Às 22h. Tel.: 214170109. 7€.

Dia 30 - Rosario Giuliani Quartet
Dia 31 - Enrico Rava New Quintet
Dia 5 - Miguel Zenon Quartet
Dia 6 - Mário Laginha / Bernardo Sasseti

Oeiras continua a ser um dos municípios que mais investem na divulgação do jazz, apresentando todos os anos uma série de ciclos de qualidade. O Som da Surpresa 2009 apresenta um conjunto fortíssimo de quatro espectáculos, focados essencialmente numa nova geração de músicos que toma como base o jazz tradicional, nomeadamente o be-bop, conferindo-lhe uma saudável modernidade e projectando-o, com força, para este novo século. A abrir a programação, hoje, o quarteto do jovem revelação Rosario Giuliani, um saxofonista alto oriundo de Itália que tem recebido o aplauso unânime dos cultores do

QUI. 22OUT
BEZEGOL
DJ RIDE & THE BEAT BOMBERS
MOTOWN JUNKIE
RMA
MR. MUTE
X-ACTO
RIDE
VIDEOHOUSESTARS

SEX. 23OUT
ANDREYA TRIANA
CIDELLE WITH SPECIAL GUEST THE LEGENDARY TIGER MAN
TM JUKE
MR. BIAD
JPG FROM DALTONIC BROTHERS

SÁB. 24OUT
DILAN
CACIQUE 97
JAZZANOVA
MIKE STELLAR
EDGAR ALBERTO

SEX. 30OUT
TIGUANA BIBLES
MOCKY
MARKUS KEINZL (POPA SURFERS)
RUI MURKA
JPG FROM DALTONIC BROTHERS

SÁB. 31OUT
TORA TORA DIG BAND
OLIVE TREE DANCE
ORI SHOTNEZ (GALVAN BEAT BOX)
TIAGO SANTOS
BUDHIA VJ

09 JAMESON URBAN ROUTES

JAMESON URBAN ROUTES 2009
PROGRAMA: 22, 23, 24, 30, 31 DE OUTUBRO
MUSEU DE LISBOA, RUA DO CARVALHO

ABERTURA DE PORTAS 22.30H
INÍCIO DOS ESPECTÁCULOS 23.30H

BILHETE DIÁRIO
10 EUROS COM OFERTA DE 1 JAMESON
ENTRADA LIVRE - 5ª FEIRA, DIA 24
TICKET INFO: 21 343 01 07. BILHETES À VENDA EM
WWW.BLUETICKET.PT E LOCAIS HABITUAIS

MUSICBOX LISBOA.COM
OFFICE@MUSICBOX LISBOA.COM
RUA NOVA DO CARVALHO, 24

JAMESON

Discos



Espaço Público

No belo ano de 2009, os **Air** decidiram resgatar a canção francesa de um inerecido esquecimento. "Love 2", o novo longa-duração, apresenta os franceses no papel de estilistas da electrónica, conjugando muito estilo

com uma visão futurista do mundo da electrónica colocada ao serviço da música popular - com algum espaço para a experimentação. Está longe do deslumbramento e genialidade do saudoso "Moon Safari", mas

não deixa de merecer o nosso reconhecimento. 7 viagens em balão sobre a bela e iluminada Paris. **Pedro Miguel Silva, Técnico de Comunicação, 35 anos**
Blog: <http://fusco-lusco.blogspot.com>

Clássica

Os imprescindíveis de Savall

Alguns cumes da discografia do catalão.
Cristina Fernandes



Maestros Del Siglo de Oro

La Capella Reial de Catalunya
Hespèrion XX
Jordi Savall (direcção)
Alia Vox Heritage (3 CD)

★★★★★



Farnace, de Vivaldi

Furio Zanasi, Sara Mingardo, Gloria Banditelli e outros (cantores)
Le Concert des Nations
Jordi Savall (direcção)
Naïve - Vivaldi Edition (3 CD)

★★★★★

Em 2007 Jordi Savall iniciou na sua etiqueta Alia Vox a colecção "Heritage", dedicada à reedição remasterizada das melhores gravações que realizou com os seus vários agrupamentos entre 1977 e 1996 na

Astrée. A maior parte delas são preciosidades a ter em conta por quem não possui os discos antigos ou para quem os deseja visitar com melhor qualidade de som. O último álbum da Alia Vox-Heritage reúne três registos extraordinários dedicados a três nomes maiores da polifonia espanhola do Século de Ouro: Cristóbal de Morales (c. 1500-1553), Francisco Guerrero (1528-1599) e Tomás Luis de Victoria (1548-1611).

Do primeiro foi registado o "Officium Defunctorum" e a "Missa Pro Defunctis a 5", do segundo as "Sacrae Cantiones" e de Victoria os "Cantica Beatae Virginis". São das mais belas interpretações de polifonia renascentista e maneirista, combinando um sedutor colorido vocal com uma nobreza expressiva e espiritual, que chega a ser hipnótica. No início dos anos 90, quando foram registadas, estas interpretações não só contrastavam com a abordagem mais asséptica deste repertório pelos grupos ingleses como tinham como novidade a intervenção de instrumentos (violões de gamba, órgão, cornetos e sacabuxas) a dobrar ou a substituir vozes de acordo com a prática musical das catedrais ibéricas nos séculos XVI e XVII. Os três discos são excelentes, mas as versões das obras de Morales, apenas com vozes masculinas, têm uma magia especial.

Uma outra reedição, desta vez da ópera "Farnace", de Vivaldi, realizada por Savall em 2002, surge agora de novo no mercado no âmbito da Edição Vivaldi promovida pela Naïve, que tem por ambição a gravação de todas as óperas do compositor veneziano. É possível que o Projecto Vivaldi não tenha querido investir numa nova leitura da obra por razões de economia,

mas há também que reconhecer que a versão discográfica de Savall, realizada a partir da selecção dos melhores momentos das representações no Teatro de La Zarzuela de Madrid, é empolgante. O maestro catalão não corrigiu em estúdio diferenças de captação sonora decorrentes da posição dos cantores em palco, preferindo a emoção do momento e a ilusão da "performance" ao vivo em lugar de uma perfeição artificial. A espontaneidade, a energia e a teatralidade que emergem desta interpretação são alguns dos seus principais trunfos, assim como um elenco de grande nível, onde sobressaem o barítono Fulvio Zanasi no papel titular e a impressionante contralto Sara Mingardo como Tamiri. Para a Colecção Vivaldi foram suprimidas as sinfonias e árias de Francesco Corselli incluídas na versão interpretada em Madrid em 1739 e anteriormente incluídas por Savall no álbum da Alia Vox.

Páginas de câmara de Joly Braga Santos

Joly Braga Santos

Quarteto com Piano op. 26
Trío com Piano op. 58
Sexteto de Cordas op. 59
Aníbal Lima e Cecília Branco (violinos), Leonor Braga Santos e António José Miranda (violões), Paulo Gaio Lima e Irene Lima (violoncelos), António Rosado (piano)
PortugalSom/Numérica

★★★★★



O valor da produção sinfónica de Joly Braga Santos (1924-1988) é hoje um dado adquirido, mas a música de câmara deste compositor e maestro português permanece inexplicavelmente pouco conhecida. Não há razão para tal, uma vez que possui uma qualidade assinalável. O CD lançado pela PortugalSom (colecção do Ministério da Cultura dedicada à divulgação da música portuguesa, actualmente editada em parceria com a Numérica) é revelador de um talento inspirado e de uma técnica apurada na exploração de pequenos conjuntos instrumentais, onde se reconhece amiúde a veia sinfónica do compositor e o seu característico lirismo.

Foram registadas três obras de períodos diferentes: o Quarteto com Piano op. 26 (1957), o Trío com Piano op. 58 (1985) e o Sexteto de Cordas op. 59 (1986). A primeira distingue-se pela sua luminosa energia e pela condensação da forma, encadeando num todo

um dos exemplos da fase em que Braga Santos explorou sobretudo a escrita modal e contrasta com as restantes peças da gravação, compostas cerca de 30 anos depois e bastante mais arrojadas. Uma linguagem que explora a tensão permanente entre um cromatismo intenso e o diatonismo, a desenvoltura na manipulação da forma e das texturas e um conhecimento profundo das potencialidades de cada instrumento dá origem a uma música em permanente mutação e plena de contrastes, servida por interpretações tecnicamente seguras e apaixonadas a cargo de instrumentistas que conviveram de perto com o compositor, incluindo a sua própria filha (a violetista Leonor Braga Santos). O conjunto demonstra uma boa sintonia, destacando-se e o pianismo afirmativo de António Rosado e o som envolvente dos violoncelos (Irene Lima e Paulo Gaio Lima). C.F.

Pop

Abaixo os capitães da indústria

Um maravilhoso "álbum perdido" dos Prefab Sprout.
Jorge Mourinha

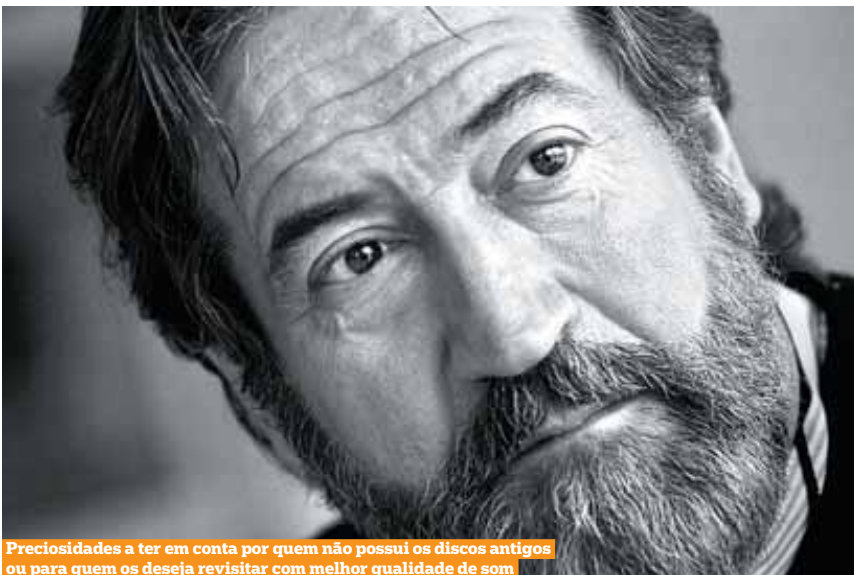
Prefab Sprout

Let's Change the World with Music
Kitchenware

★★★★★



É por causa de decisões como esta que a indústria está de rastos: quando, em 1993, Paddy McAloon eminência parda dos incontornáveis Prefab Sprout, mostrou este disco de "gospel transcendente" onde se tinha posto de alma e coração aos responsáveis de A&R da Sony, levou com uns quantos narizes retorcidos. Os A&R deviam com certeza estar com os ouvidos noutro lado (possivelmente nos Excels financeiros que garantissem mais um hit global) e não no requinte pop das canções que estavam na maquete. E McAloon, que para além de escrever canções maravilhosas como quem nunca fez outra coisa na vida, nunca se mostrou especialmente interessado em jogar o jogo de acordo com as regras, por uma vez ligou ao que a editora lhe disse e atirou "Let's Change the World with Music" para a prateleira, tornando-o numa espécie de equivalente



Preciosidades a ter em conta por quem não possui os discos antigos ou para quem os deseja visitar com melhor qualidade de som

O valor da produção sinfónica de Joly Braga Santos é hoje um dado adquirido, mas a sua música de câmara permanece pouco conhecida



próprio (passe a comparação forçosamente abusiva) do mítico "Smile" de Brian Wilson que tanto o fascinara em adolescente.

O que apenas confirma como estas onze canções são, de facto (para citar, entre muitos outros, Tom Waits), "the one that got away". A quinze anos de distância, e mesmo na forma original de maqueta gravada em solo absoluto (à qual o mestre Calum Malcolm deu só uma aparadela), o que aqui temos é uma pérola absoluta de artesanato pop tradicional. Um ciclo de canções sobre a redenção espiritual através das religiões transcendentemente pagãs do amor e da música, muito mais próximo do standard popular americano (Irving Berlin é, aliás, citado abertamente) do qual, aliás, McAloon sempre se sentiu muito mais próximo do que dos seus contemporâneos. E, mesmo sendo uma maqueta pontualmente marcada por aproximações sintetizadas foleiras, todo o mapa sonoro de gloriosas catedrais de sofisticação pop que o produtor Thomas Dolby lhe iria sobrepôr em seguida já estava aqui definido em diagrama técnico à espera dos operários que as viessem construir.

Evocando a cada esquina a sofisticação pop das obras-primas "Steve McQueen" e "From Langley Park to Memphis" mas já a dirigir-se para a suspensão etérea do posterior "Andromeda Heights", parece-nos ali estamos quase a ouvir a voz etérea de Wendy Smith a fazer coros, virando a esquina damos por mais uma daquelas "silly love songs" improvavelmente eruditas de que McAloon tem o segredo ("Last of the Great Romantics", onde o Jay Gatsby de F. Scott Fitzgerald é chutado para canto, ou "Music Is a Princess", onde Oliver Twist e a Gata Borralhadeira vivem infelizes para todo o sempre), e quando os últimos acordes de "Angel of Love" terminam somos compelidos a voltar ao princípio do disco como já não éramos desde... quando mesmo é que os Prefab Sprout fizeram um disco pela última vez?

McAloon arrumou a maqueta, Dolby não lhe poria os ouvidos em cima e os Prefab Sprout foram lentamente enferrujando à medida que a bulimia criativa do seu principal compositor, afectada por uma série de problemas primeiro de visão e depois de audição, se remetia a um silêncio do qual apenas a espaços surgiam notícias (dois álbuns, "Andromeda Heights" em 1997 e "The Gunman and Other Stories" em 2001, um terceiro em nome próprio, "I Trawl the Megahertz", em 2003, e pontuais canções cedidas a outros). E "Let's Change the World with Music" apenas vê a luz do dia porque Keith Armstrong, o manager de sempre, decidiu pôr os royalties a mexer — o que nos leva a prostrarmo-nos de



Prefab Sprout: a quinze anos de distância, e mesmo na forma original de maqueta gravada em solo absoluto, o que aqui temos é uma pérola absoluta de artesanato pop tradicional

admiração e contribuir euforicamente para o PPR correndo à loja online preferida (porque o disco, até ver e escandalosamente,

não está cá distribuído).

Sintetizando, "Let's Change the World with Music" é um triunfo. Improvável, mas um triunfo.

Porque é que ele não parte tudo?

David Fonseca
Between Waves
Universal

★★★★☆

O único problema de "Between Waves" surge quando David Fonseca envereda pela proto-baladas: "(Baby)



all I ever wanted", "U know who I am", "It's just a dream II" ou "Little things II" não são mal

escritas, mas a voz não nos convence que haja ali verdadeira fundura. Tirando isso, é possível que o ex-líder dos Silence 4 tenha escrito o seu melhor disco, criando uma folk-pop onírica e psicadélica quase sempre melodicamente eficaz, como é →

ABSOLUT.COM

INTRODUCING THE LIMITED ABSOLUT VODKA ROCK EDITION BOTTLE



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO. WWW.BEBACOMABECA.PT.
CORK, CORKER, CORKER'S, CORKER'S BOTTLE, ABSOLUT, ABSOLUT BOTTLE DESIGN AND ALL OTHER ABSOLUT TRADEMARKS OWNED BY V&S VIN & SPIRIT, ABV. ©2009 V&S VIN & SPIRIT, ABV.

IN AN ABSOLUT WORLD*

You're With The Band

a Vision from

DANNY CLINCH

Featuring **WOLFMOTHER & THE ABSOLUT ROCK EDITION BOTTLE**

*NO MUNDO ABSOLUT, FAZES PARTE DA BANDA



Talvez um pouco demasiado auto-consciente dos seus truques

← comprovável na óptima "There's nothing wrong with us", que abre com uma frase de xilofone, vai por aí fora disparada em registo power-pop, engorda com órgãos e mais órgãos adicionados até um final explosivo. Há jóias como "Walk away when you're winning", em que uma figura de guitarra cria a impressão de estarmos no meio do Hawai a beber leite de coco, antes de metais e bateria em marcha militar entrarem em registo épico. Há citações ao David Byrne pós-Talking Heads, aos Kinks ("Stop 4 a minute"), aos Buggles ("Morning tide"), há órgãos, harmónicas, acordeões, metais, cordas (como no belo single "A cry for love"), tudo o que seja necessário para engrandecer as canções. É um bom disco pop, pejado de arranjos imaginativos e, quando muito, talvez um pouco demasiado auto-consciente dos seus truques.

João Bonifácio

Michael Jackson

This Is It
Sonu BMG
Sony Music

★★★★☆



"This Is It", o filme, já está em sala e por lá se manterá durante curtas duas semanas. Com ele, a promotora dos concertos londrinos, cancelados pela morte de Jackson, pretende recuperar o avultado investimento no evento.



... estratégia comercial, "This Is It" é inatacável; ... objecto musical, é irrelevante

Copland e Peacock conjugam as suas respectivas artes numa interacção profunda

● Mau ★ Mediocre ★★ Razão ★★★ Excelente

KONSTANTIN KERN

Quando ao álbum editado em paralelo, anunciado como banda sonora do filme, pouco há a dizer.

Já existem no mercado "Ultimate Collections" dedicados a Michael Jackson. Existe "HIStory", existem colectâneas do período Jackson 5 e da carreira a solo. "This Is It", desligada do seu contexto peculiar - o único que a justifica comercialmente -, não tem razão para existir. Privilegia o período pós-"Off The Wall", agrupando pérolas como "Wanna be startin' somethin'" a inanidades como "Earth song", clássicos como "Beat it" ou "Smooth criminal" às menos célebres "Shake your body" (dos Jacksons, ano 1978, álbum "Destiny") ou "I just can't stop loving you" (balada banal que foi single em 1987).

Como chamariz, "This Is It" apresenta a canção que lhe dá título, o inédito que era, afinal, uma parceria com Paul Anka que este oferecera, em 1991, à obscura cantora Sa Fire - uma boa balada soul, com coro imponente e guitarra picada. Para dar uns ares de "edição especial", surge um segundo CD de quatro faixas - curtíssimo portanto. Uma demo acústico de "She's out of my life", uma outra de "Wanna be startin' somethin'", uma "Beat It" despedida às harmonias vocais e, para despedida, Jackson recitando "Planet earth", "poema" inédito que, pelas rimas de trabalho sobre ecologia feito na escola secundária, deveria ter-se mantido enquanto tal. Convenhamos que é pouco, muito pouco, para o barulho que se vem fazendo à sua volta.

Como estratégia comercial, "This Is It" é inatacável - em linguagem

publicitária moderna, digamos que "venderá como 'hot dogs'". Enquanto objecto musical, é irrelevante. M.L.

Richard Hawley
Truelover's Gutter
Mute; distri. EMI

★★★★☆



O primeiro grande disco de Richard Hawley, "Coles Corner", de 2005, era uma homenagem à década que

instituiu definitivamente a noção de canção clássica antes de ser atirada para o oblivio pelo nascimento do rock'n'roll: a de 50. Era o disco que Roy Orbison teria feito se o seu romantismo negro e rubro não tivesse nascido do grande "white trash" americano mas sim da "working class" inglesa: excessivo mas macerado pela culpa e pelo remorso, e simultaneamente tão contido como uma beata a medir o nível de chá na chávena. Depois daquele conjunto de canções arrançadas com a delicadeza de um Burt Bacharach literato, Hawley atirou-se ao rockabilly em "Lady's Bridge". Agora regressa ao registo que mais convém à sua voz de barítono: lentas canções talhadas com mesura e adornadas com a sagesa dos sobreviventes que preferiram a humanidade à amargura. Mas há mudanças de tomo e para as perceber basta comparar a epitome de "Coles Corner", "The ocean", com o seu correspondente de 2009, "Open up the door". Onde "The Ocean" era tudo cordas sumptuosas como vagas quebrando junto aos nossos ouvidos e provocava um arrepio imediato, "Open up your door" usa as cordas de forma mais subtil e em vez de ondas que nos ultrapassam, tudo crepita lentamente, enquanto instrumentos inusitados (vibrações, campainhas, guitarras espanholas, etc) trazem à faixa uma fantasmagoria que ele nunca tinha alcançado. É essa a marca do disco: o uso de instrumentos esquecidos até pelos seus inventores: "glass harmonicas", "cristal baschets", um dulmicer, "pipe organs", etc. Os instrumentos de vidro trazem um ambiente espectral a faixas que, na essência, são country duvidoso, despojos de

jukeboxes, sublinhando ainda mais o negrume de um disco marcado pela morte do pai de Hawley. Há discos que não inventam novos mundos, antes funcionam como calafetagem: isolam portas e janelas de modo que a nossa casa se torne o mundo inteiro. E "Truelover's Gutter" é a mais bela calafetagem deste ano. J.B.

The Cave Singers

Welcome Joy
Matador, distri. EMI-Music

★★★★☆



Soa familiar e ao mesmo tempo estranho, portanto, estranhamente familiar este

segundo álbum dos Cave Singers. São um trio formado por gente originária de bandas punk do circuito de Seattle, que ao juntarem-se inflectiram para a folk em versão mais ou menos indie. Estrearam-se há dois anos atrás com um "Invitation Songs", que invocava os sons ancestrais da América rural. Essa referência é ainda dominante em "Welcome Joy" que, no entanto, inflecte frequentemente para o rock ácido/hard, que fez época na segunda metade dos anos 60. O cantor Peter Quirk assume um registo afectado e andrógino, que soa como um cruzamento de Devendra Banhart com John Forgery dos Creedence Clearwater Revival. A instrumentação é esparsa, à base das guitarras de Quirk e de Derek Fudesco, acompanhados pelos ritmos de pandeireta de Marty Lund. As melodias reflectem o clássico modelo twangy sulista, com um acento mais folk aqui, mais eléctrico ali, um pouco country acolá. É toda uma paleta de variações, de resto muito convincentes, sobre o clássico guião "americana". Mas há mais, muito mais que reverência pelas glórias de outros tempos em

"Welcome Joy - um disco do qual se vai desprendendo uma ambiência bizarra, próxima da farsa tripada, do culto religioso marado, ou dalguma espécie de visão alucinada da América profunda. Mas o trio nunca resvala para a caricatura, como nunca desliza para a consagração mística, preferindo antes levar a extremo o culto da ambivalência. Pode ser premeditado, mas também pode ser que eles mesmos não saibam para que lado cair, o certo é que esta indeterminação produz um punhado de canções notáveis. "Welcome Joy" é o género de disco

que se começa a ouvir como um desafio e quando menos se espera já se entranhou, mesmo se o enigma acaba por nunca se resolver.

Luís Maio

Jazz

Arte do duo

Dois dos grandes mestres do jazz, Gary Peacock e Marc Copland, abrem nova janela sobre os mecanismos ocultos da nobre arte do duo. Rodrigo Amado

Gary Peacock / Marc Copland
Insight
Pirouet, dist. Mbari

★★★★☆



Após uma bem sucedida série de gravações em trio, intitulada New York Trio Recordings, o

pianista Marc Copland edita de novo na Pirouet, desta vez em duo com Gary Peacock, mestre absoluto do contraabaixo que participara já em dois dos volumes da referida série, e com o qual gravou, em 2004, um outro registo de duetos, "What it Says" (Sketch). Um encontro partilhado por dois músicos que possuem como características comuns uma particular subtilidade, harmónica e melódica, e uma elegância clássica que se encontra, progressivamente, em vias de extinção. Associada a estas características, surge no entanto uma outra que faz toda a diferença do mundo - um gosto partilhado pela aventura musical e pelo risco. Um risco que é tomado nos mais pequenos detalhes, tornando a música vibrante e intemporal. Logo no primeiro tema, o clássico "All blues" de Miles Davis, o contraabaixo de Peacock surge possante, estabelecendo um andamento rápido que é depois agarrado com contenção por Copland, num jogo de contrastes que injecta nova vida num dos "standards" mais tocados de sempre. Mais à frente, num dos temas totalmente improvisados, "Rush hour", o duo mergulha fundo num intenso caleidoscópio impressionista que faz do ritmo matéria prima para as elaborações sofisticadas de ambos. Ao longo dos treze temas do disco, oito deles da autoria dos músicos, Copland e Peacock conjugam as suas respectivas artes numa interacção profunda com ligação directa à alma das canções, proporcionando-nos um olhar privilegiado, um autêntico "insight", sobre a verdadeira arte do duo.

ESPAÇO GESTO
31 Outubro 2009
23h Estreia em Portugal do vídeo de Michele Putorti
24h Inauguração da instalação em exibição até 30 de Novembro (Seg a Sáb)

GESTO
Cooperativa Cultural
R. Cândido dos Reis, 64
Porto

Visões Úteis
O Visões Úteis é uma estrutura financiada por

XUNTA DE GALICIA | fundación cidade da cultura de galicia | MJC | dgARTES

Richard Hawley: há discos que não inventam novos mundos, antes funcionam como calafetagem: isolam portas e janelas de modo que a nossa casa se torne o mundo inteiro

Cinema

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.



Willis é imbatível neste tipo de papéis de "gajo porreiro e profissional que não gosta que o tomem por parvo e não tem problemas em ir às trombas quando convém"

Estreiam

Olha os robôs

Um policial futurista com alma de série B clássica e ideias de ficção-científica anos 1970. **Jorge Mourinha**

Os Substitutos Surrogates

De Jonathan Mostow, com Bruce Willis, Radha Mitchell, Rosamund Pike. M/12

★★★★☆

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h30, 18h20, 21h50 6ª 15h30, 18h20, 21h50, 00h15 Sábado 12h50, 15h30, 18h20, 21h50, 00h15 Domingo 12h50, 15h30, 18h20, 21h50; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 15h40, 18h30, 21h30, 00h15; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 3: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h40, 15h35, 17h35, 19h35, 21h55, 23h55 Sábado Domingo 13h40, 17h35, 19h35, 21h55, 23h55; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 2: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h50, 15h50, 17h50, 19h50, 21h50, 00h05 Sábado Domingo 11h50, 13h50, 15h50, 17h50, 19h50, 21h50, 00h05; Medeira Saldanha Residence: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 12: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h30, 19h, 21h55, 00h10 Domingo 11h30, 14h20, 16h30, 19h, 21h55, 00h10; UCI Dolce Vita Tejo: Sala 10: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h20; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h35, 15h40, 18h, 21h10, 23h30; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h20, 18h50, 21h40, 00h20; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h10, 17h20, 19h30, 21h40, 24h; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h15, 17h30,

19h40, 21h50, 00h10; ZON Lusomundo Dolce Vita Miraflora: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h30, 18h30, 21h30 6ª Sábado 15h30, 18h30, 21h30, 00h30; ZON Lusomundo Oliveira Parque: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h30, 18h20, 21h30 6ª 15h30, 18h20, 21h30, 23h50 Sábado 13h, 15h30, 18h20, 21h30, 23h50 Domingo 13h, 15h30, 18h20, 21h30, ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h10, 17h30, 19h40, 21h50, 00h25; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h15, 18h45, 21h30, 23h55; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h20, 17h30, 19h40, 21h50, 24h; Castelo Lopes - C. C. Jumbo: Sala 3: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h20, 21h40 6ª 15h40, 18h20, 21h40, 00h10 Sábado 13h10, 15h40, 18h20, 21h40, 00h10 Domingo 13h10, 15h40, 18h20, 21h40, 00h10; Castelo Lopes - Fórum Barreiro: Sala 2: 5ª 2ª 3ª 4ª 16h, 18h40, 21h55 6ª 16h, 18h40, 21h5, 23h50 Sábado 13h10, 16h, 18h40, 21h15, 23h50 Domingo 13h10, 16h, 18h40, 21h15, Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 2: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 15h50, 18h50, 21h20, 23h50 Sábado Domingo 13h20, 15h50, 18h50, 21h20, 23h50; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h20, 18h, 21h20, 23h50; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h10, 18h30, 21h40, 24h;

Porto: Arrábida 20: Sala 16: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h40, 15h45, 17h55, 20h05, 22h15, 00h35 3ª 4ª 15h45, 17h55, 20h05, 22h15, 00h35; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h30, 17h45, 20h, 22h15, 00h30; ZON Lusomundo GaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h40, 18h30, 21h40 6ª Sábado 13h10, 15h40, 18h30, 21h40, 00h30; ZON Lusomundo MaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h10, 18h35, 21h30 6ª Sábado 13h40, 16h10, 18h35, 21h30, 24h; ZON Lusomundo MarshShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h40, 18h10, 21h20, 23h40; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h, 17h30, 19h50, 22h20, 00h40; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h10, 18h30, 21h30, 23h50; Castelo Lopes - 8ª Avenida: Sala 3: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h40, 21h40 6ª 15h40, 18h40, 21h40, 23h50 Sábado 12h50, 15h40, 18h40, 21h40, 23h50 Domingo 12h50, 15h40, 18h40, 21h40; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h30, 18h50, 21h20 6ª Sábado 14h10, 16h30, 18h50, 21h20, 23h40; ZON Lusomundo Glacianis: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h40, 19h, 21h30, 23h50;

Há dois anos, Bruce Willis regressou à personagem de John McClane, o polícia nova-iorquino com o condão de estar no sítio certo na hora errada, para um quarto episódio da saga "Die Hard" que colocava a tecnologia no centro das atenções, com o terrorista de serviço a desactivar a infraestrutura electrónica dos EUA. O filme de Len Wiseman trazia um cheirinho anos 1970 no modo como construía uma história paralela de "thriller" paranóico à volta dessa sensação (tão americana pós-11/9) de um tapete tirado inesperadamente debaixo dos pés.

Agora, "Os Substitutos" coloca outra vez Willis no centro de uma história cujos ecos de ficção científica são assustadoramente próximos dos nossos dias e que volta a colocar as infraestruturas electrónicas (e, neste caso, a imersão em realidades virtuais) no centro do debate, de novo usando os anos 1970 como ponto de referência. A palavra certa para descrever o filme de Jonathan Mostow (autor do terceiro "Exterminador Implacável") é "derivativo", cruzando elementos do seminal "O Mundo do Oeste" de Michael Crichton e de outras ficções apocalípticas dos anos 1970 como "À Beira do Fim", de Richard Fleischer, as "Stepford Wives" originais de Bryan Forbes ou "Fuga no Século XXIII", de Michael Anderson, com as preocupações mais recentes do "Blade Runner" de Ridley Scott ou do "Eu, Robot" de Alex Proyas.

Num presente futurista alternativo, o mundo reduziu-se a um enorme parque virtual percorrido pelos "substitutos", andróides controlados via computador por uma humanidade que vive agora fechada em casa, vindo por procuração através destes avatares cibernéticos personalizados e praticamente invulneráveis. Um mundo perfeito onde o crime foi eliminado, toda a gente é bela e elegante, e apenas escassas bolsas de humanos se recusam a viver na rede, liderados por um profeta místico e remetidos para "reservas" onde as máquinas não são autorizadas. Até ao momento em que surge uma arma que permite, em simultâneo, destruir os substitutos e matar os seus "operadores" ao mesmo tempo, e um

agente do FBI se vê obrigado a sair, literalmente, à rua para desvendar o crime que pode fazer ruir este mundo perfeito.

"Derivativo" é coisa que "Os Substitutos" é claramente, até na sua estrutura narrativa codificada e previsível, no anonimato funcional com que é filmado e montado. Mas é, ao mesmo tempo, um objecto despretensioso e eficaz, que não tem ambições de fazer o depoimento definitivo sobre os riscos da tecnologia e prefere usar esse discurso como pano de fundo e subtexto de um policial futurista que não perde tempo com rodriguinhos, vai direito ao assunto e não toma os espectadores por broncos. Isso vê-se no modo como Mostow vai deixando discretamente pormenores que nunca distraem da narrativa central mas são outras tantas pistas para o "lado negro" deste mundo muito menos perfeito do que parece, na inteligência com que o filme se compraz no seu estatuto de série B despachada conceptual mas, depois, deixa a pairar questões sobre a dependência (emocional e profissional) cada vez maior do computador e dos avatares cibernéticos, sempre sem perder de vista que estamos num entretenimento. Willis é imbatível neste tipo de papéis (de "gajo porreiro e profissional que não gosta que o tomem por parvo e não tem problemas em ir às trombas quando convém") e, embora o seu Tom Greer não lhe peça mais do que isso, o actor injecta subrepticamente um cansaço existencial que torna a personagem muito menos arquetípica do que parece e permite ao espectador fazer a ligação emocional com esta história que o falecido Michael Crichton não teria desenhado assinar.

E assim uma fitazinha destinada ao estatuto de "blockbuster" de massas se revela um objecto muito mais inteligente e intrigante do que a primeira impressão daria a entender e diz muito mais sobre o mundo em que vivemos do que pensaríamos. Fossem as grandes produções de Hollywood todas assim e as coisas não andaríamos tão más por aqueles lados (e será por acaso que "Os Substitutos" foi um fracasso de bilheteira nos EUA?).



ARTISTAS PERMANENTES
Artur Bual, Alfredo Luz
Cruzeiro Seixas, Cargaleiro
M. Cesariny, Júlio Pomar
João Feijó, José Guimarães
Graça Morais, Salvador Dali
Noronha da Costa, Paula Rego
Nadir Afonso, Júlio Resende



E-mail: geral@galeria-actual.com

entre outros,

www.galeria-actual.com

Av. da República, 12 A - r/c, 1050-191 Lisboa , Cont: 21 400 25 49 / 917 049 876

do que para a música, para a dança, como se vê nos momentos em que corrige o coreógrafo, o director musical, os dançarinos e toma as rédeas. O problema é que esses flashes de energia apenas sublinham como "This Is It" se resume a uma visita guiada a um museu que acabou de ser renovado mas que ganhou no interim algo de mausoléu, gerido por uma indústria que necessita de rendibilizar uma caríssima produção de palco que acabou por nunca ir a cena, e restabelecer as finanças da organização. Quando o DVD sair podemos olhar para "This Is It" de outro modo. Agora, dificilmente conseguimos vê-lo como mais do que uma jogada de marketing.

Jorge Mourinha

BirdWatchers

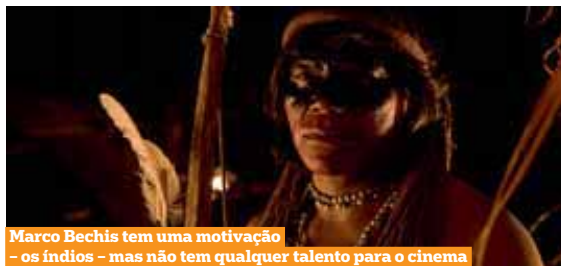
De Marco Bechis, com Claudio Santamaria, Alicélia Batista Cabreira, Chiara Caselli. M/12



Lisboa: Medeia King; Sala 1: 5ª Domingo 3ª 4ª 13h40, 15h45, 17h50, 19h55, 22h 6ª Sábado 2ª 13h40, 15h45, 17h50, 19h55, 22h, 00h30

Alguns dos grandes filmes da História são filmes mal intencionados (e sobre más intenções). Uma coisa que os filme bem intencionados, ao serviço de uma "causa" ou de uma "mensagem", têm dificuldade em perceber é que isso não os dispensa de serem uma experiência estética. Sempre e inevitavelmente, como qualquer filme feito com qualquer propósito. "Birdwatchers", filme que um realizador chileno-italiano foi rodar ao Brasil com o fito de nos alertar para a dramática condição dos índios Guarani (uma legenda do generico final fala em genocídio), é um caso típico. Marco Bechis tem uma motivação mas não tem - por esta amostra - qualquer talento para

o cinema. É um filme académico, formalmente fastidioso e de vez em quando muito irritante (quando a câmara começa a tremer e a rodopiar em torno dos actores), incapaz de ter personagens em vez de estereótipos - um grupo de Guarani que quer reaver as suas terras tradicionais, agora ocupadas por fazendeiros brancos. O facto de estes também já terem criado uma ideia de "ancestralidade" ligada às mesmas terras dá um daqueles conflitos que alimentaram dúzias de "westerns". Totalmente desaproveitado aqui, tão planas são todas as personagens, índios ou brancos. Cumprida a missão de "alertar" para a situação dos Guarani, o filme convida o



Marco Bechis tem uma motivação - os índios - mas não tem qualquer talento para o cinema

MUSEU DO FADO
grupo cassefaz apresenta
45ª produção
Amália em Nova Iorque
de Vicente Alves do Ó
Um espectáculo de e com Maria José Paschoal
A partir de 30 de Outubro
Novo Teatro, Lisboa, 18h30 e 22h00 Domingo 18h30 e 22h00
Reservas e Informações: Cassefaz, Tel. 21 342 0134 / 91 00 90 91 / www.cassefaz.com, Museu do Fado, Tel. 21 342 0134 / www.museudofado.pt
A CASSEFAZ É UMA ENTIDADE FINANCIADA PELO MINISTÉRIO DA CULTURA / INLRAIS
MUSEU DO FADO
EGEAC
Lirbea

espetaculocultura
MARCELO D2
A BATE DO BARULHO - NOVO CO
Primeira parte
RUAS
"ESPETÁCULO DO FADO"
PAUVILHÃO DOS LOMBOS
CARCAVELOS
13 DE NOVEMBRO
Bilhetes à venda: Locais habituais e no dia do espectáculo no local a partir das 15:00h
SIC, TVP, SURF, Destak

YAMANDÚ COSTA
Simple, criativo, comunicativo, absolutamente genial
Nuno Pacheco in Público
Participação especial
PEDRO JÓIA
A mestria da guitarra por dois grandes talentos
CCB | 24 Novembro 21h
Bilhetes à venda: Nos locais habituais

Cinemateca Portuguesa R. Barata Salgueiro, 39 Lisboa. Tel. 213596200

Sexta, 30
Gente de Dublin The Dead
De John Huston
19h - Sala Félix Ribeiro
Stavisky
De Alain Resnais
15h30 - Sala Félix Ribeiro
Ne Change Rien
De Pedro Costa
21h30 - Sala Félix Ribeiro
Os Respiadores e a Respiadora
Les Glaneurs et la Glaneuse
De Agnès Varda
19h30 - Sala Luís de Pina
Les Antiquités de Rome
De Jean-Claude Rousseau
22h (em complemento, a curta: Keep in Touch, de Jean-Claude Rousseau) - Sala Luís de Pina

De Richard Quine
15h30 - Sala Félix Ribeiro
Anna Magnani
De Luchino Visconti
19h (em complemento, as curtas: Appunti sul un fatto di cronaca e Alla ricerca de tazio, Luchino Visconti) - Sala Félix Ribeiro
O Tesouro de Arne
Herr Arnes Pengar
De Mauritz Stiller
19h30 - Sala Luís de Pina
Le Corbeau
De Henri-Georges Clouzot
22h - Sala Luís de Pina
Segunda, 2
Dumbo
De Ben Sharpsteen
19h - Sala Félix Ribeiro
Duas Causas
Virginia City
De Michael Curtiz
15h30 - Sala Félix Ribeiro
L'Idiot
De Pierre Léon
21h30 - Sala Félix Ribeiro
The Illiac Passions
De Gregory J. Markopoulos
19h30 (em complemento, a curta: Through a Lens Brightly: Mark Turbyfill, de Gregory Markopoulos) - Sala Luís de Pina
Traição Inverso
De Augusto Fraga
22h - Sala Luís de Pina

19h - Sala Félix Ribeiro
O Homem na Pele da Serpente
The Fugitive Kind
De Sidney Lumet
15h30 - Sala Félix Ribeiro
Mange ta Soupe
De Mathieu Amalric
21h30 - Sala Félix Ribeiro
Antígona
Antigone
De Danièle Huillet, Jean-Marie Straub
22h - Sala Luís de Pina
You and Me
De Fritz Lang
19h30 (em complemento Os Mistérios de um Cabelleiro, de Bertold Brecht e Erich Engel) - Sala Luís de Pina
Quarta, 4
Sem Eira nem Beira
Sans Toit ni Loi
De Agnès Varda
21h30 - Sala Félix Ribeiro
Merlín
De Adolfo Arrieta
19h (em complemento, a curta: El Crimen de la Pirindola, de Adolfo Arrieta) - Sala Félix Ribeiro
Inconquistáveis
Unconquered
De Cecil B. DeMille
15h30 - Sala Félix Ribeiro

Sábado, 31
Maridos Husbands
De John Cassavetes
21h30 - Sala Félix Ribeiro
Tentação Loira
Pushover

Terça, 3
Stars in My Crown
De Jacques Tourneur

Cega Paixão
On Dangerous Ground
De Nicholas Ray
19h30 - Sala Luís de Pina
A Comédia de Deus
De João César Monteiro
22h - Sala Luís de Pina



Sem Eira nem Beira



Whitacre/Damon é um negativo nada glamoroso dos patifes que povoam muito cinema americano e o cinema do Soderbergh da série Ocean's

← espectador, noutra legenda do final, a enviar donativos para um endereço electrónico. Alberto Cavalcanti dizia: se tem uma mensagem para passar em vez de fazer um filme mande uma carta. Quando chega essa legenda dos donativos pensamos que Bechis quis ter o melhor dos dois mundos (o filme e a carta) e inventou uma espécie de "cinema spam".
Luís Miguel Oliveira

Continuam

O Delator!
The Informant!
De Steven Soderbergh,
com **Matt Damon, Lucas McHugh Carroll, Eddie Jemison, Melanie Lynskey.** M/12

★★★★☆

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 3: 5ª 2ª 3ª 4ª 16h, 18h50, 21h20 6ª 16h, 18h50, 21h20, 24h Sábado 13h20, 16h, 18h50, 21h20, 24h Domingo 13h20, 16h, 18h50, 21h20; Castelo Lopes - Londres: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 14h15, 16h45, 19h15 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h45, 19h15, 21h45; Castelo Lopes - Laurs Shopping: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h10, 21h, 23h30; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h35, 17h55, 20h, 22h05, 00h10; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 7: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h15, 18h30, 21h30, 23h40 Sábado Domingo 12h05, 14h10, 16h15, 18h30, 21h30, 23h40; Medeia Monumental: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h40, 19h10, 21h40, 00h15; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 14: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h05, 16h30, 18h50, 21h35, 00h05 Domingo 11h30, 14h05, 16h30, 18h50, 21h35, 00h05; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h20, 21h10, 23h40; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h30, 21h30, 00h05; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h50, 18h40, 21h20, 00h10; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h05, 18h35, 21h10, 23h45;

Porto: Arrábida 20: Sala 13: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h, 16h25, 18h55, 21h30, 00h05 3ª 4ª 16h25, 18h55, 21h30, 00h05; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h20, 22h, 00h35; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h30, 21h30, 00h25;

A leitura de "O Delator" - história, verdadeira, de Mark Whitacre, bioquímico de uma multinacional que nos anos 90 colaborou com o FBI na denúncia de práticas fraudulentas da sua empresa - como um filme da crise, como filme sobre o fim de um sistema tal como o conhecíamos, foi proposta a Soderbergh (no Festival de Veneza). Que não se riu, mas chamou a atenção deste facto: o projecto é de 2001. Portanto, assumiu, a conexão é acidental, por mais benéfico que seja para o filme dar-se a ver como espelho da doença que alastrou pela "corporate America". Vê-se pelo genérico luxuriante - o tom 70s na banda sonora é da autoria de Marvin Hamlisch - que Soderbergh está em modo de reescrita, e mais interessado nos exercícios de uma personagem, alguém que, veio a descobrir-se, se construiu a si próprio como ficção, envolvendo a sua vida em mentiras, ele próprio agente activo de práticas de fraude. Whitacre (Matt Damon) era um maníaco-depressivo e Whitacre/Damon é um negativo nada glamoroso dos patifes que povoam muito cinema americano e o cinema do Soderbergh da série Ocean's. É uma comédia negra fantástica (ao contrário do que aconteceu em "Erin Brokovich", Soderbergh não quis fazer pesquisa junto de quem conheceu uma personagem real...), é um daqueles exercícios "menores"

mas enérgicos deste realizador "de segunda" - não é juízo de valor, é a forma como Soderbergh se coloca perante quem chegou antes dele. Note-se o duelo entre imagem e som, a sabotagem permanente, que nos vai dando indícios do mal-estar de uma personagem - agora acrescentamos: e de uma época.
Vasco Câmara

Morrer Como Um Homem
De João Pedro Rodrigues,
com **Alexander David, Gonçalo Ferreira De Almeida, Jenni La Rue.** M/18

★★★★☆

Lisboa: Medeia Monumental: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h45, 16h20, 18h55, 21h30, 24h; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 2ª 3ª 4ª 13h55, 17h, 21h15 6ª Sábado Domingo 13h55, 17h, 21h15, 00h10;

Porto: Arrábida 20: Sala 8: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 19h10, 00h35; Medeia Cidade do Porto: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h30;

Quando "Morrer como um Homem" parte em viagem, com Variações no carro e em direcção a Baby Dee no bosque, João Pedro Rodrigues aventura-se: é o pedaço mais livre da sua obra, um pedaço de cinema que vem do "underground", na estética, no gesto, na desarmante frontalidade de tudo... (É uma ilha de afectos - por ali andam os fantasmas de Fassbinder, Anger, Jack Smith...) À volta desta ilha, em que uma personagem, Tonia, tem o seu momento de encantamento e perdição, uma Alice que espregueia o lado de lá do espelho (como em "O Fantasma", primeira longa do realizador), está o resto do filme: menos abstracto, enrolado numa dramaturgia que se coloca sempre à frente das personagens, quando não fora delas - por isso há mais convenções de escrita do que figuras habitadas. Mas se nisso "Morrer como um Homem" pisa os caminhos de "Odetta", a segunda longa do realizador, escolhemos ficar dentro da "ilha" (quase um filme dentro do filme...), esse tira-teimas existencial onde um corpo que se construiu, o travesti Tonia, se confronta com a natureza e é desafiado, encantado e, finalmente, derrotado por ela - uma tragédia portuguesa, triste como o fado, de contornos menos olímpicos e ofegantes do que a das personagens, por exemplo, de David Cronenberg, sempre ávidas da superação dos seus limites, da sua natureza. V.C.

DVD

Cinema

Lembram-se de Jean Vigo?

A obra do crítico brasileiro Paulo Emilio anda a ser reeditada e é nesse contexto que surge esta caixa: dois livros sobre Vigo, um dos quais a mais completa monografia sobre o cineasta francês, acompanhados pela obra. **Luís Miguel Oliveira**

Caixa Paulo Emilio / Jean Vigo
Cosac Naify, <http://editora.cosacnaify.com.br/Loja/>

★★★★☆

Extras

★★★★☆



A edição de que aqui tratamos refere-se a Jean Vigo, mas tem outro protagonista que importa destacar. Paulo Emilio de Sales Gomes (1916-1977), também conhecido apenas por Paulo Emilio, escritor e um dos mais importantes críticos de cinema brasileiros do século XX. Paulo Emilio frequentou, entre os anos 30 e os anos 50, os meios cinefilos europeus (mormente o parisiense) e quando voltou ao Brasil integrou o grupo que presidiu à criação do que veio a ser a Cinemateca Brasileira. A sua obra escrita anda a ser reeditada pela editora Cosac Naify - a caixa pode ser comprada na loja virtual do site da editora - e é nesse contexto que surge esta Caixa Paulo Emilio. Constituída, em primeiro lugar, por dois livros, que formam uma espécie de díptico. "Jean Vigo", talvez a mais profunda e completa monografia

"Zero em Comportamento" e "L'Atalante"



www.aecocledaonline.pt A ESCOLA DA NOITE http://weblog.aecocledaonline.pt

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA 1910 | 2010

SABINA
de
Anselmo Teófilo Gomes
FRUIRE
em concertos
na cidade

Teatro Cima (Braga) 30 Oct
Teatro de São Bernardo (Coimbra) 19 Nov
3. Day

MIC
TIPON
www.cth.pt
http://compartilhadositebraga.blogspot.com



"Dante 01": uma criação espantosa, quase sem diálogos e puramente física, de Lambert Wilson

alguma vez escrita, seja lá em que parte do mundo for, sobre o lendário cineasta francês que morreu de tuberculose em 1934, com 29 anos, deixando uma obra tão pequena (uma longa, três curtas ou médias) como influente. O livro, dedicado a Henri Langlois e Ernest Lindgren (dois "país" das cinematecas) resultou de um trabalho de investigação minucioso (para não dizer "maniaco"), foi editado no anos cinquenta, em Paris, e originalmente escrito em língua francesa. Foi premiado na altura, mas o maior "prémio" foi um elogio do então muito jovem François Truffaut: "o mais belo livro de cinema que já li". Merece o epíteto, certamente. O contexto, o enquadramento e o pormenor com que Paulo Emílio segue a vida e a obra de Jean Vigo são de uma excepcional riqueza. A edição inclui alguns textos sobre o próprio Paulo Emílio, bem como, escrita de propósito para este livro, uma breve nota de Manoel de Oliveira, um dos muitos cineastas tocados pela poética de Vigo, e que o trata como um contemporâneo ("ele nasceu em 1905 e eu nasci em 1908").

O outro livro incluído na edição é "Vigo, Vulgo Almereyda", sobre o ambiente familiar em que nasceu e cresceu o jovem Vigo, e especialmente sobre o seu pai, o célebre anarquista catalão Eugeni Vigo, também conhecido como Miguel Almereyda, nome de guerra. Este livro, que Paulo Emílio concebeu como parte integrante do seu estudo sobre Jean Vigo, publica-se pela primeira vez na íntegra, já que nos anos 50, a pedido do editor, o que saiu ao público foi uma versão resumida.

Ler sobre Vigo é ainda melhor se for acompanhado pela possibilidade de ver Jean Vigo. Em dois DVDs embutidos na capa interior de "Jean Vigo" aparece-nos toda a obra do cineasta francês. O seu cartão de visita, "À Propos de Nice" (1929), terno e provocador, não necessariamente surrealista mas, a espaços, parente da fantasia buñueliana do "Chien Andalou", seguramente "vanguardista" e sofisticado (o uso da montagem, decisivo). O estranho lirismo de "Taris" (1931), documentário sobre um campeão de natações francês; e dois verdadeiros "monumentos", os célebres "Zero em Comportamento" (1933), subversivo elogio da rebeldia num internato para crianças e adolescentes (custa a acreditar, mas o filme esteve proibido em França até depois da II Guerra) e "L'Atalante" (1934), um daqueles títulos com lugar cativo em todas as listas de "melhores filmes de todos os tempos", interpretado pelo inextinguível Michel Simon. É porventura o apogeu do "realismo poético", essa coisa que os franceses inventaram e praticaram melhor do que ninguém até ao

momento em que eles próprios deixaram de saber como se fazia. Os DVDs não se ficam por aqui e trazem extras preciosos. Vários depoimentos sobre Paulo Emílio, incluindo um de Lígia Fagundes Telles, viúva dele. Uma entrevista (Rohmer a Truffaut) sobre Vigo e "L'Atalante". E o belo episódio da série "Cineastas do Nosso Tempo" dedicado a Jean Vigo, com assinatura de um dos mais legítimos herdeiros do malgrado cineasta, esse tão grande e tão desconhecido Jacques Rozier.

A edição pode ser comprada em Portugal por encomenda "online" no site da Cosac Naify.

O Messias do espaço

Única realização de Marc Caro, co-autor de "Delicatessen", "Dante 01" é um esforço intrigante mas falhado de ficção científica inédito entre nós. **Jorge Mourinha**

Dante 01
Mar Caro

★★★★★

Extras

★★★★★



Lambert Wilson diz, a certa altura do "making of" surpreendentemente proposto como extra de "Dante 01", que não percebe porque é que há tanta gente que torce o nariz à ideia de "ficção científica made in France", quando há técnicos e equipas de nível mundial a trabalhar em França. E, se é verdade que os galeuses sempre foram fortes no filme policial e se estão agora a começar a dar cartas no cinema de terror, a ficção científica tem sido alvo mais fugidio, apesar de momentos pontuais como o grande "5º Elemento" de Luc Besson.

Primeira realização em solo de Marc Caro, que com Jean-Pierre Jeunet dirigiu "Delicatessen" e "A Cidade das Crianças Perdidas" antes de cada um seguir o seu percurso, "Dante 01" é um daqueles filmes malditos que parece vir com a etiqueta de "culto potencial" de origem. Foi um desastre comercial em França despachado para DVD em praticamente todo o mundo (Portugal inclusive), mas a visão original de Caro terá sido comprometida por problemas de

financiamento que obrigaram o cineasta a improvisar um final diferente do que tinha pensado para o guião que escreveu com o romancista de ficção científica Pierre Bordage. E é verdade que o final é problemático - tanto mais problemático quanto o que ficou para trás era totalmente derivativo mas continha em si as sementes de um objecto bastante intrigante.

Atirando para o mesmo caldeirão os "Alien" 3 e 4 (respectivamente, David Fincher e... Jeunet), "Solaris" (nas iterações Tarkovski e Soderbergh) e os subvalorizados "Sunshine" de Danny Boyle e "O Enigma do Horizonte" de Paul Anderson, e polvilhando tudo com uma pitada de "Big Brother", Caro fala-nos da chegada de um misterioso prisioneiro a uma remota estação espacial propriedade de uma mega-corporação privada, usada como centro de detenção mas também laboratório de experimentação de terapias para assassinos psicóticos. O recém-chegado - uma criação espantosa, quase sem diálogos e puramente física, de Lambert Wilson - foi encontrado à deriva no espaço profundo e tem algo de messiânico, no modo como delira sobre "a luz", parece ser invulnerável e capaz de curar os outros prisioneiros. No "making of" (de 30 minutos, dirigido por Eric Caro, irmão do realizador, e bem interessante mas um tanto ou quanto esquivo, sobretudo porque os problemas de produção nunca são evocados e o próprio Marc Caro pouco intervém), Pierre Bordage detém-se sobre a simbologia das personagens. Os sete prisioneiros da estação evocam os sete pecados capitais mas também os sete chakras, ou centros de energia, e os seus nomes foram retirados às mitologias panteístas globais (Buda, Lázaro, Rasputine) - o que bate certo com o agradecimento nos créditos ao místico Alejandro Jodorowsky, que colaborou numa versão embrionária do guião.

Mas Bordage fala também da necessidade desse simbolismo estar ligado a uma narrativa exequível e acessível - e é aí que a porca torce o rabo, porque "Dante 01" submete-se em excesso à componente simbólica que o final apressado e decepcionante praticamente cristaliza, quando é no virtuosismo visual e ambiental de Caro que o filme se ganha, no tom opressivo e claustrofóbico e nas visões alucinadas (mas nunca explicadas) que imprimem à história um lado perturbante de sonho acordado. Não deixa de ser um bom esforço que vai abaixo à vista da meta, apresentado numa cópia de boa transcrição no geral correctamente legendada, apesar de uma ou outra desatenção dispensável, e com o "making of" como único extra.



NOVEMBRO 2009

Casa da América Latina

Arte PARAGUAI: A SUA TERRA, A SUA GENTE

3 NOV | 18 DEZ | Na Casa da América Latina
Exposição colectiva dos fotógrafos Juan Carlos Meza, Luis Vera, Carlos Bittar, Gabriela Zucolillo, Javier Verdolini e Fernando Allen

Literatura GOING CARIBBEAN

4 NOV | Qua | **18h30** Na Casa da América Latina
Mesa integrada no colóquio Going Caribbean. Com a presença do escritor cubano Amir Valle

Rádio ALEPH

Um ponto no espaço. Um espaço de encontros.

12 NOV | Qui | **19h00** Na Casa da América Latina
Gravação ao vivo com o jornalista Paulo Sérgio dos Santos.
Convidados: Pedro Saglimbeni Muñoz, Horacio Puebla e José Mário Silva

Literatura CLUBE DE LEITURA DAS AMÉRICAS

Livros que vêm dos mares do sul

16 NOV | Seg | **18h30-20h00**
Na Casa da América Latina
2666, de Roberto Bolaño, moderado por José Mário Silva.

Música HOMENAGEM A VILLA-LOBOS

17 NOV | Ter | **21h30** Na Casa da América Latina
Concerto no centenário do falecimento do compositor pelo Quarteto Ibero-Americano de Lisboa

Encontro IV FÓRUM IBERO-AMERICANO DE GOVERNOS LOCAIS

Inovação Municipal: uma saída para a crise

19 e 20 NOV | Qui e Sex | **19h00** No Palácio Foz
Co-organização: Associação Nacional de Municípios Portugueses / Câmara Municipal de Lisboa / SEGIB / Ministério dos Negócios Estrangeiros

Literatura A EUROPA NA LITERATURA LATINO-AMERICANA

A cidade de Istambul em Luís Sepúlveda

23 NOV | Seg | **19h00** Na Casa da América Latina
Leitura encenada

Encontro SEMINÁRIO ENERGIA IBERO-AMERICANA 2050

Inovação para um Futuro Sustentável

26 NOV | Qui | **10h00 - 18h00**
No Museu da Electricidade

Conhecimento REVISTA MIGRAÇÕES

26 NOV | Qui

18h30 Na Casa da América Latina
Lançamento de número temático sobre migrações entre a América Latina e Portugal

Co-Organização:



Parcerias:



Apoio:



Avenida 24 de Julho, 118-B - Tel. 21 395 53 09
geral@c-americalatina.pt - www.c-americalatina.pt

COMUNA TEATRO de pesquisa

REPOSIÇÃO A PARTIR DE 5 DE NOVEMBRO

*Querida Professora
Helena Serguicierna*
de Ludmila Razumovskaia

versão cénica e encenação: João Mota
interpretação: Hugo Franco, Marco Polva,
Nária Ana Filipe, Rui Neto e Tânia Alves

4ª a Sábado às 21h30
Domingos às 16h

Telefone Reservas:
21 722 17 70/7/9

teatrocomuna@sapo.pt
www.comunateatropesquisa.pt

Bilhetes à venda
na Ticketline M/16

temporada
gulbenkian
de música 09'10

29

21h00 * Grande Auditório

30

19h00 * Grande Auditório

out.

Orquestra Gulbenkian

Simone Young maestrina

Kyryl Zlotnikov violoncelo

obras de:

Brahms, Britten, Schubert

02

19h00 * Grande Auditório

nov.

Grigory Sokolov

piano

obras de:

Schubert, Schumann

05

21h00 * Grande Auditório

06

19h00 * Grande Auditório

nov.

Coro e Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster maestro

Arianna Zukerman soprano

Simona Ivas meio-soprano

Adam Zdunikowski tenor

Luís Rodrigues barítono

Alice Caplow-Sparks corne inglês

obras de:

**Mendelssohn-Bartholdy,
Beethoven, Schubert, Salieri**



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

verificação de bilhetes:
www.musica.gulbenkian.pt

Antena 2